

GLÓRIA ELIZABETH SALDIVAR DE PACHECO

**AUGUSTO ROA BASTOS:
O FAZER LITERÁRIO COMO INTERPELAÇÃO DA
HISTÓRIA PARAGUAIA**

PORTO ALEGRE

2006

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DE LITERATURA
ESPECIALIDADE: LITERATURA COMPARADA
LINHA DE PESQUISA: LITERATURA IMAGINÁRIO E HISTÓRIA**

**AUGUSTO ROA BASTOS:
O FAZER LITERÁRIO COMO INTERPELAÇÃO DA
HISTÓRIA PARAGUAIA**

GLÓRIA ELIZABETH SALDIVAR DE PACHECO

ORIENTADORA: PROFa. DRa. MÁRCIA HOPPE NAVARRO

Dissertação de Mestrado em LITERATURA
COMPARADA, apresentada como requisito
parcial para a obtenção do título de Mestre pelo
Programa de Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**PORTO ALEGRE
2006**

Para José, sempre carinhoso e paciente.

Para os meus afetuosos familiares, em especial, para o meu pai, *in memoriam*.

Para a Profa. Márcia Hoppe Navarro, pela dedicação e pelo incentivo.

RESUMO

Diante do contínuo desafio de interpretar o nosso tempo e suas contingências, emerge a certeza de que indagar o passado em todas as suas dimensões políticas, sociais e econômicas é uma estratégia necessária. Neste sentido, a literatura e a historiografia têm se dedicado à representação dos acontecimentos históricos ao longo dos séculos. Embora tenham princípios e objetivos diferentes, ambos os domínios contribuem para elucidar a complexidade que encerra o processo histórico e viabilizar o conhecimento sobre o passado. No entanto, com o predomínio do positivismo nas ciências, o discurso literário tem sido desprezado como um espaço legítimo de problematização do passado, em razão de articular fatos verídicos e fictícios. Desde então, a historiografia positivista se consolidou como a única verdade sobre a história. Durante o século XX, contudo, a literatura cumpriu um papel importante na América Latina, que esteve dominada por cruentas ditaduras. Enquanto os historiadores eram relapsos nas suas atribuições, ao omitirem e/ou manipularem fatos e personagens; os escritores recriavam muitos episódios de resistência e luta das classes populares, impedindo que estes fossem esquecidos, o que prejudicaria a formação da consciência histórica. Neste contexto se inscreve a obra de Augusto Roa Bastos, que transforma a história paraguaia em seu principal recurso criativo, questionando a presença insignificante do povo e suas lutas no discurso histórico, assim como a legitimidade do poder ditatorial. Com este mesmo espírito crítico analisamos os contos *El trueno entre las hojas* e *La excavación*, que retratam as rebeliões de trabalhadores, os presos políticos e a motivação econômica por trás da Guerra do Chaco, em comparação com os respectivos registros de quatro livros de história paraguaia alinhados com o discurso oficial. Constatamos que apesar das informações pertinentes, as narrativas históricas são insuficientes por si só para a reconstrução da história e que, para este processo, os textos de Roa Bastos são valiosos porque ensinam a reflexão sobre os eventos mediante outros enfoques. Portanto, somente a articulação de várias interpretações em torno de seu passado permitirá à humanidade chegar mais próximo da verdadeira história.

Palavras-chave: Augusto Roa Bastos, História do Paraguai, Literatura vs. História.

RESUMEN

Ante el continuo desafío de interpretar nuestro tiempo y sus contingencias, emerge la certeza de que indagar el pasado en todas sus dimensiones políticas, sociales y económicas es una estrategia necesaria. En este sentido, la literatura y la historiografía se han dedicado a la representación de los acontecimientos históricos a lo largo de los siglos. Aunque tengan principios y objetivos diferentes, ambos dominios contribuyen para elucidar la complejidad que encierra el proceso histórico y viabilizar el conocimiento sobre el pasado. Pero, con el predominio del positivismo en las ciencias, el discurso literario ha sido despreciado como un espacio legítimo de problematización del pasado por articular hechos verídicos y ficticios. Desde entonces, la historiografía positivista se consolidó como la única verdad sobre la historia. Durante el siglo XX, sin embargo, la literatura cumplió un papel importante en América Latina, que estuvo dominada por cruentas dictaduras. Mientras los historiadores eran relapsos en sus atribuciones, omitiendo y/o manipulando hechos y personajes; los escritores recreaban muchos episodios de resistencia y lucha de las clases populares, impidiendo que fueran olvidados, lo que perjudicaría la formación de la conciencia histórica. En este contexto se inscribe la obra de Augusto Roa Bastos, que transforma la historia paraguaya en su principal recurso creativo, cuestionando la presencia insignificante del pueblo y sus luchas en el discurso histórico, así como la legitimidad del poder dictatorial. Con este mismo espíritu crítico analizamos los cuentos *El trueno entre las hojas* y *La excavación*, que retratan las rebeliones de trabajadores, los presos políticos y la motivación económica en la Guerra del Chaco, comparándolos con los respectivos registros de cuatro libros de historia paraguaya alineados con el discurso oficial. Constatamos que a pesar de las informaciones pertinentes, las narrativas históricas son insuficientes por sí solas para la reconstrucción de la historia y que, para este proceso, los textos de Roa Bastos son valiosos porque propician la reflexión sobre los eventos mediante otros enfoques. Por tanto, solamente la articulación de varias interpretaciones en torno a su pasado permitirá a la humanidad llegar más próximo de la verdadera historia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 LITERATURA E HISTORIOGRAFIA: EM TORNO DA REFORMULAÇÃO DO PASSADO	10
2 A LITERATURA COMO REFÚGIO DA MEMÓRIA COLETIVA NO CONTEXTO PARAGUAIO	20
3 PARAGUAI & AUGUSTO ROA BASTOS: TRAJETÓRIAS EM DIÁLOGO	27
4 RETRATOS DA HISTÓRIA PARAGUAIA	36
4.1 EL TRUENO ENTRE LAS HOJAS	39
4.1.1 AGITAÇÕES PROLETÁRIAS	41
4.2 LA EXCAVACIÓN	52
4.2.1 GUERRAS FRATRICIDAS	53
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS	67
ANEXOS	70

INTRODUÇÃO

A literatura constitui um campo bastante particular do conhecimento humano que se integra na estrutura da sociedade absorvendo e exercendo os mais diversos influxos, de tal maneira que o dinamismo e a complexidade crescentes da atual realidade social estão impregnados na configuração da obra literária contemporânea. Esta correlação é tão profunda que nenhuma outra produção cultural consegue apresentar tanta riqueza humana quanto a literatura, que potencializa toda a expressividade de uma língua e representa com intensidade o indivíduo em suas contraditórias relações sociais. Conseqüentemente, interpretar a literatura contemporânea se transforma em um desafio cada vez maior, da mesma forma que interpretar a própria realidade humana, o que exige do estudioso das letras a constante renovação dos seus referenciais teórico-metodológicos.

Diante dessas circunstâncias, para multiplicar e enriquecer as perspectivas de estudo do fazer literário é indispensável buscar alianças com outras áreas do saber, especialmente com as ciências humanas. Nesse sentido, como nos diz Tania Carvalhal¹, a Literatura Comparada se apresenta como um espaço propício para as investigações interdisciplinares devido a sua história como disciplina de natureza mediadora. O enfoque comparativista permite empreender leituras mais esclarecedoras da obra literária, além de contribuir significativamente para a definição do literário com respeito a outras expressões humanas. A interdisciplinaridade se mostra, sobretudo, como o caminho necessário e mais adequado para a compreensão dos sentidos mesmos da existência humana.

Seguindo essas coordenadas, propomos uma reflexão em torno da transformação de fatos históricos em tema das narrativas literárias, examinando os recursos mobilizados na representação dos acontecimentos passados com respeito à historiografia. E o narrador paraguaio Augusto Roa Bastos é o autor privilegiado para este empreendimento por duas razões. A primeira é de natureza pessoal, pois ler sua obra significa voltar às raízes e reconhecer-me como sua saudosa compatriota. A outra é de caráter institucional, já que nesta casa, até hoje, pouquíssimos trabalhos tem sido dedicados às letras paraguaias; portanto, trata-se

também de dar a conhecer o Paraguai por meio de sua produção literária. E nada melhor do que começar por Roa Bastos, um dos escritores mais representativos da literatura paraguaia, a quem dedicamos uma sincera homenagem aos dezenove meses de seu falecimento.

Optamos pela obra intitulada *El trueno entre las hojas* (1953), porque a partir desta coleção de contos Roa Bastos começa a revelar seus dotes de exímio narrador, passa a ser conhecido no contexto literário latino-americano e, ao encontro de nossa proposta, se inicia no exercício ficcional aliado à especulação da história paraguaia. Do conjunto de dezessete relatos, selecionamos dois para a análise propriamente dita; um deles é *El trueno entre las hojas*, o principal em temática, profundidade no tratamento da matéria histórica e extensão; o outro é *La excavación*, que se destaca pela sua intensidade dramática. A análise destes dois textos é o núcleo da dissertação, organizada nos seguintes capítulos.

No capítulo um estão expostos os recursos teóricos básicos que guiaram o nosso enfoque analítico, em especial, os esboçados por Walter Benjamin, Hayden White e Jacques Le Goff, como representante do grupo dos *Annales*. Destes autores são referidas as concepções que interessam exclusivamente à realização do trabalho, sendo Hayden White o mais citado porque seu estudo sobre as relações entre literatura e história foi essencial para elucidar a maior parte dos questionamentos surgidos na comparação das respectivas estratégias discursivas, particularmente quanto aos tradicionais critérios de verdade. E conforme o espírito transdisciplinar desta proposta, o segundo destaque é para o texto de Le Goff, uma vez que os aportes teóricos de exponentes da historiografia contemporânea nos forneceram os principais argumentos para criticar certos modos de fazer história.

O discurso literário e o discurso histórico em sua relação com a história da América Latina e, mais especificamente, com a história do Paraguai, é o ponto central do capítulo dois. Com o auxílio do crítico Roque Vallejos e do próprio Augusto Roa Bastos, investigamos alguns dos fenômenos que tornaram a literatura paraguaia o espaço preferencial para problematizar os eventos históricos e contribuir decisivamente no processo de formação da memória coletiva, assumindo, muitas vezes, o lugar da prática historiográfica.

¹ CARVALHAL, Tania Franco. *O próprio e o alheio*. Porto Alegre: Unisinos, 2003. P. 36.

Com o objetivo de oferecer subsídios que otimizem a leitura da análise dos contos em questão, no capítulo três apresentamos uma narração de passagens da história paraguaia conjugadas com a vida do autor. Salientamos, porém, que não se trata de um relato exaustivo, porque a nossa intenção é apenas articular elementos históricos e biográficos que sejam pertinentes para a interpretação dos contos e para o reconhecimento das circunstâncias criativas de Augusto Roa Bastos.

Na mesma linha, antes da apresentação dos resultados analíticos, o capítulo quatro traz os resumos dos relatos escolhidos, *El trueno entre las hojas* e *La excavación*, baseados na edição paraguaia de 1997. Dos textos críticos, o de Rubén Bareiro Saguier recebe mais notoriedade, porque está vinculado a uma importante entrevista com Roa Bastos. Para os procedimentos comparativos de representação dos eventos passados, selecionamos quatro obras dedicadas à história paraguaia, cujos autores são Gomes Freire Esteves, Víctor Natalicio Vasconsellos, Julio César Chaves e Luis G. Benítez. Graças à autorização governamental, estes livros são algumas das principais fontes de consulta de alunos do ensino fundamental e médio em escolas públicas, o que atesta a afinidade de seus conteúdos com o discurso histórico oficial, razão pela qual foram escolhidos.

Em seguida, as últimas considerações em torno dos pontos relevantes dos capítulos que, articulados, apontam para o modo peculiar de fazer literatura de Augusto Roa Bastos, integrando com maestria à ficção a indagação da realidade histórica paraguaia. No sombrio caminho do exílio, escrever significou para o escritor um verdadeiro ato de resgate de sua nacionalidade. *En cuanto a su ocupación más estable, al parecer su verdadera vocación, la literatura, cree seriamente que ella es en lo esencial una manera de vivir, una manera de actuar, es decir, una manera de realizarse, de ser.*²

² ROA BASTOS, Augusto. Roa Bastos por Roa Bastos. In: BAREIRO SAGUIER, Rubén. *Augusto Roa Bastos: caídas y resurrecciones de un pueblo*. Montevideo: Trilce, 1989. p. 27.

1 LITERATURA E HISTORIOGRAFIA: EM TORNO DA REFORMULAÇÃO DO PASSADO

Ao longo dos séculos, diante da indiscutível necessidade de construir uma memória coletiva, muitas indagações surgiram a respeito da difícil apreensão dos efeitos da passagem do tempo na vida humana. Walter Benjamim³, em sua tese sobre a concepção da história, por exemplo, argumenta que o passado é apenas uma imagem reconstruída a partir de fragmentos dispersos da verdadeira experiência humana com a temporalidade. Em outras palavras, é a sua natureza escorregadia a que não permite recuperar o passado em toda sua magnitude, pois somente ficam vestígios incompletos e insuficientes que impossibilitam recompor os fatos transcorridos em suas reais dimensões. Gabriel García Márquez, em seu genial romance "*Cien años de soledad*", nos propõe uma interessante reflexão sobre o tema quando se refere aos drásticos resultados da peste da insônia em Macondo:

[...] lo más terrible de la enfermedad [...] no era la imposibilidad de dormir [...] sino su inexorable evolución hacia una manifestación más crítica: el olvido. [...] empezaban a borrarse de su memoria los recuerdos de la infancia, luego el nombre y la noción de las cosas, y por último la identidad de las personas y aun la conciencia del propio ser; hasta hundirse en una especie de idiotez sin pasado.⁴ (O que está sublinhado é nossa ênfase)

Sem a pretensão de esgotar as possibilidades de leitura do fragmento, destacamos apenas as palavras que se relacionam de maneira significativa na misteriosa equação entre memória e esquecimento. Sabemos que a memória não garante uma fiel recompilação das vivências, só conseguindo reter imagens soltas, muitas vezes desconectadas umas das outras. Esta é a razão pela qual, desde os primórdios, o ser humano sente a necessidade imperiosa de complementar os arquivos da memória com outros recursos, tais como pinturas rupestres, sinais pictográficos, desenhos, fotografias, cartas, diários, objetos representativos, relatos familiares, etc. Trata-se, sobretudo, de desafiar a desmemória, que nos levaria irremediavelmente para um estado de idiotice, como nos diz García Márquez. Na visão do escritor colombiano, a desmemória é um processo gradativo e dramático

³ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 224.

que implica a perda das referências sociais e humanas que constroem a nossa subjetividade.

A estreita relação entre memória e identidade ganha complexidade quando passamos do plano individual ao coletivo, uma vez que as dificuldades se multiplicam na hora de recuperar e documentar os acontecimentos que atingiram uma comunidade. Neste caso, preservar as referências identitárias comuns se converte em um desafio de proporções gigantescas, pois implica evitar a rápida evasão de informações sociais, culturais, lingüísticas, etc. que conferem sentido às ações de um povo. Por outro lado, estabelecer critérios de seleção e explicação dos fatos, e organizar o conhecimento obtido neste processo também apresentam diversos obstáculos, principalmente quando se trata de atingir objetividade e neutralidade.

Contudo, toda essa problemática tem ocupado e aproximado desde sempre dois campos do saber humano, a literatura e a história. Cada qual com seus fundamentos teóricos, procedimentos e objetivos específicos, se propôs a capturar a evanescente materialidade do tempo em sua conjunção com o devir humano, para convertê-la em texto, em literatura e em história. E neste intrincado caminho, escritores e historiadores também coincidiram na forma de estruturar os saberes obtidos a partir da investigação dos eventos. Assim, a narrativa foi escolhida como a modalidade de conhecimento mais adequada para intermediar o encontro da humanidade com o seu passado.

Apesar das afinidades entre ambas as práticas discursivas, a ficção e a historiografia apresentam divergências importantes nas suas trajetórias. A mais polêmica, por exemplo, foi herdada do positivismo, cujos princípios foram incorporados pelo discurso histórico na busca de um estatuto científico. Trata-se do caráter de única fonte verdadeira sobre o passado atribuído ao discurso histórico positivista, em detrimento do discurso literário, limitado à fantasia. Os historiadores tradicionais argumentam que sua reconstituição do passado é um processo objetivo, baseado em documentos autênticos⁵, sem a interferência da imaginação do sujeito. A literatura, pelo contrário, não pode ser considerada uma fonte confiável sobre o passado, pois articula fatos reais e imaginários, ou seja, falta-lhe o caráter documental. Sobre as origens desta radical separação entre as

⁴ GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Cien años de soledad*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1976. p. 49.

⁵ LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 36.

duas áreas, Hayden White⁶, traça um breve mas sólido panorama em que observamos, primeiramente, na historiografia, as condições que determinaram o conflito e o distanciamento entre duas formas de estudar e escrever a história.

Segundo o crítico americano, a prática historiográfica do século XVIII era considerada uma arte literária, formando parte da retórica; e os teóricos reconheciam e aceitavam a necessidade de recorrer a técnicas ficcionais para representar os acontecimentos reais no discurso histórico. Havia um consenso de que as verdades da história só poderiam chegar de forma adequada ao leitor mediante recursos poéticos, tais como artifícios retóricos, tropos, figuras e esquemas de palavras, etc. Conseqüentemente, uma obra de caráter histórico era avaliada não só pela sua erudição e seu teor investigativo, mas também pela habilidade no manejo das técnicas literárias. Portanto, não se discutia a oposição entre realidade e imaginação, tampouco se buscava equiparar com rigor o evento à verdade; o que preocupava os historiadores era construir a verdade a partir da combinação entre o fato, a matriz conceitual e a articulação coerente dessa verdade no discurso.

No início do século XIX, porém, os fundamentos da historiografia tomaram rumos opostos. Esta reviravolta aconteceu devido à responsabilização do pensamento histórico anterior pelos excessos e fracassos da Revolução Francesa, ou seja, pelas interpretações muito otimistas da história, pelo conhecimento insuficiente da natureza do processo histórico, pelas expectativas irrealistas sobre a evolução das sociedades, etc. Partidários de esquerda e de direita concordaram que interpretar o registro histórico devia estar acima de questões ideológicas e, portanto, era preciso desmistificar o estudo da história encontrando um ponto de vista neutro e realista para o seu registro e sua interpretação. Desde então, os historiadores deviam exorcizar de seu trabalho qualquer traço fictício, abstando-se das técnicas poéticas e dos procedimentos intuitivos na sua representação da realidade. Eles passaram a acreditar que podiam se desvencilhar de influxos ideológicos e permanecerem fiéis aos fatos para produzir um conhecimento histórico tão objetivo quanto um problema matemático. Como diz White, não tinham a compreensão de que *os fatos não falam por si mesmos, mas que o*

⁶ WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso*. São Paulo: Edusp, 1993. p.137-51.

*historiador fala por eles, fala em nome deles e molda os fragmentos do passado num todo cuja integridade é — na sua representação — puramente discursiva.*⁷

Assim começava a desenhar-se o percurso da história como a ciência realista por excelência, assumindo exclusivamente o estudo do real em contraposição ao estudo do possível no campo literário. A convicção de que o empirismo é a única via de acesso à realidade e a certeza de que esta pode ser percebida de forma direta em uma estrutura coerente em si mesma, são algumas das pré-concepções que têm fundamentado a separação tradicional entre literatura e história como tipos opostos de verdade.

Entretanto, White sustenta que o discurso histórico tem muito em comum com o discurso romanesco, valendo-se das mais recentes reflexões da teoria literária em torno da necessidade de superar a distinção entre duas formas consagradas de comportamento lingüístico para reforçar a sua argumentação. Diferenciar prosa e poesia perdeu sentido porque as duas, de maneira semelhante, constituem os seus objetos de representação, refletem o exterior e projetam os estados emocionais do sujeito. Desta constatação, White conclui que há entre a literatura e a história a mesma problemática, pois é a linguagem que está na base de todos os questionamentos, como verdadeiro *instrumento de mediação entre a consciência e o mundo habitado pela consciência*⁸. As grandes obras de ficção têm o mérito de abordar não só um tema de forma explícita, como também refletir sobre a própria linguagem em sua complexa relação com a consciência e a realidade, incluindo a linguagem do escritor. Por outro lado, a ingenuidade de tratar a linguagem como um veículo transparente da representação, sem nenhuma bagagem cognitiva própria, talvez tenha sido o maior erro dos historiadores positivistas, na opinião de White.

*[...] o próprio uso da linguagem implica ou acarreta uma postura específica perante o mundo que é ética, ideológica ou política de um modo mais geral: não apenas toda interpretação, mas também toda linguagem, é contaminada politicamente*⁹.

⁷ WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso*. São Paulo: Edusp, 1993. p.141.

⁸ Ibidem, p. 142.

⁹ Ibidem, p. 145.

A resistência dos historiadores científicos pode estar ligada à sua hostilidade com a própria teoria, pois os filósofos da história são desprezados por apoiarem-se em uma estrutura teórica para explicar a relação entre os fatos e os conceitos, esquecendo que todo discurso histórico traz consigo, de forma explícita ou implícita, uma filosofia da história. Desta forma, mais uma divisão arbitrária se tornou convencional: entre a historiografia narrativa, ou diacrônica, e a representação histórica conceitual, ou sincrônica. Estes modos historiográficos diferentes, ou seja, formas específicas de ordenar os fatos contidos na crônica dos eventos, demonstra que esses mesmos fatos podem receber sentidos distintos, tal qual acontece com os diferentes modos ficcionais. Além disto, conforme White, no texto historiográfico, é possível identificar com maior facilidade esses modos que no texto literário, já que os historiadores trabalham, em geral, com uma autoconsciência muito menos lingüística e, portanto, menos poética, do que os romancistas.

Os fatos históricos não existem senão como um amálgama de fragmentos que devem ser agrupados em uma totalidade de um tipo particular, e não de um tipo geral. Assim também são agrupadas as fantasias produzidas pela imaginação do escritor com o objetivo de revelar um mundo ordenado. E fundir eventos, imaginários ou reais, numa totalidade compreensível para converter-se em objeto de uma representação é um processo poético, o que aproxima o escritor de um romance do escritor de uma história, uma vez que ambos tentam construir uma imagem verbal da realidade. O que pode distingui-los, sim, é a forma como cada qual apresenta a sua concepção do real. Ou seja, o romancista tem a liberdade de fazê-lo indiretamente, por meio de técnicas figurativas; já o historiador tem o compromisso de registrar proposições que correspondam fielmente aos acontecimentos.

Dessa comparação, White conclui que o cerne do conflito está na articulação entre uma verdade de coerência, identificada com o discurso literário, e uma verdade de correspondência, associada ao discurso histórico. Uma separação absoluta entre essas formas de verdade seria impensável, pois toda ficção precisa atingir um certo grau de correspondência para sustentar-se como discurso válido sobre a realidade humana, assim como o historiador deve também estar atento a padrões de coerência para que a sua escrita seja plausível como relato histórico. Desta maneira, todo discurso escrito, seja literário ou histórico, *se mostra cognitivo em seus fins e mimético em seus meios*, permitindo considerar que neste aspecto a

*história não é menos uma forma de ficção do que o romance é uma forma de representação histórica*¹⁰. O reconhecimento por parte de expoentes da teoria crítica contemporânea de que "poetizar" representa um modo de práxis no qual se fundamenta toda atividade cultural e a própria ciência, é o principal argumento contra a idéia da ficção como a antítese do fato, tal qual a superstição/magia como a antítese da ciência. Até certo ponto, a diferença entre eventos ficcionais e eventos históricos é meramente convencional, pois tanto escritores quanto historiadores tratam de sucessos observados em coordenadas temporais e espaciais específicas; mas os primeiros têm a possibilidade de trabalhar também com situações imaginadas.

Embora reconheça que essa distinção é simplificadora, White não se estende mais tentando explicá-la, por acreditar que, na atualidade, o centro das discussões não está mais na natureza dos tipos de acontecimentos com que se ocupam historiadores e escritores. Tendo em vista a natureza textual da literatura e da história, com esquemas de narração e compreensão similares, o que interessa discutir agora é o grau em que seus discursos se correspondem quanto ao uso de estratégias de composição discursiva idênticas, embora na superfície possam parecer diferentes. Ele confronta e analisa certas operações de linguagem que caracterizam os dois campos, tentando determinar em que medida se afastam e/ou se aproximam na sua relação com o passado humano.

Os grandes historiadores clássicos reconheciam que era possível descrever um conjunto de fatos de formas variadas, sendo todas legítimas, pois não existe uma única descrição original e exata de qualquer coisa, com base na qual poderia ser interpretada objetivamente. Na verdade, seja na literatura ou na história, todas as descrições originais de um campo de fenômenos já são interpretações da sua estrutura, e o modo lingüístico de uma descrição original privilegia implicitamente certos modos de representação e modos de explicação, excluindo outros. Os modos de representação correspondem às possibilidades de estruturar o enredo para mostrar "como as coisas se revelaram o que são"; o romance é um exemplo. Já os modos de explicação constituem os diversos instrumentos analíticos que podem definir o argumento formal do "motivo por que as coisas se revelaram o que são"; para exemplificar, temos a conexão causal mecanicista. Diante do feixe de

¹⁰ WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso*. São Paulo: Edusp, 1993. p.138.

alternativas para descrever, narrar e analisar os fenômenos, os profissionais da literatura e da história empenhados em esclarecer eventos passados devem possuir um bom conhecimento dos protocolos lingüísticos para que consigam escolher adequadamente entre os modos de representação e de explicação existentes. Também devem estar conscientes de que todos são caminhos válidos mas diferenciados para conhecer a realidade, já que cada qual revela certos aspectos dessa realidade e omite outros. Em suma, na hora de escrever uma obra literária ou uma obra histórica, os narradores convergem quanto ao uso das mesmas modalidades de representação, dos mesmos protocolos discursivos.

Além dos parâmetros de verdade e das estruturas discursivas abordados por White, outros dois aspectos são alvo de constantes questionamentos nas narrativas literária e histórica: a organização temporal e a definição dos protagonistas. Para Benjamin¹¹, a historiografia positivista elabora uma história através da disposição de fatos num tempo cronológico linear, homogêneo e vazio. Uma noção de tempo que produz a falsa imagem eterna do passado, como se fosse intocável, intransponível. De tal modo que se transforma em uma prática discursiva identificada com uma prática político-ideológica favorável às classes burguesas. Desta aliança resulta uma história escrita pelos vencedores e para os vencedores, como se fosse "a história", não aceitando nenhuma controvérsia, uma vez que representa a única verdade sobre os acontecimentos. Já os vencidos, as classes operárias em geral, são obrigados a considerar sua uma história que, a seu respeito, mente, humilha e esquece.

Mesmo desdenhada como área de saber, devido à presença explícita da subjetividade na sua prática discursiva, a literatura não escapou da irradiação positivista. A estrutura narrativa dos romances do realismo europeu, por exemplo, se baseia em uma noção de tempo linear, pois as ações são, em geral, dispostas em estrita ordem cronológica. Além disto, também contribuiu para consolidar a ideologia burguesa, pois o romance, em si mesmo, é considerado um fruto da ascensão da burguesia ao poder. Nele, o contexto familiar, os conflitos, os personagens centrais, o individualismo, o materialismo, etc., correspondem ao âmbito burguês.

¹¹ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 231.

Com o advento do modernismo nas letras, no entanto, a literatura tem o mérito de ter sido a primeira a contestar a idéia de tempo associada a uma rigorosa seqüência cronológica, e a propor outras formas de lidar com a temporalidade na sua narrativa. Por outro lado, também inova ao converter-se num espaço alternativo para que as classes oprimidas se manifestem, mesmo implicando uma mediação de neutralidade discutível. Mas, de qualquer maneira, essa mudança de paradigmas começou muito antes que os estudos historiográficos tomassem novos rumos.

As novas perspectivas na historiografia se iniciam através da *École des Annales*, denominação adotada a partir da revista *Annales d'histoire économique sociale*, fundada em 1929 por Lucien Fèbvre e Marc Bloch. Estes historiadores franceses começaram a transpor as desgastadas fronteiras disciplinares e dialogar com as demais ciências humanas no intuito de buscar outros caminhos para as velhas práticas da história: o foco predominante nos grandes acontecimentos como epidemias, crimes, revoluções e guerras; nas histórias das elites, dos estados, das grandes instituições; nas biografias de personagens ligados à política e à diplomacia, etc. O grupo dos *Annales* criticava particularmente o descaso com os processos que antecediam os fenômenos e com a participação do povo na história, cujo lugar fora usurpado pelo Estado para recrutar a memória coletiva e justificar a sua dominação através da história.

Fernando Braudel, Robert Mandrou, Jacques Le Goff, Marc Ferro e outros dão continuidade ao impulso renovador dos *Annales* e passam a construir a chamada História Nova¹², cuja principal característica é a longa duração, um outro modo de pensar o tempo na escrita da história desenvolvido com o auxílio da antropologia. Trata-se de combater o tempo racionalizado, imposto pelos interesses do Estado, e incorporar as diferentes formas de organização temporal existentes em uma mesma sociedade. O tempo passa a ser considerado um fenômeno social total, que exige a definição de conceitos operacionais diversos para cada tipo, ou seja, o tempo das transformações das mentalidades, o tempo da economia, o tempo da política, etc. Desta maneira, os historiadores deixam de lado a ruidosa e movimentada elite dos governantes e poderosos para se deter na história do povo — de menor mobilidade — procurando explicar os grandes fenômenos através da história das colheitas, dos aumentos dos preços, das taxas de natalidade, dos

¹² LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 31-80.

costumes e das crenças, da sobrevivência e das transformações relativas aos grandes grupos humanos, etc. Privilegia-se, então, tudo que se transforma lentamente nas sociedades, quer dizer, a estrutura; porém, a conjuntura não é simplesmente descartada, apenas recebem menor importância as condições imediatas e o momento em que acontecem as transformações.

Com o interesse centrado na história do povo, os historiadores devem vencer as dificuldades que se apresentam, por exemplo, ao estudar comunidades que praticamente não possuem registros escritos de sua trajetória, circunstância que obriga a repensar a noção tradicional de documento — recurso tão valorizado pelo positivismo —, ampliando e diversificando as fontes, e concebendo novas metodologias e abordagens. Deste modo, mais uma vez com a ajuda da antropologia e de outras ciências humanas, elementos muito variados como registros paroquiais, objetos de uso corrente, ferramentas de trabalho, contos e lendas populares, obras literárias, etc., passam a ser adotados como fontes, transformando-se em documentos essenciais para a compreensão da história e da mentalidade de um povo.

Outro aspecto marcante da História Nova é ressaltar a consciência da relação do historiador com o seu próprio tempo, o que deve se manifestar no questionamento da neutralidade de sua prática discursiva com relação aos grupos dominantes e na preocupação em mostrar transparência no seu trabalho, assumindo o compromisso permanente de revelar o poder que permeia o simbólico e o imaginário. Sobretudo, os investigadores precisam sempre ir além do que se apresenta como dado, identificando e interpretando as distintas maneiras de ver e de lidar com a realidade, com o mundo. Neste sentido, Jacques Le Goff¹³ lembra o caráter cumulativo da história, na sua missão de reconstruir o itinerário da civilização junto com o conhecimento adquirido, concentrando, na medida do possível, informações do cotidiano, dados econômicos, demográficos, políticos, culturais, etc. E para este fim, a historiografia precisará correlacionar-se de forma permanente e cada vez mais intensa com outros saberes, cujos múltiplos sistemas de explicação contribuirão para alcançar de fato uma melhor compreensão do fenômeno da temporalidade humana.

¹³ LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 64.

Assim, conclui-se que o discurso histórico já não pode ser reconhecido como a descrição objetiva da história, mas como uma representação da história, definição que o aproxima ainda mais da literatura, um espaço distinto, com características específicas, mas legítimo de problematização do passado. Por isto, nos estudos historiográficos contemporâneos, a obra literária tem o seu valor documental aceito e se converte em fonte válida no processo de reconstrução do passado. É importante, conseqüentemente, ampliar as relações entre ambas as disciplinas, unindo esforços para, por exemplo, derrubar os tradicionais rótulos que, por um lado, reduzem, depreciativamente, o discurso literário ao fictício e, por outro, elevam, indiscriminadamente, o discurso histórico à categoria de verdade absoluta sobre os fatos.

O diálogo entre as duas áreas mostra-se profícuo para multiplicar e enriquecer os caminhos que propiciem um encontro mais significativo da humanidade com o seu passado. Cabe ressaltar, ainda, que, tanto na literatura quanto na história toda articulação histórica do passado tem sempre um caráter contemporâneo, ou seja, responde a uma necessidade humana específica no presente, porque é o presente diante da iminência do amanhã que requer voltar ao passado na busca de referenciais de interpretação.

2 A LITERATURA COMO REFÚGIO DA MEMÓRIA COLETIVA NO CONTEXTO PARAGUAIO

A história contemporânea da América Latina está marcada por uma trágica sucessão de governos ditatoriais. Estes constituíram, na maioria dos casos, uma resposta direta ao clamor das classes dominantes perante o terrível espectro de perder seus privilégios, ou seja, uma ameaça das primeiras centelhas de democracia que emergiam das classes populares. Era necessário, então, empreender uma luta encarniçada contra a perigosa expansão do ideário comunista, para o qual se contava com o generoso apoio financeiro das grandes metrópoles econômicas¹⁴. Tais circunstâncias propiciaram, com certeza, o desfile de inumeráveis ditadores, todos com o mesmo afã de tornar-se absolutos e eternos para o infortúnio de suas vítimas.

Esse sistema de poder fortaleceu-se e manteve-se inabalável ao longo do século XX graças à adoção de um brutal mecanismo de repressão. A cooptação dos meios de comunicação e da prática historiográfica estão entre os inúmeros procedimentos de violência, talvez os mais eficientes para resguardar as estruturas sociais e políticas que sustentavam os ditadores. Por um lado, estes determinavam o grau de informação a que teria direito a população e perpetravam a imagem de um governo pacífico e democrático. Por outro, autodenominavam-se os intérpretes do passado nacional e, conseqüentemente, os herdeiros dos grandes próceres da pátria, legitimando seus mandatos e naturalizando a sua permanência no poder. Os déspotas tentavam, sobretudo, ocultar a existência de movimentos rebeldes e das suas tentativas para derrubá-los, assim como as medidas adotadas para neutralizá-los. Estas evidências deviam ser escondidas para impedir que a população conhecesse os pormenores dos incidentes, o que poderia incitar a sua indignação e dar-lhe motivos para rebelar-se contra a ordem estabelecida.

Nessa abominável tarefa, os poderosos contavam também com a diligente colaboração dos historiadores oficiais, que se ocupavam em esboçar um transcurso

¹⁴ A este respeito, por exemplo, se conta com o registro das atas do Congresso dos Estados Unidos, conforme comentários de Eduardo Galeano sobre o que sucedeu no Chile, *Desde 1970, Kissinger y los servicios de informaciones prepararon cuidadosamente la caída de Allende. Millones de dólares fueron distribuidos entre los enemigos del gobierno legal de la Unidad Popular.* GALEANO, Eduardo. *Las venas abiertas de América Latina*. 56.ed. México: Siglo Veintiuno, 1989. p. 449.

histórico asséptico, sem grandes conflitos. Fiéis à cartilha da velha história com os acréscimos teóricos do positivismo, eram considerados relevantes apenas os fatos em que os protagonistas eram membros das classes dominantes e nos quais, principalmente, eram defendidos seus ideais. As classes populares não tinham heróis representativos em quem espelhar-se, portanto, não confiavam em sua capacidade de insurreição e luta. E como nos diz Galeano, *Se obliga al oprimido a que haga suya una memoria fabricada por el opresor, ajena, disecada, estéril. Así, se resignará a vivir una vida que no es la suya, como si fuera la única posible.*¹⁵ Desta maneira, alheio ao seu presente e ao seu passado, o povo convertia-se, fatalmente, em alvo das piores manipulações políticas, com muito poucas chances de erguer-se e de combater as arbitrariedades às quais era submetido.

Ao converter-se em um espaço de contestação da história oficial, a literatura contribuiu para desestabilizar as ditaduras latino-americanas e impedir que continuassem incólumes no século XXI. Com a certeza de que a realidade é, principalmente, um produto da história, surgiu uma produção literária a serviço das causas populares, cujo maior compromisso tem sido o de reavivar a memória coletiva para decifrar a história e compreendê-la em todo seu processo, sem escamotear fatos nem personagens. Muitos indivíduos e eventos condenados ao silêncio pelo discurso histórico foram transformados em matéria literária e, assim, a sua memória não foi totalmente apagada, deixando um canal aberto para posteriores elucidaciones. Deste modo, impediu-se que a perspectiva do passado da historiografia tradicional conseguisse sedimentar-se e obstruísse a formação de uma verdadeira consciência histórica.

Sabemos que os procedimentos literários de representação e de explicação das experiências humanas no passado são, basicamente, de caráter ficcional; no entanto, é necessário reconhecer a importantíssima contribuição de muitos escritores latino-americanos por terem transformado a história em objeto de suas narrativas. Eles agregaram reflexões de sumo valor para ajudar, por exemplo, a esclarecer acontecimentos ligados à construção da independência e da identidade nacionais¹⁶. Neste sentido, em oposição à sistemática tergiversação histórica

¹⁵ GALEANO, Eduardo. *Las venas abiertas de América Latina*. 56.ed. México: Siglo Veintiuno, 1989. p. 439.

¹⁶ No contexto específico da Hispano-América, podemos citar algumas obras consagradas: *El recurso del método*, do cubano Alejo Carpentier; *Maldito Amor*, da portorriquenha Rosario Ferré; *El otoño del*

empreendida pelos regimes ditatoriais, a literatura conseguiu suprir de forma significativa certas lacunas do discurso oficial, de maneira que essas nações pudessem reencontrar seu próprio caminho rumo à democracia, pois o conhecimento cabal da história é um dos fundamentos da soberania popular.

Como nas demais nações da América Latina, a história paraguaia foi forjada para que estivesse a serviço das classes dominantes, encobrindo muitos dos eventos que poderiam desestabilizar as estruturas político-sociais que as mantinham no poder. No entanto, na opinião do pensador paraguaio Roque Vallejos¹⁷, desde as últimas décadas do século XIX, quando se iniciam as investigações mais sistemáticas do material histórico, até meados do século XX, a narrativa histórica teve uma trajetória particular, em especial com respeito à narrativa literária. Segundo ele, devido às sucessivas tragédias coletivas, à dor e à frustração no presente, causadas pela impotência para resolver os conflitos contemporâneos, os paraguaios estabeleceram uma relação um tanto obsessiva com o passado. Assim, como a conquista do presente se mostrava inviável, se criou o caminho da reconquista do passado, ressuscitando os mortos e conferindo-lhes uma grandeza e uma heroicidade irreais, de tal forma que as derrotas eram lembradas como se fossem vitórias.

Essas foram as bases de um nacionalismo que inspirou os historiadores a escreverem páginas lacrimosas de uma história lendária, bastante apreciada pela sociedade paraguaia da época, apesar de seu tom funerário, uma vez que não ensinava a viver, mas a morrer. Uma história que contribuiu decisivamente para elevar e sustentar esse construto nacionalista, que contrariava os interesses populares, visto que foi muito bem aproveitado por sucessivos governos para, por exemplo, retardar investimentos necessários na melhoria de vida do povo, apelando ao seu espírito heróico perante o sacrifício.

Já no campo da produção literária, embora os símbolos e os episódios nacionais também fossem os temas prediletos de poetas e romancistas, seus trabalhos não repercutiram de modo significativo na tradição cultural do país. Na opinião de Vallejos, as obras pseudoclassicistas e pseudo-românticas da época sucumbiram sem deixar um só verso à posteridade, porque foram incapazes de

patriarca, do colombiano Gabriel García Márquez; *La casa de los espíritus*, da chilena Isabel Allende; e tantos outros exemplos.

¹⁷ VALLEJOS, Roque. *La literatura como expresión de la realidad nacional*. Asunción: El Lector, 1996. p. 29.

erguer-se como receptáculo da vida sentimental ou espiritual de seu povo, além de negligenciarem os ideais estéticos em favor de ideais políticos de duvidoso valor. Assim, essas obras não possuem *status* literário por terem renunciado ao poder vivificador e à vocação liberal da literatura.

Mas o curioso nesse cenário é que as obras escritas com a intenção de serem relatos históricos — e que tiveram um público muito mais receptivo se compararmos com as obras literárias —, são consideradas hoje de pouco valor historiográfico devido ao excessivo uso de recursos literários. No intuito de exaltar os grandes acontecimentos e os grandes homens, os historiadores se deslumbraram com as estratégias poéticas e acabaram deixando em segundo plano os próprios documentos e registros históricos. Assim, entre 1800 e 1930, aproximadamente, a literatura que se produziu no Paraguai não se manteve como tal, e as obras ditas históricas são agora mais apreciadas como literatura.

Então, apesar do copioso material historiográfico e do prestígio do conhecimento histórico em aras do positivismo, o Paraguai quase não teve obras históricas, já que os historiadores *no escribieron ni historia ni literatura, sino una literatura de la historia*¹⁸. Por outro lado, se a natureza estética for o critério determinante, não se pode afirmar que houve literatura. Neste sentido, conclui o crítico paraguaio, o culto demagógico dos heróis nacionais foi extremamente pernicioso para a produção cultural como um todo, provocando a saturação dos temas históricos — por sua excessiva repetição e pelo alto grau de falseamento — e um atraso na evolução espiritual da nação.

Como conseqüência, a partir da década de trinta, a historiografia entra gradativamente em declínio devido ao esgotamento de um enfoque cuja interpretação limitada dos acontecimentos se prestava à manipulação de fatos isolados, sem a captação da totalidade do processo histórico em sua natureza dialética, transcendente e intencional, conforme observa Vallejos¹⁹. Por isso, os historiadores da época fornecem em suas obras dados valiosos sobre a história paraguaia, sem nenhuma dúvida, mas insuficientes para compreender o real impacto dos eventos tanto no passado quanto no presente.

¹⁸ VALLEJOS, Roque. *La literatura como expresión de la realidad nacional*. Asunción: El Lector, 1996. p. 30.

¹⁹ Com base em reflexões de Juan Dávalos e Lorenzo Livieres, *Correo Semanal*, Diário Última Hora, Asunción, p. 25, 27 abr. 1996.

A literatura, por sua vez, recebe aportes de novas correntes literárias e ganha fôlego para iniciar, a partir da década de quarenta, uma tendência que ainda se ocupa de questões passadas, mas privilegia o aspecto ficcional aliado à crítica social. Focando a essência humana e seus conflitos, as páginas literárias, enquanto representação da história, desbancam a historiografia e assumem o seu lugar no desenvolvimento da cultura. Nessa linha, destacam-se os nomes de Julio Correa, Hérib Campos Cervera, Elvio Romero, Gabriel Casaccia y Augusto Roa Bastos. A maioria deles precisou abandonar o território nacional para dar continuidade à sua carreira e, principalmente, escrever com mais liberdade sobre os graves problemas sociais paraguaios. Desse modo, na opinião de Roque Vallejos, *La literatura es la historia contemporánea del Paraguay. Allí están las metáforas de su dolor, los símbolos de su esperanza, el psicoanálisis de su vida convicta por las penurias del sistema social-político y económico*²⁰.

É essa virtude crítica com respeito à realidade histórica paraguaia que caracteriza toda a obra de Augusto Roa Bastos, uma vez que ele recria circunstâncias e personagens de inegável importância no processo histórico nacional, mas que foram deliberadamente ocultados ou deturpados pelos regimes autoritários. São temas constantes das suas narrativas a corrupção, o trabalho em regime de semi-escavidão no campo e na cidade, as rebeliões, as perseguições, os presos políticos, as torturas, os desaparecimentos, os assassinatos. Até certo ponto, ele tornou a sua arte um instrumento de denúncia contra os incontáveis crimes de ditadores paraguaios, especialmente no período de 1930 a 1989.

Roa Bastos também se interessou em discutir a relação do seu trabalho com a prática historiográfica. Para ele, a historiografia²¹ é basicamente a narração do que mudou, procurando descrever e explicar as crises, ou seja, resolvê-las mediante um instrumental hermenêutico que se pretende científico. Em seus contos e romances, pelo contrário, a crise é instaurada premeditadamente para entrever o sentido das crises reais, individuais ou coletivas. Se os historiadores procuram determinar objetivamente as correlações significativas e unívocas dos fatos, Roa Bastos busca subjetivamente os vestígios da história vivida, tentando expressar as significações

²⁰ VALLEJOS, Roque. *La literatura como expresión de la realidad nacional*. Asunción: El Lector, 1996. p. 78.

²¹ BAREIRO SAGUIER, Rubén. *Augusto Roa Bastos: caídas y resurrecciones de un pueblo*. Montevideo: Trilce, 1989. p.146.

múltiplas e simultâneas de um mesmo fato, ou seja, explorando suas ambigüidades, as contradições inevitáveis de todo fato humano.

Ainda sobre literatura e história, a obra mais conhecida e premiada do autor paraguaio, *Yo el supremo*, suscitou incontáveis e acalorados debates sobre a sua verdadeira natureza devido à presença explícita de muitos elementos históricos reais. Ao ser questionado, Roa Bastos afirma que não tem a pretensão de fazer história, senão uma anti-história ou contra-história; quer dizer, uma história do avesso para descobrir por transparência contrastada o que poderia ser verdadeiro através da ficção. *Para tratar de ver en los fragmentos rotos de ese gran espejo oscuro con el que los historiadores y cronistas tratan de reflejar los hechos y los tiempos.*²² Ele ainda salienta que não lhe interessa o aspecto descritivo das crônicas dos eventos históricos, mas o que estes têm de significação mais profunda, possibilitando a auscultação das pulsões da natureza humana em situações críticas. Neste caso, as conjeturas são instrumentos valiosos, porque mobilizam o imaginário, o que contraria os princípios teóricos da historiografia. De qualquer maneira, Roa Bastos tem a convicção de que, quando se trata de sondar as experiências passadas, escritores e historiadores se complementam mesmo que produzam gêneros assimétricos de ficção.

Sobre a história paraguaia, em particular, Roa Bastos declara que em suas narrativas ataca o exacerbado culto das personalidades heróicas ou dos indivíduos representativos em suas ações grandiosas, buscando desmontar os mitos degradados que intoxicam o sentimento nacional desde o século XIX. Para o escritor paraguaio, esses personagens têm o seu valor relativo, contudo, nada justifica que sejam convertidos em paradigmas ou em arcanjos absolutos; como tem acontecido, por exemplo, com a figura do marechal Francisco Solano López²³. *Tampoco hay por qué convertir la "obnubilación en marcha de la historia" en una "filosofía de la historia" como terapéutica para tratar complejos de inferioridad colectivos o individuales*²⁴. Por outro lado, ele investiga os rastros dos verdadeiros heróis, aqueles enterrados sem nome e sem honras militares nos campos de batalha, ou jogados clandestinamente nos riachos e nas selvas. São eles, com suas vivências dolorosas, os protagonistas preferenciais de seus relatos.

²² BAREIRO SAGUIER, Rubén. *Augusto Roa Bastos: caídas y resurrecciones de un pueblo*. Montevideo: Trilce, 1989. p.149.

²³ Herói máximo dos paraguaios na Guerra contra a Tríplice Aliança, que culminou em 1870.

Os assuntos nacionais, na atualidade, tampouco escapam da atenção do escritor, visto que acompanhara de perto a transição política que atravessara o Paraguai. Em sua opinião²⁵, apesar de que alguns procedimentos democráticos foram restabelecidos, a continuação do mesmo sistema de poder e dos mesmos personagens no cenário político inviabilizam as mudanças necessárias para atender às reivindicações populares por tanto tempo ignoradas. As figuras proeminentes, com poucas exceções, estão seriamente comprometidas nos atentados contra os direitos humanos durante a ditadura passada e, enquanto seus sombrios arquivos não forem totalmente vasculhados para que se iniciem as ações judiciais pertinentes, enganam a população com a prerrogativa de serem seus legítimos representantes. Outro fator que dificultará o processo de redemocratização é a atual contaminação do imaginário paraguaio, devido ao seqüestro da participação popular pela historiografia. Todavia, ele não perde o otimismo e confia no papel preponderante que terão os promotores culturais nesse contexto.

Em suma, são incontáveis os argumentos que tornam fundamental a obra de Augusto Roa Bastos que, com seu espírito de luta impregnado nas páginas de seus contos e romances, nos oferece uma visão mais ampla e significativa da realidade histórica do Paraguai. Em busca da verdade, o autor sempre demonstrou um sentimento de inconformidade e uma atitude de permanente contestação do discurso governamental, fosse este sobre o presente ou sobre o passado, questionando com veemência a legitimidade que se atribuíram as autoridades para decidir o destino de seu povo.

Por mi parte, yo solamente he escrito sobre nuestro país historias de entre-ten-y-miento, como denomino las historias imaginarias que sólo buscan esa verdad íntima y última del individuo que no es un islote perdido en un imposible solipsismo sino parte de la sociedad; verdad o libertad interior que tal vez no exista en las aventuras del espíritu y de la inteligencia de uno solo sino en el sentimiento solidario con su colectividad. La verdad comienza de dos en más, dice uno de los personajes de "Yo el Supremo".²⁶

²⁴ BAREIRO SAGUIER, op. cit., p. 150.

²⁵ ALMADA ROCHE, Armando. *Augusto Roa Bastos: el estilo de la tierra*. Buenos Aires: Ediciones El Pez del Pez, 1998. p.197. (Colección Diálogos).

²⁶ BAREIRO SAGUIER, Rubén. *Augusto Roa Bastos: caídas y resurrecciones de un pueblo*. Montevideo: Trilce, 1989. p.145.

3 PARAGUAI & AUGUSTO ROA BASTOS: TRAJETÓRIAS EM DIÁLOGO

Desde o alvorecer do século XX, o mundo vivia sobressaltado com os horrores da Primeira Guerra Mundial, mas dois eventos mudariam de forma significativa estas circunstâncias. Por um lado, a participação mais intensa e direta dos Estados Unidos na crise internacional, que foi vitoriosa e decisiva para o fim da guerra. Por outro, a revolução russa e a constituição do primeiro estado socialista do mundo. Estes fatos contribuem para a configuração de um cenário que desembocará em novas guerras, sobretudo entre esses dois países no campo das ideologias, que terá maior duração e conseqüências políticas e econômicas igualmente graves.

Os estilhaços dos conflitos internacionais chegam ao Paraguai e causam maior impacto na economia, que recebe um impulso extraordinário devido à destruição ou à desativação da infra-estrutura produtiva dos países envolvidos na guerra mundial. Quanto às idéias imigrantes, a vitória dos comunistas russos encoraja especialmente os sindicatos para lutarem por melhores condições de trabalho, sendo violentamente reprimidos pelo governo de Eduardo Schaerer²⁷. A partir desses fatos, os meios de imprensa que publicaram os manifestos operários são imediatamente fechados.

Nesse ambiente conturbado, nasce Augusto Roa Bastos, no dia 13 de junho de 1917, em Assunção. Aos dois anos, a sua família deixa a capital para morar em Iturbe, onde seu pai trabalha na administração de um engenho açucareiro. Talvez devido ao clima autoritário vivido no país, desde cedo, ele convive com os excessos e a irracionalidade do poder sem limites; seu próprio pai, Lucio Roa, era um homem de costumes muito severos, que castigava duramente qualquer tipo de travessura. Contudo, graças ao amparo afetivo de sua mãe, Lucía Bastos Filisbert, consegue suportar a aspereza paterna, embora a questão do poder passe a ser motivo de constantes reflexões ao longo de sua vida.

²⁷ Depois de um sangrento conflito civil, é eleito para a presidência em 1912, com o apoio do Partido Liberal.

Ásperas também são as eleições de 1920, que levam à presidência Manuel Gondra²⁸, sendo deposto no ano seguinte. Eusebio Ayala²⁹ é nomeado para o cargo com a difícil missão de enfrentar as desavenças diplomáticas com a Bolívia por velhas questões de limites. No entanto, os confrontos políticos entre liberais e colorados provocam uma revolta armada em 1922, levando o país ao caos e forçando a sua renúncia, em 1923. Em seu lugar, assume Eligio Ayala³⁰, que depois é eleito para o período constitucional de 1924-1928, durante o qual o país vive em rara tranqüilidade. Sem a decretação do estado de sítio, nem perseguições e presos políticos, até mesmo o Partido Comunista Paraguayo consegue a sua legalização, em 1928.

Enquanto isso, de volta à capital aos oito anos, o menino Augusto estuda no aristocrático Colégio São José, mediante uma bolsa obtida pelo sacerdote Hermenegildo Roa, seu tio. Com a permissão e o auxílio deste, conhece o pensamento de dois autores proibidos na comarca, Rousseau e Voltaire, empreendendo suas primeiras incursões filosóficas com precocidade. Desta maneira, o jovem Roa Bastos reflete sobre a força das idéias subversivas e se interessa também pela literatura francesa de inspiração iluminista. Todo este caudal filosófico-literário é o que, provavelmente, desperta a sua vocação para as letras, pois, aos quatorze anos, escreve seu primeiro conto, *Lucha hasta el alba*³¹, em 1931. Esta obra constitui, sem dúvida, um modesto projeto ainda, mas tem a importância de marcar o início de sua fecunda trajetória criativa.

A estréia literária de Roa Bastos coincide, infelizmente, com a covarde matança de 11 estudantes que protestavam contra o governo liberal de José Guggiari. Devido à recente ocupação boliviana do forte Samaklay³², esses jovens estavam feridos em seu brio nacionalista e exigiam a guerra por uma questão de honra. Depois desse lamentável episódio, nada mais parece deter a iminente contenda entre paraguaios e bolivianos, que se deflagra com a retomada do forte Carlos Antonio López, em julho de 1932. No entanto, a declaração oficial da guerra à Bolívia só ocorre em 1933, durante o segundo mandato de Eusebio Ayala e

²⁸ Também liberal, porém inimigo de Eduardo Shaerer, patrocinador do golpe.

²⁹ Outro membro do Partido liberal, mas de um setor contrário ao de Shaerer e ao de Gondra.

³⁰ Do partido liberal, anterior ministro da fazenda, conhecido por ter administrado pacífica e eficientemente o país.

³¹ Ficou extraviado por um tempo até ser recuperado e publicado em 1979.

³² Antes deste incidente havia ocorrido a invasão do forte Surpresa, no qual foram mortos vários soldados paraguaios.

quando a ofensiva paraguaia já havia obtido vitórias importantes sob o comando do Tenente Coronel José Félix Estigarribia.

De sua parte, Roa Bastos abandona seus estudos e, aos 15 anos, se incorpora ao exército como assistente de enfermagem. Mesmo sem envolver-se diretamente nas batalhas, seu trabalho em um hospital de campanha obriga-o a presenciar as cruentas e indelévels marcas da guerra. Essa experiência lhe deixa profundas impressões emocionais que o acompanharão até muito depois de 1935, quando cessam as hostilidades e se firma o protocolo de paz.

Sua truncada educação formal não impede que Augusto Roa Bastos tenha um bom desempenho como aprendiz de jornalista em "El País", órgão da capital, para o qual realiza reportagens sobre a vida dos agricultores nas plantações de erva-mate do norte do país. Prossegue sua atividade criativa com *Fulgencio Miranda*³³, romance premiado no concurso do Ateneo Paraguayo, em 1937. Contudo, ele não pode desfrutar de seu êxito, porque se comove com o sofrimento coletivo causado pelas cotidianas convulsões políticas entre colorados e liberais, obcecados em uma cega e intransigente disputa pelo poder. Por outro lado, o início da Segunda Guerra Mundial, em 1939, reforça o pessimismo generalizado.

Um acidente aéreo em 1940 — talvez um atentado, mas cujas investigações nunca foram concluídas — mata o presidente, Marechal José Félix Estigarribia, comandante vitorioso da Guerra do Chaco. O fato comove profundamente o país, e Roa Bastos escreve uma elegia em sua homenagem, sem esquecer os incontáveis heróis anônimos, tanto paraguaios como bolivianos. O sucessor é o ministro de guerra, general Higinio Morínigo, que dispensa o apoio político de civis e inicia um governo fascista. Dissolve por decreto os partidos políticos opositores, persegue sistematicamente sindicatos operários e grêmios estudantis e, inspirado no Terceiro Reich, cria o DENAPRO - Departamento Nacional de Prensa y Propaganda, órgão oficial encarregado da contaminação ideológica totalitária e do controle dos meios de comunicação.

Como secretário de redação de "El País" desde 1942, Augusto Roa Bastos sente diretamente o impacto da censura oficial. Mesmo assim, dribla a vigilância e publica artigos em defesa da democracia e da liberdade. E como locutor da Rádio Teleco, em audições diárias que informavam sobre o andamento da guerra mundial,

³³ Esta obra nunca foi publicada porque a única cópia desapareceu dos arquivos do Ateneo Paraguayo.

lança uma campanha em favor da causa aliada, desafiando a ditadura. Sem descuidar a carreira literária, publica, em 1942, a sua primeira coleção de poemas, *El ruiseñor de la aurora*; e começa a frequentar o grupo "Vy'a raity"³⁴, cujos membros são os iniciadores da modernidade cultural paraguaia.

A incerteza com respeito ao porvir do Paraguai aumenta em 1943, com a reeleição fraudada do general Higinio Morínigo. Por razões diplomáticas, o presidente é convidado para a inauguração de uma grande exposição de livros argentinos, na qual o encarregado do discurso de abertura é Augusto Roa Bastos. Este não menciona o nome de tão ilustre presença e ainda lhe dá ostensivamente as costas, suscitando grande rebuliço entre os militares. O incidente marca o ingresso de Roa Bastos na lista dos inimigos do estado.

O elenco teatral do Ateneo Paraguayo coloca em cena a sua peça *El niño del rocío*³⁵, em 1945. Uma bolsa da British Broadcasting Company lhe permite viajar à Inglaterra, no mesmo ano, fugindo de sua iminente prisão. Em Londres, estuda organização jornalística e radial; fala pela BBC; oferece palestras sobre temas culturais paraguaios e latino-americanos; visita centros universitários, como Oxford e Cambridge; e trabalha como correspondente de "El País", cobrindo os sucessos em torno da guerra. Convidado por André Malraux, ministro de informação, vai a Paris, onde fala pela Radiodifusão Francesa, sendo o primeiro jornalista da América Latina a entrevistar Charles de Gaulle. Finalmente, percorre outros países e, sobretudo, conhece o continente europeu devastado pela Segunda Guerra Mundial, vendo as cidades ainda em ruínas.

A derrota dos nazistas desprestigia o presidente Morínigo e oportuniza diversas alianças entre seus opositores, grupos sociais excluídos e, inclusive, militares insatisfeitos. Em todo o país, inúmeras mobilizações políticas são organizadas em prol da restauração da democracia. Este tumultuado período da história paraguaia consagra uma das forças mais retardatárias dos colorados, o Guión Rojo, grupo paramilitar fascistoíde liderado por Juan Natalício González. Seus acólitos, em apoio à ditadura, implantam o terror e a intolerância como estratégias para imobilizar o povo e alcançar o poder. A sua atuação não se limita a perseguir seus adversários políticos, mas toda a população civil que não aderisse aos seus princípios.

³⁴ Denominação em guarani, cujo sentido aproximado é "O ninho da alegria".

³⁵ Não se conservou nenhuma cópia da peça, o que impediu a sua publicação.

Depois de um ano de marcantes experiências longe da pátria, Roa Bastos regressa e publica as impressões de sua viagem em "El País", através de folheto intitulado *La Inglaterra que yo vi*, em 1946. Em seguida, estréia a peça *Mientras llega el día*, em co-autoria com Fernando Oca del Valle³⁶, sobre a sinistra realidade dos campos de concentração nazistas. A encenação causa novo mal-estar com Morínigo e, para não se converter em outro desgraçado hóspede dos cárceres políticos, quando se precipita a guerra civil de 1947, sai exilado do país, rumo a Buenos Aires.

Com o auxílio do Guión Rojo, Morínigo vence os insurgentes, assegura a presidência e obriga a mais de quatrocentos mil paraguaios a exilarem-se em território argentino. Apesar da vitória, Morínigo é deposto em 1948, instaurando-se uma nova onda de instabilidade política, com sucessivos complôs e levantamentos civis e militares entre os próprios colorados. Quatro presidentes se alternam por meio de golpes e contra-golpes até 1949, quando Federico Chávez toma o poder.

Os primeiros tempos na capital platina foram bastante duros para Roa Bastos, que sofre a solidão do exílio e enfrenta dificuldades para se sustentar com dignidade. É obrigado a ter dois empregos, no mínimo, e exerce as mais diversas atividades, tais como vendedor ambulante, carteiro, recepcionista de hotel de encontros; corretor de seguros; revisor e redator no jornal "Clarín", etc. O porão de uma editora de músicas, na qual cuidava da correspondência das fãs de cantores e compositores, além de traduzir músicas, foi fundamental para a carreira de Roa Bastos, uma vez que nele começou a escrever *El trueno entre las hojas*, conjunto de contos publicado em 1953.

No Paraguai, um golpe de estado encabeçado pelo general Alfredo Stroessner derruba o presidente colorado Federico Chávez, em 1954. De imediato, graças à negociação de numerosos benefícios para o Partido Colorado e as Forças Armadas, eleições forjadas legalizam a posse do golpista. Em 1955, atendendo a promessas, o ditador busca o respaldo financeiro dos Estados Unidos, através do FMI, em troca de várias medidas impopulares e fortes campanhas anticomunistas em todas as instituições de ensino. É reeleito em votações suspeitas para novo mandato, em 1958, ano em que as centrais operárias promovem greves gerais em protesto pela falta de liberdade e pela repressão dos seus quadros. Mesmo com a violência dos

³⁶ De origem espanhola. Grande incentivador do teatro paraguaio. A peça nunca foi publicada.

policiais e a prisão de muitos de seus militantes, somam-se aos sindicalistas alguns movimentos estudantis, entusiasmados com o triunfo da rebelião cubana de 1959. Este evento abre uma nova expectativa de liberação em todo o continente e, entre os paraguaios, propicia a criação de guerrilhas no campo e na cidade. Em contrapartida, Stroessner decreta o estado de sítio e ordena uma feroz caça aos agitadores.

Desde Buenos Aires, através de jornais e de cartas, Roa Bastos acompanha entristecido o lúgubre panorama político paraguaio. Ele participa de diversas ações clandestinas pela causa liberadora, como recolher contribuições financeiras dos exilados para ajudar os movimentos guerrilheiros, por exemplo. Retorna à literatura com o romance *Hijo de Hombre*, que recebe o primeiro prêmio em concurso internacional da Editorial Losada, em 1959. Constitui um retrato histórico de seu país, abarcando a época de Francia, a Guerra contra a Tríplice Aliança e a Guerra do Chaco, sem esquecer a vida miserável dos homens do campo. E as distinções se seguem com o Prêmio Municipal de Buenos Aires; a seleção para o concurso da Fundação William Faulkner, representando o Paraguai; a adaptação para o cinema com vários destaques internacionais; e a faixa de honra da Sociedad Argentina de Escritores - SADE. *Hijo de Hombre* é publicado em 1960, junto com a sua segunda coleção de poemas, *El naranjal ardiente*. A partir de então, ministra cursos e conferências sobre literatura em diversas universidades.

O governo de Stroessner segue implacável contra as ações guerrilheiras que se alastram pelo interior. São presos, torturados e mortos muitos dos dirigentes campesinos. Em 1960, a imigração de colonos brasileiros para o leste do país é autorizada e estimulada como estratégia para desmoralizar os agricultores paraguaios, empurrá-los das terras e, principalmente, desintegrar seus movimentos. Conseqüentemente, em 1965, é inaugurada a ponte internacional da Amizade sobre o rio Paraná, o que facilita ainda mais o acesso dos imigrantes rurais do Brasil. Após críticas externas, Stroessner busca aliados junto aos poucos opositores que escaparam de suas garras, com o objetivo de maquiar seu regime autoritário. Em 1967, em assembléia constituinte de aparência democrática, os colorados governistas se reúnem com representantes de alguns partidos de oposição. A nova constituição aumenta o período presidencial para cinco anos e viabiliza a infundável reeleição de Stroessner.

Sempre atento aos acontecimentos em sua terra natal, Roa Bastos insiste em abordar temas de fundo crítico-social e contestar versões oficiais da história paraguaia. Desta etapa, resulta a publicação de quatro coleções de contos a partir de 1966, com *El baldío*; *Madera quemada*, em 1967; *Moriencia*, em 1969; e *Cuerpo presente*, em 1971. Neste ano, lança também poemas em espanhol e guarani, *El génesis de los apapokuva-guaraní*, e começa a coordenar oficinas literárias em universidades. Ele se entusiasma com o filme baseado em *Hijo de Hombre* e passa a estudar os mestres russos, alemães e anglo-saxões na arte de fabricar um roteiro. Tudo para se iniciar como roteirista do cineasta argentino Armando Bó e realizar a adaptação cinematográfica de *El trueno entre las hojas*. Mais tarde, trabalha para o concorrente, Jaime Kogan, produtor mexicano. Sua dedicação e experiência são decisivas para ganhar, por concurso, a cátedra sobre roteiros na Universidad de la Plata.

Denúncias de corrupção e de violação dos direitos humanos por parte de organizações internacionais contestam a pretensa imagem democrática de Stroessner, que inaugura novo mandato em 1968. Com o propósito de neutralizar o incidente, são executados planos de curto e médio prazos para gerar e garantir a confiança popular na economia nacional. Mediante novos financiamentos externos, o ditador empreende com êxito a operação econômica para mascarar a repressão. Além de ampliar a infra-estrutura viária, em 1970, começam as obras da ponte internacional com a Argentina, sobre o rio Pilcomayo. Firma-se o tratado com o Brasil, em 1973, para a construção da hidroelétrica Itaipu. Entretanto, o assassinato de dirigentes comunistas e a exterminação de outros movimentos de guerrilha, nos anos 1975 e 1976, ganham as manchetes de jornais do exterior e desestabilizam a ditadura.

Como não poderia ser diferente, o poder e a ditadura estão sempre presentes nas obras de Augusto Roa Bastos como objetos de permanente análise e reflexão. Assim, nasce o romance *Yo el Supremo*, baseada na vida do polêmico ditador José Gaspar Rodríguez de Francia, que governou o Paraguai de 1814 a 1840. É considerado pela imprensa e pela crítica latino-americanas um dos acontecimentos literários mais importantes de 1974, ano em que também é lançado *El pollito de fuego*, relatos infantis. Mas, nem tudo são trunfos com *Yo el Supremo*, já que a recém empossada tirania argentina inclui o romance na lista de livros proibidos e determina a prisão do escritor paraguaio por subversão, em 1976, em parceria com

a polícia secreta de Stroessner. Contra todas as expectativas, Roa Bastos escapa das garras dos militares argentinos, graças ao convite para trabalhar como professor associado da Universidade de Toulouse - Le Mirail, onde dá aulas de literatura latino-americana; língua, cultura e civilização guarani.

Devido ao grande prestígio internacional do autor, inicialmente Stroessner não impõe medidas restritivas contra *Yo el Supremo* e tolera que a crítica e os meios de comunicação paraguaios se ocupem profusamente da obra. Só alguns anos depois, embora não oficialmente e de forma pública, os promotores culturais do regime interdita toda a obra de Roa Bastos em colégios e universidades públicas e desestimulam a sua comercialização. No plano econômico, apesar de continuarem as grandes obras, como a represa elétrica de Acaray, em 1978, a hidroelétrica de Yacyretá com a Argentina, em 1980, o país atravessa uma grave crise inflacionária que aumenta o descontentamento social, já bastante intenso devido às constantes punições políticas contra agricultores.

A tristeza do segundo exílio não impede Roa Bastos de colaborar para uma publicação italiana com o texto *Cándido López*, em 1976. Em mais dois anos de intensa atividade criativa em território francês, ele compila diversos artigos sobre a lamentável realidade dos povos indígenas em *Las culturas condenadas*. Posteriormente, apresenta mais contos infantis, *Los juegos de Carolina y Gaspar*, em dois volumes; o primeiro em 1979, e o segundo em 1981. Aparecem *Lucha hasta el alba*, um relato de sua adolescência, em 1979, e *Antología Personal*, em 1980.

Em breve visita ao Paraguai, em 1982, os militares cassam o passaporte de Roa Bastos, retiram-lhe a nacionalidade paraguaia e expulsam-no para fora do país por suas perigosas idéias comunistas. O fato causa comoção em vários países, e se condenam publicamente os absurdos e as tragédias da ditadura de Stroessner. Seguem-se mais crises em todos os âmbitos, o que fica latente na visita do Papa João Paulo II, em 1988. Como resultado da saturação de seu governo, Stroessner é finalmente deposto em 1989, pelo general Andrés Rodríguez. Nos anos seguintes, o país tem uma intensa vida política com o retorno massivo de exilados, a reativação de partidos e sindicatos clandestinos e a livre atuação dos meios de comunicação. O clima democrático propicia a integração ao Mercosul, em 1991, e a realização de assembléia constituinte, em 1992.

Augusto Roa Bastos foi um apátrida indocumentado até 1983, quando a Espanha lhe concede a cidadania. Volta a escrever poemas com o título *Silenciaro*, para revista literária de Madri. Em razão da sua aposentadoria, é nomeado Doctor Honoris Causa pela Universidade de Toulouse. Depois da sua expulsão, ele se envolve mais diretamente e de forma mais intensa em campanhas de denúncia contra os abusos de Alfredo Stroessner, organizando diversas jornadas pela democracia paraguaia a partir de 1984. Na segunda metade dos anos oitenta, Augusto Roa Bastos recebe muitas distinções, como a nacionalidade francesa e a nomeação de Oficial da Ordem das Artes e das Letras, em 1985; o prêmio da Fundação Pablo Iglesias, em 1986; o prêmio Memorial Latino-americano de São Paulo, em 1989; e, no mesmo ano, o Premio Miguel de Cervantes.

Na década de noventa, Roa Bastos publica cinco romances seguidos, *Vigilia del Almirante*, em 1992; *El fiscal*, em 1993; *Contravida*, em 1994; e *Madama Sui*, em 1995. Em 1996, o escritor volta à terra natal, confiante no novo processo democrático iniciado após a queda de Stroessner. De imediato, participa ativamente de inúmeras atividades culturais, realiza palestras e conferências, dirigidas a jovens da capital e do interior, e publica uma coleção de pensamentos breves com o título *Metaforismos*. Em 1998, escreve para o teatro *La tierra sin mal*. É condecorado pelo governo argentino em 2002. No ano seguinte, é convidado a visitar Cuba, onde é homenageado, e algumas de suas obras são reeditadas.

Paralelamente, acompanha de perto a vida política nacional e fica bastante preocupado com o golpe militar frustrado do general Lino Oviedo contra a presidência de Juan Carlos Wasmosy, sem, no entanto, envolver-se diretamente na política, pois Roa Bastos faz questão de afirmar que é um homem ao serviço da cultura. Esse evento cria uma onda de conflitos políticos que perturba a tranqüilidade recém conquistada pelo povo paraguaio. Por isso, o escritor não perde a oportunidade de conclamar seus conterrâneos para insistirem no caminho da verdadeira democracia, que exige esforço e determinação. *Trabajemos sin miedo y en libertad. No dejemos que la historia sea una obnubilación en marcha que nos anule y aplaste, sino que la hagamos avanzar con nosotros de cara al porvenir.*³⁷

Morre em Assunção, em 26 de abril de 2005, aos oitenta e sete anos.

³⁷ ROA BASTOS, Augusto. *Carta abierta al pueblo paraguayo*. Toulouse: editado en folleto, 1986. p. 10.

4 RETRATOS DA HISTÓRIA PARAGUAIA

A primeira edição de *El trueno entre las hojas* aparece em Buenos Aires, em 1953, e marca a inserção de Augusto Roa Bastos no cenário das letras hispano-americanas. Trata-se de uma coletânea de dezessete contos, fruto das divagações e angústias provocadas pela situação de exílio e do desejo de solidarizar-se com o sofrimento de seus compatriotas, mesmo à distância. A este respeito, o próprio autor declara:

Suelo decir que no soy un escritor profesional, soy un escritor surgido por la imposición del exilio. La literatura era para mí una vía de comunicación que me aproximaba a la ciudad perdida, a mi gente, al Paraguay, a los valores que siempre existieron en mí como fundamentales³⁸.

No Paraguai, a obra foi recebida com entusiasmo pelos jovens, identificados com a sua mensagem de luta por justiça e liberdade. Já os promotores oficiais da cultura, em sua maioria preocupados com a imagem do país em tempos de ditadura, a qualificaram de caluniosa, maniqueísta e tendenciosa. Mais alguns anos seriam necessários para que tivesse uma merecida repercussão crítica e o seu valor fosse reconhecido no contexto da literatura paraguaia.

Nas palavras de Rubén Bareiro Saguier³⁹, por exemplo, este livro se inscreve na narrativa paraguaia com duas inovações meritórias. A partir da ficcionalização de vivências pessoais e coletivas, mostra de maneira direta, crua e incisiva a violência cotidiana que subjuga a maior parte da população, desafiando a censura e questionando as imagens idealizadas do presente e do passado que sustentam o nacionalismo vigente. Por outro lado, experimenta formas de integrar o idioma autóctone na escrita em espanhol, o que revela a tensão lingüística e cultural causada pelo fenômeno bilíngüe. Assim, embora cada relato tenha uma feição particular e um sentido independente, os dois aspectos destacados por Bareiro Saguier, ou seja, o tema da violência e a linguagem enriquecida com expressões em guarani, próprias da oralidade, convergem para dar coesão ao conjunto.

³⁸ SUÁREZ, Victorio. *Literatura Paraguaya (1900-2000)*. Asunción: Servilibro, 2001. p. 231.

³⁹ BAREIRO SAGUIER, Rubén. *Augusto Roa Bastos: caídas y resurrecciones de un pueblo*. Montevideo: Trilce, 1989. p. 110.

Francisco Pérez-Maricevich⁴⁰ reforça a idéia de uma unidade particular da obra ao afirmar que *El trueno entre las hojas* possui uma estrutura unitária complexa, pois da mesma forma que os dezessete contos têm núcleos dramáticos específicos eles estão permeados, deliberadamente, por uma temática central. De fato, todos se apresentam, em maior ou menor intensidade, como fabulações correlatas em torno dos problemas sociais do país. Além disto, a prosa densa e contundente, o desenvolvimento e o foco narrativo predominantes são características que evidenciam a construção da obra como uma totalidade.

Por sua vez, Armando Almada Roche⁴¹ complementa as análises anteriores apontando para outro fator que vincula intimamente as histórias. A interrelação entre elas mediante situações que se expandem ou esclarecem, lugares que se repetem, personagens que reaparecem, etc. O tema da morte em diferentes matizes é outra constante na maioria dos relatos, principalmente como fuga e liberação dos oprimidos, na opinião deste crítico.

Já Mabel Piccini, no prólogo para a quarta edição argentina⁴², alega que *El trueno entre las hojas* supera a concepção sartreana de literatura engajada, porque o compromisso de Augusto Roa Bastos com a coletividade não se estabelece apenas pela ação denunciatória. Há, sobretudo, uma identificação profunda entre ele e sua gente quanto a aflições e anseios. Por isso, a obra não se limita a indicar os problemas, ela também resgata a obstinada esperança do povo, a sua arraigada convicção de que as mudanças são possíveis. Este princípio de composição dos relatos confere à obra uma significação global: a defesa de um humanismo, cujo centro seja o homem comum, com suas necessidades imediatas, reais e concretas. Um humanismo revolucionário, que potencialize a capacidade do ser humano de construir valores e de lutar legitimamente por dignidade e liberdade.

Assim, os estudos referidos de forma sucinta até aqui foram essenciais para enriquecer as nossas leituras de *El trueno entre las hojas* e, especialmente, consolidar a questão da unidade da obra, que observamos também no plano histórico. O impulso inicial desta idéia veio mais especificamente da interlocução

⁴⁰ PÉREZ-MARICEVICH, Francisco. *La poesía y la narrativa en el Paraguay*. Asunción: El Lector, 1996. p. 38. (Colección Textos Literarios, 2).

⁴¹ ALMADA ROCHE, Armando. *Augusto Roa Bastos: el estilo de la tierra*. Buenos Aires: Ediciones El Pez del Pez, 1998. p. 51. (Colección Diálogos).

⁴² PICCINI, Mabel. El trueno entre las hojas y el humanismo revolucionario. In: ROA BASTOS, Augusto. *El trueno entre las hojas*. 4. ed. Buenos Aires: Losada, 1976. Prólogo. p. 15-7.

entre Augusto Roa Bastos e Rubén Bareiro Saguier⁴³, publicada em 1989. Neste texto, encontramos depoimentos emocionantes e reflexões esclarecedoras que relacionam a vida do autor e diversos episódios coletivos com os contos de *El trueno entre las hojas*. Estes dados estimularam-nos a analisar a obra como testemunho de um período da história paraguaia e, conseqüentemente, a avaliar a sua importância na construção de um panorama mais consistente do processo histórico nacional. A seguinte opinião de Roa Bastos fortalece a nossa escolha:

Una buena literatura, una obra bien hecha, auténticamente iluminadora, será siempre, y en el mejor sentido, testimonial. Estima, en consecuencia, que la tarea primordial del escritor contemporáneo — cada cual por su propio camino y con los medios a su alcance — es profundizar la realidad a través de su propia experiencia como material de sus obras [...].⁴⁴

Nesse sentido, pelas imagens criadas e pelas ponderações lançadas em torno de acontecimentos que marcaram a coletividade em um determinado período, iremos estudar, enquanto testemunhos, os dois principais contos da obra, *El trueno entre las hojas* e *La excavación*, verdadeiras fontes irradiadoras de sentido e balizas no tempo, de tal maneira que, confrontaremos simultaneamente suas páginas com os registros correspondentes de alguns livros de história paraguaia que se alinham com o discurso oficial.

Antes de procedermos à delimitação temporal que guiará nossos deslocamentos do campo literário para o campo da história tradicional, é fundamental examinar a posição do narrador com relação aos fatos narrados, não só porque interessa à compreensão de cada conto individualmente, mas porque se trata do mesmo processo gerador de todo o livro, em seu espírito testemunhal. A esta conclusão chega Roa Bastos, quando é indagado sobre as motivações que o levaram a criar os contos de *El trueno entre las hojas*:

[...] hay un proceso que quizás es más interesante que todo lo que se relata como episodio. Es el fenómeno de tremenda perturbación interior que produce el descubrimiento hacia atrás de la historia. Cómo uno va recuperando trozos, etapas de vida vivida, que evidentemente surgen ya con otro valor, con otras características. Pero andando el tiempo, creo que eso también se me grabó de una manera muy especial marcando

⁴³ BAREIRO SAGUIER, Rubén. *Augusto Roa Bastos: caídas y resurrecciones de un pueblo*. Montevideo: Trilce, 1989. p. 110.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 27.

posteriormente la elaboración hacia el pasado [...] Solamente al revés se ven bien las cosas de este mundo, como lo decía Gracián.⁴⁵

Da mesma forma em que Roa Bastos reconhece a relevância desse voltar para trás em busca de um entendimento maior de suas vivências — e que desembocaram na construção deste livro —, em cada conto nota-se um mecanismo semelhante. O narrador transita através de, no mínimo, dois ângulos temporais, ou seja, de um presente que se explica remetendo-se para o passado e que se projeta para o amanhã. Segundo o autor, o seu fazer literário busca propiciar esse olhar para trás, um olhar de caráter coletivo.

Guiando-nos por várias alusões, diretas e/ou indiretas e pelos depoimentos do autor, estabelecemos o período de investigação a partir de *El trueno entre las hojas*, cuja importância é evidente pelo simples fato de nomear a coletânea, mas não se explica apenas por isso. *El trueno entre las hojas* praticamente condensa, em suas 27 páginas —, é o mais longo dos dezessete contos — a temática e o período em que as outras narrativas transcorrem, convertendo-se estas quase em apêndices daquela. Quanto a referências temporais, fatos acontecidos entre 1916 e 1946, aproximadamente, são os que inspiraram a construção do relato. Já a trama de *La excavación* está centrada em acontecimentos que estremeceram o país no espaço de 1932 a 1947, mais ou menos. Então, 1916 e 1947 são os marcos limitadores do nosso trânsito para o passado.

4.1 EL TRUENO ENTRE LAS HOJAS

Chega à pequena comunidade de Tebicuary Costa o espanhol Simón Bonaví com o objetivo de erguer um engenho açucareiro. Animados com a oportunidade de uma remuneração estável, os nativos se prontificam a trabalhar no empreendimento. Em ritmo acelerado, começam as obras para erguer o engenho, mas as jornadas extenuantes são pagas com vales que só podem ser trocados nos armazéns da própria empresa, na qual os produtos têm preços exorbitantes, causando o interminável endividamento dos operários.

⁴⁵ BAREIRO SAGUIER, Rubén. *Augusto Roa Bastos: caídas y resurrecciones de un pueblo*. Montevideo:

Qualquer intento de rebelar-se contra o regime de semi-escravidão em que são mantidos os trabalhadores é contida pela intimidação sem trégua dos capangas do patrão. Uma vez encaminhada a primeira produção de açúcar, Bonaví volta para Assunção e deixa dois homens de sua confiança a cargo da supervisão da fábrica. Vários anos de constantes abusos contra os operários provocam graves conflitos no engenho, o que acaba forçando o espanhol a mudar a administração. Durante alguns anos, segue a produção em aparente tranqüilidade sob o controle mais burocrático, embora sem diminuir a exploração econômica. Por isso, sem esquecer os anos de tantos atropelos e injustiças, Solano Rojas começa a organizar o grupo com o intuito de promover greves e reivindicar melhores condições de trabalho.

A mobilização grevista é descoberta por Simón Bonaví, que decide vender a açucareira para Harry Way, um fazendeiro americano da Virgínia. Este assume o comando com o apoio de soldados militares cedidos pelo governo, impondo um terrível sistema de dominação. Ao menor indício de indisciplina, os peões são levados até um poste, amarrados e chicoteados até desmaiar ou, em alguns casos, morrer. Paralisados pelo medo, todos sentem-se vigiados até no pensamento, e ninguém quer ouvir falar de greves. Apesar de tudo, Solano Rojas mantém a esperança e insiste em continuar com os planos. Ele é delatado e também sofre com o suplício das chicoteadas, sendo resgatado por caçadores que o levam para longe da fábrica.

Os trabalhadores pensam que o seu líder está morto e decidem destruir o engenho para vingá-lo. No entanto, Rojas volta a tempo de salvar seus companheiros de uma emboscada. A revolta termina com a morte de Harry Way e de seus capangas em trágicas circunstâncias. Mesmo após toda a violência, os operários não fogem, porque estão convencidos de que fizeram justiça, e optam por terminar a safra para dar continuidade à produção de açúcar. Paralelamente, são enviados representantes para negociar a situação da açucareira com as autoridades regionais e da capital, mas eles não voltam mais. Passada uma semana, dois esquadrões militares invadem o local atirando indiscriminadamente, sem a menor intenção de buscar uma solução pacífica para o conflito. Os operários se rendem para evitar uma inútil matança.

Os líderes são amarrados com arame farpado, arrastados como animais e levados presos até a capital. Alguns meses mais tarde, volta a maioria dos revoltosos e se incorpora na reconstrução da açucareira, comandada por novos administradores. Apontado como o principal agitador, Solano Rojas permanece detido. Para ele, são reservadas intermináveis privações e torturas exemplares na pior das prisões políticas. Por fim, depois de quinze anos, ele volta cego, debilitado e envelhecido para Tebicuary Costa.

Rojas monta seu casebre na beira do rio, com vista para algumas ruínas que ficaram do velho engenho. Ainda consegue forças para trabalhar e, em troca de mantimentos, leva as pessoas de um lado do rio para o outro em uma pequena balsa, guiada por uns improvisados trilhos suspensos. Vivendo quase como um mendigo, seu único passatempo é tocar um velho acordeão recebido de um forasteiro. Apesar da cegueira e da pobreza, ele se sente vitorioso, pois sabe que seu sacrifício não foi em vão; a sua ação, entre outras, forçou as autoridades a humanizar as relações de trabalho.

E como um verdadeiro revolucionário, incentiva os novos operários do engenho para que se mantenham organizados e atentos. Ele acredita que a luta deve continuar porque ainda há muito a ser melhorado. Alguns anos depois, acidentalmente cai no rio e morre afogado. Porém, segundo os moradores de Tebicuary Costa, seu fantasma permanece assombrando o engenho, como se estivesse vigiando os direitos conquistados pelos trabalhadores.

4.1.1 AGITAÇÕES PROLETÁRIAS

De maneira semelhante ao que aconteceu em vários países da América do Sul, a presença de imigrantes com experiência sindical no Paraguai propicia uma mobilização mais organizada dos operários no campo e na cidade, os quais, trabalhando em condições insalubres e desumanas, acolhem e aceitam os ideais socialistas e/ou comunistas com relativa facilidade. Dessa maneira, os primeiros protestos, greves e demais manifestações reivindicatórias registram-se com maior intensidade entre 1916 e 1918, e, apesar da violenta repressão, estendem-se por mais algumas décadas, até que quase todos os seus líderes são mortos ou

empurrados para o exílio. Estas medidas não acabam com os sindicatos, mas estes são sensivelmente coibidos.

São precisamente essas rebeliões que constituem o núcleo dramático de *El trueno entre las hojas*. Evento em geral tratado de forma displicente pelos historiadores oficiais ou nem sequer mencionado; é, no entanto, tema que interessa a Roa Bastos por sua identificação com as aspirações populares. E sobre o conto que dá nome ao livro, em particular, na entrevista a Bareiro Saguier, ao ser questionado se vivenciou de alguma maneira o que relata, Roa Bastos responde:

Descubrí otro acontecimiento que para mí fue como un terremoto, que tiene relación con tu pregunta. Fue la Revolución del 28, en la que vino Obdulio Barthe y levantó toda la parte del Sur, desde Villarrica hasta Encarnación. Y entraron ahí, en la azucarera, buscando armas [...] Hubo grandes huelgas. [...] De manera que yo lo conocí [...] a este hombre que luego iba a tener una actuación importante en la política gremial [...]⁴⁶

Entre os historiadores, Gomes Freire⁴⁷ escreve sobre o período em que se iniciam os conflitos mais graves no âmbito das relações trabalhistas — governo de Eduardo Schaerer, de 1912 a 1916 —, limitando-se a descrever os conturbados pleitos políticos entre colorados e liberais, representantes das oligarquias que integravam os dois principais partidos. Detalha, por exemplo, nomes e ações dos dirigentes partidários envolvidos em diversas tentativas para desestabilizar a situação.

Todos los partidos y núcleos de la oposición se aprestaron a reanudar extremas resistencias contra la administración del Sr. Schaerer. Entre los diversos trabajos políticos, que reabrían en secreto el ciclo de nuevas guerras civiles, uno había cobrado particular fuerza desde su incubación y tocaba asu término. Consistía en el levantamiento simultáneo de dos Zonas Militares, con intervención de un núcleo de ciudadanos civiles de la capital y de otro núcleo de residentes paraguayos en la Argentina. El Coronel D. Manuel J. Duarte, emigrado desde 1908, debía de asumir el comando de la revolución.⁴⁸

Quanto à economia e outras questões sociais, porém, geralmente só fornece dados muito sucintos como decretos e leis de caráter administrativo, sem oferecer

⁴⁶ BAREIRO SAGUIER, Rubén. *Augusto Roa Bastos: caídas y resurrecciones de un pueblo*. Montevideo: Trilce, 1989. p. 37-8.

⁴⁷ FREIRE ESTEVES, Gomes. *Historia contemporánea del Paraguay*. Asunción: El Lector, 1996.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 467.

mais esclarecimentos. Já os problemas no setor operário são tratados quase como um simples apêndice.

Antes de finalizar el período administrativo del Sr. Schaerer, se registra un hecho sintomático de las nuevas aspiraciones sociales que se manifestaban en el ambiente: el despertamiento del proletariado nacional como factor de transformación de las viejas tradiciones partidarias. Surge, representándolo, el joven escritor D. Leopoldo Ramos Giménez, tras algunas grandes huelgas y campañas periodísticas a favor de los obreros de los Yerbales, tratando de inculcar al proletariado la conciencia de sumisión modificadora de dichas tradiciones. Y nuevamente, se anota un atentado misterioso, que queda en la impunidad. En plena ciudad, el 5 de julio, a las diez de la noche es atacado y ultimado a balazos por un desconocido, el nombrado escritor Leopoldo Ramos Giménez, sin poder descubrirse después al autor del hecho.⁴⁹

Note-se que não são mencionadas as causas dos movimentos operários deflagrados a partir dessa época, muito menos a sangrenta repressão por parte das forças governamentais. O assassinato de um dos líderes trabalhistas é comentado como se fosse um caso fortuito. São vazios injustificáveis, pois existem, mesmo que poucos, documentos, registros e crônicas pertinentes para complementar essas informações, tanto por parte dos sindicatos quanto dos órgãos repressores do período.

Víctor Natalicio Vasconsellos⁵⁰, outro narrador da história paraguaia tradicional, se refere aos mesmos sucessos sem maiores explicações, com o subtítulo "Malestar obrero":

En la última época del gobierno de Schaerer apareció una nueva corriente doctrinaria reivindicatoria del proletariado nacional. Se produjeron huelgas en los principales sindicatos organizados y una intensa campaña periodística intentó interesar a la opinión pública en la suerte del "mensú" (obrero de los yerbales).⁵¹

É flagrante a falta de uma investigação séria acerca das condições em que surgiram as agremiações sindicais e da verdadeira dimensão das greves, que apontam diretamente para uma grande insatisfação das classes trabalhadoras. Nas

⁴⁹ FREIRE ESTEVES, Gomes. *Historia contemporánea del Paraguay*. Asunción: El Lector, 1996. p. 480.

⁵⁰ VASCONSELLOS, Víctor Natalicio. *Lecciones de Historia Paraguaya*. 5. ed. Asunción: ed. del autor, 1968.

⁵¹ *Ibidem*, p. 203.

outras duas obras consultadas, a de Julio César Chaves⁵² e a de Luis G. Benítez⁵³, esses incidentes foram simplesmente omitidos. O desinteresse destes historiadores demonstra uma clara adesão ao pensamento conservador sustentado pelas oligarquias.

No conto de Roa Bastos, pelo contrário, além da descrição das dificuldades e das privações experimentadas por trabalhadores do campo, assim como das estratégias para comunicar-se e organizar-se em várias regiões, são indicadas diversas irregularidades nas ações do governo quanto à nomeação de autoridades, à impunidade generalizada em situações de abuso de poder, à apropriação de terras do estado e à concessão de direitos de exploração dos recursos naturais para capitalistas estrangeiros.

Tudo começa na pequena localidade de Tebicuary Costa, onde os moradores compartilhavam com um forasteiro suas lembranças de Solano Rojas, o peão que há dezoito anos liderara uma rebelião de trágicas conseqüências no engenho açucareiro. Três anos já haviam transcorrido desde a sua morte, mas, todos acreditavam que seu fantasma permanecia nos arredores da fábrica. E para descobrirmos mais do protagonista, o narrador nos remete à época em que Solano voltara da cadeia, cego e com outras marcantes cicatrizes. *No era un burdo elemento subversivo. Era un auténtico y fragante revolucionario, como verdadero hombre del pueblo que era. Por eso lo habían atado para siempre a la noche de la ceguera.*⁵⁴

Os inúmeros suplícios vividos durante os anos de prisão não foram suficientes para apagar a sua vocação de luta, e ele se dispõe a continuar seu trabalho de conscientização junto aos seus conterrâneos: *Tenía indudablemente conciencia de una oscura y vital labor docente* (ROA BASTOS, p.185). Segundo Piccini⁵⁵, Solano Rojas representa todos os que em momentos de turbulência conseguem manter a lucidez, compreender a realidade que os agride e agir. São os

⁵² CHAVES, Julio César. *Compendio de Historia Paraguaya*. 3. ed. Asunción: Carlos Shumann Editor, 1988.

⁵³ BENÍTEZ, Luis G. *Manual de Historia del Paraguay*. Asunción: ed. del autor, 2002.

⁵⁴ ROA BASTOS, Augusto. *El trueno entre las hojas*. Asunción: El Lector, 1997. p. 185. Para simplificar as notas, as próximas referências a esta obra estarão junto com as citações, no seguinte formato: ROA BASTOS e o número da página.

⁵⁵ PICCINI, Mabel. El trueno entre las hojas y el humanismo revolucionario. In: ROA BASTOS, Augusto. *El trueno entre las hojas*. 4. ed. Buenos Aires: Losada, 1976. Prólogo. p. 15-7.

que entregam a suas vidas pela coletividade e assumem seu sofrimento. São os heróis que o povo precisa para escapar das armadilhas em que caiu em nome do progresso. São, na verdade, homens do povo cujo caráter heroico precisa ainda ser despertado, e é esta idéia que subjaz à atuação de Solano com os trabalhadores do engenho.

La lucha no se había perdido. Solano Rojas no podía ver los resultados, pero los sentía. Allí estaba el ingenio para testificarlo; el régimen de vida y trabajo más humano que se había implantado en él; la gradual extinción del temor y de la degradación en la gente, la conciencia cada vez más clara de su condición [...] (ROA BASTOS, p.186).

No; su sacrificio no había sido estéril. El combate, los años de prisión, sus cicatrices, su ceguera. Nada había sido inútil. Estaba contento por haberse jugado entero en favor de sus hermanos (ROA BASTOS, p.187).

À medida que o protagonista analisa os efeitos de suas experiências passadas, atinge maior clareza quanto ao alcance de suas ações no passado e no presente. É o processo de elaboração retrospectiva mencionado por Roa Bastos, que se torna ainda mais intenso quando novamente a narração se desdobra — e toma verdadeiro impulso — para acompanharmos os primeiros passos da fundação da açucareira.

A rotina simples dos habitantes de Tebicuary Costa sofre um grande impacto com a chegada de um empreendedor espanhol e seu projeto de erguer uma fábrica de açúcar. Simón Bonaví conta com o apoio irrestrito do governo para concretizar seu ambicioso plano e convence os moradores a trocarem suas instáveis e primitivas atividades de subsistência por empregos modernos com tarefas e salários fixos. O discurso da modernidade como sinônimo de civilização e luz, em oposição à escuridão do atraso, vence as mentes ingênuas da população interiorana.

Antes de establecerse la primera fábrica de azúcar en Tebicuary Costa, la mayor parte de sus pobladores se hallaba diseminada en las montuosas riberas del río. Vivían en estado semisalvaje de la caza, de la pesca, de sus rudimentarios cultivos, pero por lo menos vivían en libertad, de su propio esfuerzo, sin muchas dificultades y necesidades (ROA BASTOS, p. 188).

Simón Bonaví conchavó a los pobladores. Al principio éstos se alegraron porque veían surgir las posibilidades de un trabajo estable. [...] Acudieron en masa. El patrón los puso a construir olerías y un terraplén que avanzó al encuentro de los futuros rieles. [...] Se levantaron los depósitos, algunas viviendas, la comisaría, la proveeduría. Los hombres trabajaban como esclavos. Y no era más que el comienzo (ROA BASTOS, p. 189-90).

A iniciativa de Bonaví exemplifica o substancial incremento da industrialização no país em função da escassez de produtos alimentícios no mercado externo, provocada pela primeira guerra mundial. Esta situação atrai diversas empresas de capital estrangeiro que encontram no Paraguai a oportunidade de obter grandes lucros com todas as garantias do Estado. Esta etapa importante da vida nacional é de fato registrada nos manuais de história, ainda que com insuficientes referências às circunstâncias do seu desenvolvimento. Nas obras que consultamos há concordância quanto à anarquia política reinante na época, o que faz supor, portanto, uma também anárquica administração dos negócios estatais. Porém, os autores não só omitem esta possibilidade bastante lógica, como expõem um quadro econômico em tranqüilo e seguro avanço. Benítez, por exemplo, depois de comentar sobre a situação política com o subtítulo "La sangrienta anarquía", afirma sobre a economia:

En Asunción y otras ciudades fueron creadas nuevas fuentes de trabajo con la instalación de industrias; naviera, taninera, yerbatera y artículos de sustento; el incremento de obras públicas y privadas; el desarrollo de la ganadería y la industria maderera. [...] Sobre el río Paraguay, las grandes empresas de capital extranjero: Casado, Sastre, Puerto Guaraní, entre otras, se dedicaron a la intensiva producción de tanino o extracto de quebracho y la ganadería.⁵⁶

Muitas eram as arbitrariedades envolvidas na gestão da economia nacional, não só a exploração das classes populares, como nos mostra em destaque o conto de Roa Bastos. Desvios criminosos dos cofres estatais, suborno de autoridades para o funcionamento facilitado de indústrias, negligência nas concessões para explorar os recursos naturais, são alguns casos entre muitos. Dos narradores históricos escolhidos, Freire é o único a apresentar algumas situações irregulares, embora de forma muito sucinta para que sejam significativas:

Una concesión de excepcional importancia y complicación para el país, se otorga el 18 de Octubre (de 1915), con los auspicios del P.E.: la de las obras del puerto de Asunción, a la titulada empresa norteamericana 'The Construction and bigineering Finance Company'. [...] Tanto en el Congreso, como en la prensa y la opinión en general, por los desmedidos privilegios de la concesión, ella fue enérgicamente combatida al extremo de ocasionársele su invalidación ulterior.⁵⁷

⁵⁶ BENÍTEZ, Luis G. *Manual de Historia del Paraguay*. Asunción: ed. del autor, 2002. p. 140-41

⁵⁷ FREIRE ESTEVES, Gomes. *Historia contemporánea del Paraguay*. Asunción: El Lector, 1996. p. 472.

E trata-se apenas de um exemplo das negociatas que circulavam nos gabinetes do governo, porquanto não é difícil imaginar que por trás de um contrato com tantos benefícios havia uma contrapartida generosa para seus principais membros. Devido à tensão constante no ambiente político, os ministros permaneciam pouco tempo nos cargos e, muitas vezes, eram substituídos por seus desafetos. Por isto, era comum que o novo empossado vasculhasse os arquivos em busca de dados para manchar a imagem pública de seu antecessor. Eram procedimentos que respondiam mais a uma manobra política para alcançar o poder do que a um verdadeiro zelo pelos interesses da nação. Então, o caso mencionado por Freire foi levado a discussão pública, provavelmente, por conta de desavenças políticas internas, já que as cláusulas obscuras da maioria dos acordos assinados com investidores estrangeiros eram tratadas com sigilo e não saiam dos recintos oficiais.

Em compensação, *El trueno entre las hojas* é rico em situações exemplares do vergonhoso comércio de influências e de seus alcances. Tão importantes eram os contatos oficiais de Bonaví, que ele recebe total liberdade para escolher onde irá instalar a sua indústria e ainda se torna proprietário das terras demarcadas, sem importar o destino das famílias que as ocupam e que delas tiram o sustento há gerações.

Esto es del fisco. Agua, tierras, gente. En estado inculto pero en abundancia. Es lo que necesitamos. Y nos saldrá gratis, por añadidura. [...] Sin ferrocarril no hay fábrica. [...] En Asunción moveré mis influencias para que siga la construcción de la trocha. Nosotros levantaremos aquí la fábrica. Que el gobierno ponga las vías. Eso es hacer patria (ROA BASTOS, p.188-89).

Certo de contar com o apoio de seus aliados, Bonaví atuava com total independência em seu feudo, dispendo da vida dos operários como melhor convinha à sua ambição. Ele estabeleceu um regime de trabalho e uma forma de pagamento que os mantinha na condição de escravos. *Tomaban sus vales y se iban al almacén de la proveeduría que chupaba sus jornales a cambio de provistas y ropas diez o veinte veces más caras que su valor real* (ROA BASTOS, p. 190). E eles nem sequer tinham a chance de se defender, de reclamar do tratamento sofrido, pois além de Bonaví agir como representante das autoridades, servia-se de sujas manipulações para amedrontar seus servos e desencorajar qualquer tentativa de

denúncia. *Antes de que la fábrica estuviera lista, Simón Bonaví ya tenía bien ablandada a la gente por la intimidación.* (ROA BASTOS, p.190). Na entrevista com Bareiro Saguier, Roa Bastos revela que Simón Bonaví e seu pequeno reino surgiram a partir de recordações da infância.

Cuando surgió la azucarera, la misma anexó las tierras del lugar, y esas gentes, que antes vivían en el monte, quedaron como vasallos de una industria moderna que era en el fondo feudal. [...] El que fundó el ingenio de Santa Clara fue Ramón Bombay, un catalán de origen sefardí, que solía ir a Iturbe; yo lo describo un poco caricaturescamente a través del personaje Simón Bonaví.⁵⁸.

O longo período de sórdida e degradante exploração foi deixando feridas muito profundas, e alimentando gradualmente a indignação e o desejo dos peões de rebelar-se contra seus verdugos. Esteban Blanco foi o primeiro a se insurgir e levou de imediato um tiro, na cabeça, de Eulogio Penayo, o capanga mor de Bonaví. Sem maiores cerimônias, como se estivessem desfazendo-se de entulhos, atiraram o cadáver no rio. Penayo fazia a parte escabrosa para manter a população subjugada e, como retribuição pelo competente serviço, o seu patrão conseguiu que ele fosse nomeado delegado de polícia na região. *Bonaví le había conseguido su nombramiento por decreto* (ROA BASTOS, p. 192). Aqui temos mais uma das faces podres do poder imperante. A nomeação de autoridades civis estava baseada quase que exclusivamente na troca e/ou cobrança de favores nos altos escalões, pouco importando a idoneidade dos candidatos.

A trágica morte do companheiro não só fortaleceu em Solano Rojas a convicção de que era preciso enfrentar a situação de verdadeiro terror vivido no engenho, como também intensificou a sua campanha para conseguir a adesão de todos. Como havia outros em condições de trabalho semelhantes ou piores em diversas regiões próximas, uma das formas encontradas pelos operários para trocar informações, unir forças e organizar movimentos com maior expressão política era infiltrar-se como temporários na época de colheita das plantações. Foi assim que Solano recebeu um treinamento adicional para consolidar a liderança entre seus pares.

⁵⁸ BAREIRO SAGUIER, Rubén. *Augusto Roa Bastos: caídas y resurrecciones de un pueblo*. Montevideo: Trilce, 1989. p. 34.

Entre los conchavados que vinieron ese año para la zafra llegó un arribeño. [...] Se hacía llamar Gabriel. Trajo la noticia de que los trabajadores de todos los ingenios del sur estaban preparando una huelga general para exigir mejores condiciones de vida y de trabajo. [...] El agitador dejó a Solano Rojas a cargo de los trabajos y se marchó (ROA BASTOS, p. 196).

Quando a greve estava prestes a se concretizar, um novo fato desbaratou todos os planos e quase extinguiu a vontade de lutar. Bonaví foi informado sobre os planos dos operários e decidiu vender a açucareira. *Regresó a los pocos días y puso en venta la fábrica junto con las tierras que obtuviera gratuitamente del fisco para "hacer patria"* (ROA BASTOS, p. 196). O novo proprietário era o fazendeiro americano Harry Way, que implantou um sistema de exploração ainda mais violento com a ajuda de seus capangas e de um pequeno exército cedido pelos militares. *Eran los nuevos soldados de la comisaría, cuyos nombramientos también habían salido del Ministerio del Interior* (ROA BASTOS, p. 199).

Os atropelos e as humilhações aumentavam a cada dia e a comunidade inteira vivia em total desespero. Assim como no tempo de Penayo, as mulheres eram violentadas nas farras realizadas na delegacia, enquanto os homens, ao menor indício de descontentamento, eram presos a um poste e chicoteados. *Los planazos del cuero sonaban casi como timo de revólver sobre el lomo del infeliz que gritaba hasta que se quedaba callado, desplomado* (ROA BASTOS, p. 200). Muitos deles acabaram morrendo porque não resistiram à gravidade das feridas; seus corpos também iam parar no rio. *Recibía a sus hijos muertos y los llevaba sin protestas en sus brazos de agua que los había mecido al nacer* (ROA BASTOS, p. 201). Apesar do desânimo generalizado, Solano continuava tentando organizar o grupo para uma greve. Além de não obter nenhum resultado, a sua insistência é delatada e ele termina sendo castigado no poste. Por um descuido na vigilância noturna, um grupo de caçadores o resgata, levando-o para longe do engenho. A suposta morte do líder mobiliza rapidamente os trabalhadores com o objetivo de incendiar tudo e matar seus carrascos.

A notícia de que Solano estava vivo não interrompe os preparativos para o motim. Os peões enviam um mensageiro até ele para pedir que participe. Solano atende ao chamado e se aproxima da fábrica na hora combinada para o início da rebelião, junto com os caçadores que o haviam salvado. Percebem que os outros caíram em uma emboscada e se prestam a incendiar alguns prédios como última

tentativa de reverter a sorte de seus companheiros. O estratagema funciona e eles conseguem vencer os homens de Harry Way. Este, por sua vez, cai prisioneiro e é lançado dentro de uma das vivendas em chamas para morrer queimado. *Los trabajadores del ingenio recomenzaron la zafra por su cuenta después de haber hecho justicia por sus manos. La habían pagado con su dolor, con su sacrificio, con su sangre. Y la habían pagado por adelantado. Las cuentas eran justas* (ROA BASTOS, p. 207).

Por alguns dias os operários puderam dar continuidade à produção de açúcar em um ambiente livre de tensões, demonstrando que o trabalho só tem sentido se for realizado com dignidade e em paz, sem coerções e castigos. Para Mabel Piccini⁵⁹, com este breve momento de utopia, Roa Bastos manifesta o seu desejo de questionar o trabalho como meio de exploração do homem pelo homem; e ao mesmo tempo, resgatar a idéia de trabalho como expressão natural da energia humana. Contrapondo os fundamentos do marxismo, o autor ataca os princípios do capitalismo que favorecem a implantação de sistemas produtivos movidos a violência e escravidão.

Solano Rojas e seus companheiros, porém, não se iludiam; o incidente chegaria ao conhecimento das autoridades e, portanto, eles deviam deliberar sobre estratégias de defesa num provável inquérito. Enviaram representantes para que dessem parte do acontecido às instâncias superiores, os quais não retornaram e em breve, todos comprovariam amargamente que na terra em que haviam nascido estavam totalmente desamparados diante das injustiças, pois os governantes se mostraram parceiros de seus algozes e só acabariam prolongando o seu sofrimento. Ou seja, os cúmplices de Harry Way eram tão ou mais poderosos do que os de Simón Bonaví, o que nos revela mais uma vez os obscuros mecanismos de instituição e delegação do poder.

No volvieron los emisarios. No pudieron siquiera terminar la zafra. A la semana de haber comenzado esta fiesta laboriosa y fraternal, el ingenio amaneció cercado por escuadrones del gobierno que venían a vengar póstumamente al capitalista extranjero Harry Way. Traían automáticas y morteros. [...] Los trabajadores enviaron parlamentarios. Fueron baleados. [...] Los sitiados se rindieron esta vez para evitar una inútil matanza. Los escuadrones se llevaron a los presos atados con alambre (ROA BASTOS, p. 207).

⁵⁹ PICCINI, Mabel. El trueno entre las hojas y el humanismo revolucionario. In: ROA BASTOS, Augusto. *El trueno entre las hojas*. 4. ed. Buenos Aires: Losada, 1976. Prólogo. p. 15-7.

Não acabariam tão cedo as expiações dos revoltosos, que foram arrastados às prisões na qualidade de traidores da pátria, inimigos da nação, subversores da ordem e do progresso. A maioria deles, no entanto, não permaneceu muito tempo na cadeia e retornou logo a Tebicuary Costa. Solano Rojas fora identificado como o cabecilha do incômodo episódio, por conseguinte devia ficar mais anos preso até que as periódicas lições de reeducação patriótica e civilidade conseguissem exorcizar de sua alma as ameaçadoras sementes da insubordinação. Só depois de quinze anos Solano voltou à sua terra natal, mais decidido do que nunca em continuar lutando pela dignidade do seu povo, pois na prisão compreendeu que a origem de tanta iniquidade não está na ganância de patrões e governantes inescrupulosos, e sim na própria organização da sociedade. A distinção perversa de classes, a usurpação de direitos, o estabelecimento arbitrário de privilégios, a distorção de valores e outros de seus reais fundamentos exigiram ainda muitos anos de permanente contestação até serem transformados.

As crianças serão as mais certas portadoras dessas mudanças, conclui Solano, e lhes dedica especial atenção, tentando conversar com elas e despertar-lhes a consciência para a sua condição de pobreza. *El único hermano de verdá que tiene un pobre ko'e otro pobre. Y junto todo nojotro formando la mano, el puño humilde pero juerte de lo'trabajadore...* (ROA BASTOS, p. 184). E como a mensagem de um verdadeiro homem do povo, o escritor paraguaio transcreve a sua fala com aspectos fonéticos e sintáticos modificados pela forte influência do guarani.

Nem a morte impediu Solano Rojas de prosseguir o seu combate pelos direitos dos trabalhadores. Nos arredores da fábrica, a sua vigilância pelas conquistas já alcançadas segue imperturbável, assombrando qualquer tentativa de retrocesso. Para Piccini⁶⁰, a luta de Solano mesmo depois de morrer simboliza a dignificação de todas as mortes anônimas pelos mesmos ideais. *Monta guardia y espera. Y nada hay tan poderoso e invencible como cuando alguien, desde la muerte, monta guardia y espera* (ROA BASTOS, p. 209).

A mensagem que transborda das páginas do conto é a necessidade de resgatar e manter viva a memória dos que sempre estiveram exilados das páginas da história nacional, as classes populares. Se em vida não tiveram dignidade e respeito pelas

⁶⁰ PICCINI, Mabel. El trueno entre las hojas y el humanismo revolucionario. In: ROA BASTOS, Augusto. *El trueno entre las hojas*. 4. ed. Buenos Aires: Losada, 1976. Prólogo. p. 15-7.

suas ações e convicções, é missão de seus herdeiros, que os recebam depois da morte.

4.2 LA EXCAVACIÓN

Vítima do período de repressão política desencadeado em consequência da Guerra Civil de 1947, o ex-combatente da Guerra do Chaco Perucho Rodi, de 40 anos, se encontra prisioneiro na diminuta e inóspita cela 4-Valle'í⁶¹, com outros setenta e um cativos. Devido a uma experiência bem sucedida durante a guerra, Perucho propõe cavar um túnel até uma barranca que desemboca no rio.

Quatro meses de ininterrupta escavação já se passaram, em turnos diários de quatro horas, nos quais se alternavam seis presos. Um dia, enquanto Perucho estava fazendo a sua parte, ocorrem alguns desmoronamentos que o deixam soterrado no túnel e, pouco a pouco, vai morrendo de asfixia. Enquanto delira, lembra a época em que cavou o túnel do Chaco e sucessivas imagens da trágica matança dos inimigos se confundem com outras lembranças, tendo a impressão de estar sonhando. Voltam insistentes as imagens da guerra que o levam a reviver os fatos e concluir que matar os bolivianos foi inútil, que lutou em vão pela paz. Voltam as imagens, como se fosse um sono, mas esta vez ele não mata bolivianos, ele mata seus próprios companheiros de prisão. Perucho Rodi morre duvidando, foi um sono ou um presságio?

Devido aos desmoronamentos, as autoridades descobrem o plano de fuga. Traçam uma estratégia para que o evento sirva como justificativa e eliminem, de uma só vez, todos os presos da cela 4. Então, na noite seguinte, deixam abertas as grades e as portas para que eles saiam e caíam na emboscada que prepararam na saída da prisão. Os prisioneiros não suspeitam de nada e acabam sendo fuzilados no impulso de evadir-se. O informe oficial indica que eles morreram quando tentavam fugir e que só Perucho Rodi conseguiu escapar. Membros da imprensa são chamados para constatar a veracidade dos fatos divulgados, observam a entrada da escavação e corroboram o comunicado das autoridades sem questionar sobre a saída do túnel.

⁶¹ Valezinho, pequeno vale. O sufixo guarani “i” indica diminutivo.

4.2.1 GUERRAS FRATRICIDAS

La Excavación é um conto de indiscutível densidade histórica, de igual maneira que o estudado anteriormente. Por um lado, retrata circunstâncias que nos remetem a obscuros episódios deflagrados nos porões de uma das tantas ditaduras paraguaias. Por outro, o seu desenvolvimento narrativo através do entrecruzamento de vários planos temporais põe em relevo a necessidade de interrogar o passado e compreendê-lo a partir de uma perspectiva contemporânea. Há ainda outras particularidades que vinculam as duas narrativas, como o perfil do protagonista. Como Solano Rojas, Perucho Rodi também é originário das classes populares, tem quase a mesma idade, é muito determinado e se torna um preso político por participar em um movimento que pretendia derrubar o ditador de turno. Apesar da semelhança na trajetória dos personagens, a narração difere pelo enfoque, pois em *El trueno entre las hojas*, predomina a ação revolucionária de Solano e, no caso de Perucho, é focalizada a sua estada na prisão.

A trágica situação de presos políticos é de fato o ponto central em *La Excavación*, que graças a alguns dados articulados no texto, pode ser relacionada às dolorosas seqüelas da Guerra Civil de 1947. Temos, por exemplo, a participação de Perucho na contenda internacional contra os bolivianos, de 1932 a 1935: *Recordó aquella otra mina subterránea en la Guerra del Chaco* (ROA BASTOS, p. 79); e a referência explícita a uma guerra civil posterior: *La guerra civil había concluido seis meses atrás* (ROA BASTOS, p. 77). Ao confrontarmos esses antecedentes com os registros conhecidos e reconhecidos da história paraguaia, é possível constatar que entre as diversas lutas fratricidas que aconteceram depois da Guerra do Chaco, a de 1947 adquiriu proporções mais graves.

A disputa por poder entre liberais e colorados, especialmente, era a pauta dessa época, até o ponto de provocar a deposição do presidente Higinio Morínigo⁶² e uma violenta revolta que durou seis longos meses. Contudo, devido à eficácia repressora dos militares, o mandatário deposto reconquistou o poder e, para assegurá-lo, se empenhou em uma implacável perseguição contra as forças políticas

⁶² Já no seu segundo mandato.

sublevadas. Ao ocupar-se deste acontecimento, os livros de história selecionados pouco divergem entre si.

Un asalto armado al Departamento Central de Policía producido el 7 de marzo de 1947 y la sublevación de la guarnición militar de Concepción y parte del Chaco, señalaron el inicio de una violenta guerra civil. Los liberales, febreristas y comunistas se aliaron contra Morínigo y los colorados, luchándose hasta el 19 de agosto del mismo año en que las fuerzas que se desprendieron de Concepción y estaban sitiando Asunción, fueron derrotadas pasando por Villeta al territorio argentino de Formosa.⁶³

Essas informações ligeiras e estéreis nem de longe conseguem apresentar o evento em proporções realistas. A maior atenção aos nomes e às ações vitoriosas encabeçadas por figuras representativas dos grupos dominantes acaba refletindo-se no pouco ou nenhum espaço reservado para os que fracassam e suas vicissitudes. Enfim, são parâmetros positivistas que orientam a escrita da história no Paraguai dos anos sessenta, como no caso da obra de Vasconellos. Porém, o que surpreende é que edições mais recentes, como a de Luis G. Benítez, ainda se mantenham tão fieis à cartilha do positivismo.

Jornalistas e historiadores simpáticos ao regime — os únicos com direito a exercer suas funções com limites previamente demarcados — não se ocupavam das misérias sofridas pelos opositores, por convicção própria ou por temor a perder privilégios. Conseqüentemente, as condições inumanas em que viviam e morriam os prisioneiros políticos, em geral, não representavam um tema de interesse para suas respectivas narrativas. Neste contexto, Roa Bastos, naquela época jornalista, é impedido de revelar na imprensa os sombrios bastidores do poder. Contudo, não se subtrai e consegue esquivar a mordação generalizada através de seus impulsos criativos. Remexe esses espaços cobertos de interdições e recria os detalhes mais sórdidos, mais violentos da reclusão política na literatura.

Entretanto, habían fallecido por diferentes causas, no del todo apacibles, diecisiete de los ochenta y nueve presos que se hallaban amontonados en esa inhóspita celda, antro, retrete, ergástulo pestilente, donde en tiempos de calma no habían entrando nunca más de ocho o diez presos comunes (ROA BASTOS, p. 77).

⁶³ VASCONSELLOS, Víctor Natalicio. *Lecciones de Historia Paraguaya*. 5. ed. Asunción: ed. del autor, 1968. p. 228.

Esse fragmento constitui um bom exemplo do estilo narrativo do autor, que consegue conjugar, com habilidade, força lírica e delação contundente. Não prescinde — como não poderia deixar de fazê-lo, levando em conta o espaço discursivo de que dispõe — de uma grande variedade de recursos estilísticos que traduzem os eventos com um realismo vigoroso, vívido. O poder expressivo do texto também radica no humanismo que impregna suas tramas.

De los diecisiete presos que habían tenido la estúpida ocurrencia de morirse, a nueve se habían llevado distintas enfermedades contraídas antes o después de la prisión; a cuatro, los apremios urgentes de la cámara de torturas; a dos, la rauda ventosa de la tisis galopante. Otros dos se habían suicidado abriéndose las venas [...] (ROA BASTOS, p. 77).

Perucho Rodi simboliza as incontáveis vítimas do governo de Morínigo, principalmente aquelas que não conseguiram sobreviver para enfrentar as adversas contingências e delatar as atrozes agressões sofridas. Apesar da fatalidade que circunda o relato, a vocação humanista de Roa Bastos se traduz na férrea vontade e na inesgotável esperança de Perucho. Não bastaram as calamidades da experiência carcerária para que renunciara à luta, à vida. Como fiapos humanos, os prisioneiros investem seu último fôlego no túnel que os levaria para a liberdade. O desejo veemente de voltar a ser livres os impele para as entranhas da terra. *Por allí venía el olor puro de la libertad, un soplo fresco y brillante entre los excrementos* (ROA BASTOS, p.78).

Enquanto Perucho cumpria seu turno, dando continuidade ao projeto de fuga, é surpreendido por sucessivos desmoronamentos e fica imobilizado no tenebroso túnel. No entanto, ele não desiste de cavar mesmo sentindo já dolorosa a sua respiração. *Su esperanza crecía con su asfixia* (ROA BASTOS, p.78). E à medida que vão extinguindo-se os sinais vitais, o delírio passa a dominá-lo. *La tortura se iba transformando en una inexplicable delicia. Empezó a recordar* (ROA BASTOS, p. 79). Este é, precisamente, o momento em que a narração se expande para outro plano temporal, o da Guerra do Chaco.

Desde a época da colonização houve divergências entre o Paraguai e a Bolívia em relação a limites territoriais na região do Chaco, que foram sendo atenuadas mediante negociações diplomáticas até o século XIX. Mesmo assim, depois do conflito armado com o Chile e o Peru em que perdeu a sua saída para o Oceano Pacífico, Bolívia foi invadindo o território paraguaio com a fundação de

fortes militares, na tentativa de obter uma via para o Oceano Atlântico. O descuido na vigilância militar fronteiriça beneficiou a penetração boliviana até 1927, quando aconteceu o primeiro choque de forças causando a morte do tenente Adolfo Rojas Silva e de vários soldados paraguaios. Este incidente mobilizou as tropas paraguaias para o contra-ataque e outras batalhas se desenrolaram. Algumas conferências de paz ainda foram organizadas tentando interromper as hostilidades, mas sem sucesso. Em 1933 o Paraguai declarou oficialmente o estado de guerra com o país vizinho, embora os ataques de ambos os lados não tenham cessado praticamente desde 1927.

É esse o panorama descrito na maioria das obras historiográficas coniventes com o discurso oficial, salientando a questão de limites como única motivação da guerra, apesar da existência de indícios controvertidos. Vejamos o comentário de Vasconellos acerca do estado inicial da crise.

Aparentemente existía una ventaja en cuanto a la potencialidad del ejército boliviano: la población de Bolivia era el triple que la paraguaya; el general alemán Hans Kundt fue contratado para organizar el ejército al estilo prusiano y los Estados Unidos de Norteamérica otorgaron un crédito de sesenta millones de dólares a Bolivia para modernizar sus equipos militares.⁶⁴

Devido a esses importantes apoios angariados pela Bolívia, a comunidade mundial acreditava em mais uma funesta derrota para o Paraguai, o que motivou diversas manifestações de protesto. Diante desse quadro, é difícil de aceitar que não se tenha investigado mais sobre os interesses dos Estados Unidos no pleito; qual a origem do financiamento, quais as suas exigências, etc. Observa-se, geralmente, uma passiva anuência da versão oficial nas narrativas históricas, a começar dos tempos em que contrariá-la podia significar o desterro, até hoje, em etapa de redemocratização do país.

Paralelamente, Roa Bastos nega-se a aceitar que nada mais resta a dizer sobre o lamentável episódio bélico e o reinterpreta sob outras coordenadas ideológicas, as do socialismo, mas sempre complementado por sua visão pessoal. Ele nos demonstra que a história não pode ser concebida como uma estrutura cristalizada, que sustenta uma única verdade sobre os acontecimentos.

⁶⁴ VASCONSELLOS, Víctor Natalicio. *Lecciones de Historia Paraguaya*. 5. ed. Asunción: ed. del autor, 1968. p. 211.

Y así sucedía porque era preciso que gente americana siguiese muriendo, matándose, para que ciertas cosas se expresaran correctamente en términos de estadística y mercado, trueques y expoliaciones correctas, con cifras y números exactos, en boletines de la rapiña internacional (ROA BASTOS, p. 79).

Roa Bastos transgride a versão tradicional que reduz as motivações da contenda a questões limítrofes entre Paraguai e Bolívia. Ele denuncia com veemência os obscuros desígnios perpetrados por interesses estrangeiros ao insuflar uma velha pendência de limites e arrastar as duas nações para um confronto armado. Um verdadeiro crime que levou à morte, aproximadamente, trinta mil paraguaios e sessenta mil bolivianos, cuja única desgraça foi a riqueza subterrânea de suas pátrias, riqueza que despertou a cobiça das multinacionais do petróleo.

Mais uma vez, o humanismo do autor se manifesta ao tentar esclarecer os fatos não somente desde, digamos, a ótica do Paraguai, mas de toda a América Latina, pois sua vontade crítica supera as convenções geográficas. Por isso, não encontramos no conto nenhum tipo de apelo nacionalista, pelo contrário, a irmandade entre paraguaios e bolivianos — apesar de seus contrastes territoriais e culturais — é a idéia que subjaz à narrativa. Roa Bastos compreende que ambos os povos foram vítimas de uma mesma fatalidade histórica, a der ser o alvo de inescrupulosos oportunistas, embaixadores do capital.

El altiplano entero, pétreo y desolado, bajaba arrastrado por la quejumbre de las cuecas; toda una raza hecha de cobre y castigo, desde su plataforma cósmica bajaba hasta el polvo voraz de las trincheras. Y hasta allí bajaban desde los grandes ríos, desde los grandes bosques paraguayos, desde el corazón de su gente también absurda y cruelmente perseguida, las polcas y guaranias, juntándose, hermanándose con aquel otro aliento melodioso que subía desde la muerte (ROA BASTOS, p. 79).

Retido no túnel, Perucho está muito perto da morte quando empreende dois processos incontroláveis e simultâneos de evasão, da vida e do presente. *En el frente de Gondra, la guerra se había estancado* (ROA BASTOS, p. 79). Ele se desloca através da memória para reencontrar experiências passadas. *Recordó aquella otra mina subterránea en la guerra del Chaco, hacía mucho tiempo* (ROA BASTOS, p. 79). Mas, o seu recordar não se limita a uma simples contemplação retrospectiva, porque consegue, pouco a pouco, entrever conexões entre o que viveu e o que está vivendo, ou melhor, sobrevivendo.

Recordó, un segundo antes del ataque, la visión de los enemigos sumidos en el tranquilo sueño del que no despertarían. Recordó haber elegido a sus víctimas [...] se retorció en el remolino de una pesadilla. Tal vez soñaba en ese momento en un túnel idéntico pero inverso al que les estaba acercando el exterminio (ROA BASTOS, p. 80).

Em um estado de nefasta sonolência progressiva, sem poder distinguir claramente entre imagens passadas e imagens oníricas, Perucho, no entanto, vai tomando consciência das verdadeiras repercussões dos eventos que o marcaram no Chaco. *Aquel túnel del Chaco y este túnel que él mismo había sugerido cavar en el suelo de la cárcel [...] este túnel y aquél eran el mismo túnel [...]*. (ROA BASTOS, p. 80). Cavar o túnel representava o desejo de que culminara a guerra para reencontrar a paz, a liberdade.

A continuidade da corrompida estrutura político-social do país, não obstante, não daria condições para que, ao longo dos anos, uma verdadeira paz fosse construída. Pelo contrário, suscitaria mais convulsões sociais e deixaria seqüelas mais graves das que já se haviam manifestado antes da guerra. A situação de Perucho como preso político assim o comprova. É a origem de uma certa sucessão cíclica dos fatos. Por isso, as constantes referências à idéia de circularidade. *Un agujero negro y recto que a pesar de su rectitud le había rodeado desde que nació como un círculo irrevocable y fatal* (ROA BASTOS, p. 80).

Mesmo depois da campanha vitoriosa no Chaco e da euforia popular com o triunfo paraguaio, que renovou o otimismo e a confiança no futuro da nação, mais uma etapa de instabilidade política se iniciava. Luis G. Benítez explica as suas causas e aponta as tensões trabalhistas por primeira vez, lembrando que em seu livro não havia sido tocada a onda de greves há duas décadas, a propósito do conto anterior.

Viejas cuestiones político-sociales postergadas por la guerra, y nuevas causas como marginamientos y postergaciones injustas en ascensos y otras cuestiones militares, produjeron el 17 de febrero de 1936, el alzamiento de las unidades militares con asiento en Campo Grande [...] las condiciones de vida de la masa campesina y trabajadora, prisioneros de los grandes latifundistas, sin leyes de protección social [...].⁶⁵

O túnel simboliza a injusta estrutura política e social que favorece a sucessão de governos totalitários, e a ação de cavar outro túnel por parte de Perucho e seus companheiros significa buscar brechas para desestabilizar essa estrutura e promover

⁶⁵ BENÍTEZ, Luis G. *Manual de Historia del Paraguay*. Asunción: ed. del autor, 2002. p. 167.

mudanças. O modelo de domínio político se beneficia da prática historiográfica de molde positivista, que abona o direito que se outorgam determinados grupos sociais da elite para comandar o país, graças ao papel supostamente indiscutível dos seus antepassados como protagonistas na construção da pátria. *Un túnel que tenía para él cuarenta años, pero que en realidad era mucho más viejo, realmente inmemorial.* (ROA BASTOS, p. 80). Ninguém pode contestar a vocação de mando das classes abastadas porque o discurso histórico da tradição autoriza a crer que delas sairão, como em gerações anteriores, os futuros próceres da nação.

Dessa maneira, se reproduzem as mesmas condições, que criam o mesmo tipo de governantes, que buscam e se apegam ao poder sem limites por soberbia, que não promovem mudanças porque obtém grandes ganhos do Estado na sua atual organização, que reproduzem as mesmas condições... e assim sucessivamente, dando a aparência de um círculo vicioso fechado, "perfeito", que perpetua um sistema de poder. Mas Roa Bastos não crê na invulnerabilidade deste sistema, pois, sendo um produto humano, é falível, tem fissuras, e é através delas, precisamente, que se deve perseverar e encontrar uma saída no fim do túnel.

Aquella noche azul del Chaco, poblada de estruendos y cadáveres había mentido una salida. Pero sólo había sido un sueño; menos que un sueño: la decoración fantástica de un sueño futuro en medio del humo de la batalla (ROA BASTOS, p. 80).

Através do delírio e devido ao fracasso do túnel da prisão, Perucho consegue constatar o fracasso do túnel do Chaco, que havia significado, em princípio, uma vitória. Assim como aquele túnel mentiu a paz, o túnel da prisão mentiu a liberdade. Era necessária a paz para libertar-se da guerra e era necessária a liberdade para recuperar a paz. Não houve saída, como conseqüência, nem paz, nem liberdade.

Se vio retorcerse en una pesadilla, soñando que cavaba, que luchaba, que mataba. Recordó nítidamente al soldado enemigo a quien había abatido con su ametralladora, mientras se retorció en una pesadilla. Soñó que aquel soldado enemigo lo abatía ahora a él con su ametralladora, tan exactamente parecido a él mismo que se hubiera dicho que era su hermano mellizo (ROA BASTOS, p. 81).

Ao evocar o instante em que observava os bolivianos antes de matá-los e recordar, em especial, o soldado apossado por um pesadelo, Perucho reconhece a si

mesmo, espantado, vivendo o mesmo pesadelo: seu inevitável fim. A morte aguardava a esse soldado, assim como a Perucho o está aguardando agora. Comprovar a dramática circularidade de alguns acontecimentos leva a antever, até certo ponto, as possíveis conseqüências. Na Guerra do Chaco, paraguaios e bolivianos são, na verdade, irmãos na mesma desgraça, por isso, matar bolivianos significará, com o tempo, matar paraguaios. Não importa em que momento, o presságio está lançado.

En un pensamiento suficientemente extenso y flexible, esas distinciones en realidad carecían de importancia. Era despreciable la circunstancia de que uno fuese el exterminador y otro la víctima inminente. Pero en ese momento no podía saberlo (ROA BASTOS, p. 80).

Como Roa Bastos enfoca o evento desde um ponto de vista continental, sem esquecer os bolivianos em suas reflexões, a sentença "compañeros de prisión" não só se refere a Perucho e aos demais presos. Também a paraguaios e bolivianos, que antes da guerra já estavam presos a uma rede internacional de exploração capitalista, depredadora dos recursos naturais. Prisioneiros antes e depois da contenda, pois a Guerra do Chaco conseguiu acrescentar mais dívidas aos empobrecidos erários do Paraguai e da Bolívia, provocando um retrocesso em seu desenvolvimento econômico, já que acentuaram-se a desigualdade social, a miséria e a dependência econômica. O atual panorama da América Latina, revelado por estudos e estatísticas de organismos internacionais, demonstra que ambas as nações não puderam mais recuperar-se.

Al franquear el límite secreto, las reconoció en un brusco resplandor y se estremeció: esas ochenta y nueve caras **vivas** y terribles de sus víctimas **eran** (y seguirán siéndolo en un fogonazo fotográfico infinito) las de sus compañeros de prisión (ROA BASTOS, p. 81).

Treze anos depois da guerra, mais ou menos, as vítimas do túnel não são mais bolivianos, mas paraguaios. Com respeito a Perucho, ao desvanecer-se lentamente, o presságio se confirma no instante e fica muito impressionado ao ver seus companheiros e a si mesmo sendo mortos no sono que o vai envolvendo pouco a pouco. Não tem certeza se está sonhando ou se tem uma visão do que acontecerá com seus companheiros de infortúnio no dia seguinte, quando já terá perecido no coração de sua ingrata terra.

Inexplicablemente, el caserón circular parecía desierto [...] empujaron, salieron. Al salir, con el primer soplo fresco, los abatió en masa sobre las piedras el fuego cruzado de las ametralladoras que las oscuras troneras del panóptico escupieron sobre ellos [...] (ROA BASTOS, p. 81).

As referências ao "fogonazo fotográfico infinito" e ao "caserón circular" reforçam, mais uma vez, a idéia de que certos fatos têm se repetido fatalmente em ciclos, da mesma forma que o regime político vigente. Através desta constatação tendemos a fazer previsões funestas e entrever um porvir manchado por infinitas lutas entre compatriotas, que acabarão resultando em mais prisões políticas.

As autoridades sabiam que Perucho Rodi ficara sepultado no túnel, depois dos desmoraamentos que delataram o plano de fuga, pois não existia a mínima possibilidade de que pudesse escapar. Porém, respaldando a emboscada que perpetravam para liquidar os companheiros de Perucho, o informe oficial o menciona como único evadido através do túnel. *Los presos de la celda 4 (llamada Valle-í), menos el evadido Perucho Rodi, a la noche siguiente [...]*. (ROA BASTOS, p. 81).

De fato, Perucho não conseguiu evadir-se da prisão, mas empreendeu outras evasões. Durante a transição para a morte, ele pode reencontrar-se com o passado, reviver alguns momentos e compreender a verdadeira magnitude de seus efeitos na realidade que o estava matando. Chega à conclusão de que era falsa a vitória que ajudou a cavar na Guerra do Chaco, como também eram falsas as promessas recebidas após enormes sacrifícios por milhares de soldados, cujos nomes nem sequer figurarão nas crônicas dos historiadores oficiais.

Habéis vencido en jornadas inolvidables a un enemigo tenaz y una naturaleza hostil. La Nación no olvidará a quienes combatieron y sufrieron para salvarla de la mutilación y de la deshonra. Si un pueblo debe ser grande por la inteligencia, el valor y el sacrificio de sus hijos, digo que el nuestro está llamado a los más altos y nobles destinos.⁶⁶

Para o ex-combatente do Chaco, Perucho Rodi, certamente soaram vazias essas palavras do general José Estigarribia, comandante do exército, na ocasião do protocolo de paz. Foi uma guerra inútil, como qualquer guerra. Os paraguaios não recuperaram a paz e ainda perderam a liberdade. Por isso, Perucho se evadiu do

⁶⁶ CHAVES, Julio César. *Compendio de Historia Paraguaya*. 3. ed. Asunción: Carlos Shaumann Editor, 1988. p. 264.

sistema ao contestar o discurso vitorioso sobre o Chaco. Sua evasão significou consciência e subversão.

Al día siguiente, la ciudad se enteró solamente de que unos cuantos presos habían sido liquidados en el momento en que pretendían evadirse por un túnel. El comunicado pudo mentir con la verdad. Existía un testimonio irrefutable: el túnel. Los periodistas fueron invitados a examinarlo. Quedaron satisfechos al ver el boquete de entrada en la celda (ROA BASTOS, p. 81).

A morte dos setenta e um companheiros de Perucho não representou nenhuma alteração significativa na rotina da cidade, imobilizada pelo marasmo, uma vez que os assassinatos políticos em massa já formavam parte de seu cotidiano. Sobrevivendo sob a constante ameaça dos órgãos de repressão, temendo sempre o pior, muitos preferiam o assentimento, o mutismo mais seguro. Todavia, há vozes discordantes, *...y la celda 4 (Valle-í) volvió a quedar abarrotada* (ROA BASTOS, p. 82). Continua o ciclo aparentemente imperturbável, mas estão aqueles que buscarão interrompê-lo.

A heróica resistência de Perucho ao cavar o túnel é uma verdadeira metáfora da relação que deve estabelecer-se com a história, diante de um quadro de grandes injustiças sociais. Não bastarão os combates e a vitória no calor do imediatismo para eliminá-lo, será preciso investigar na história as suas origens, tentando evitar que voltem a se formar as mesmas condições ou, se não for mais possível, pelo menos procurar minimizar seus efeitos. Porém, os registros da historiografia são insuficientes para que a história se converta de fato em um instrumento de análise crítica da realidade, por isso, devemos cavar mais fundo e seguir-lhe os rastros através das outras diversas tentativas de reconstituí-la e interpretá-la até compreender a sua verdadeira ressonância no presente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da leitura crítica dos contos selecionados chegamos à certeza de que a literatura é sim um espaço pertinente de indagação da história, pois neles encontramos vestígios marcantes de passagens históricas como a sua principal matéria narrativa. A dureza e a profundidade dos relatos nos comovem e nos indignam, porque têm o sabor do vivido, e o próprio Augusto Roa Bastos, que sempre esteve atento à sorte de seu povo, nos explica... *Yo intento situarme en el foco de la energía colectiva, traducir el grito de lo inmediato.*⁶⁷ Neste sentido, além de seu valor consolidado como obras literárias por seus alcances estéticos na linguagem e na temática, *El trueno entre las hojas* e *La excavación* são valiosos para o estudo da história paraguaia, porque nos remetem às inúmeras tragédias que se sucederam na construção da sua incipiente democracia; desestabilizam a historiografia ao apontar-lhe suas fissuras; suscitam novas e veementes interrogações em torno do processo histórico.

Por conseguinte, lembrando Hayden White⁶⁸, não se trata de aceitar ou recusar estes ou aqueles fatos por serem mais ou menos verdadeiros, pois as questões levantadas pelos contos, embora enfocadas ficcionalmente, são verdades relevantes sobre a história paraguaia, tanto quanto as informações apresentadas pelos historiadores. Todavia, o que buscamos ressaltar é a importância da obra literária na compreensão mais ampla dos eventos narrados, uma vez que estes, por razões políticas, não tiveram o lugar merecido e justo nas páginas da história oficial.

Graças à análise comparativa das circunstâncias retratadas, observamos que o discurso histórico faz referências breves e superficiais aos movimentos sindicais, ou nem sequer isso, como se fossem irrelevantes na construção da atual democracia em que vive o Paraguai. Em *El trueno entre las hojas*, pelo contrário, temos a descrição em detalhes — muitas vezes sórdidos, mas infelizmente realistas — de várias situações sofridas pelos operários em sua permanente luta por melhores condições de trabalho e de vida. Como protagonistas marginais da história oficial, os benefícios laborais conquistados parecem ter sido fruto do altruísmo e da

⁶⁷ BAREIRO S., Rubén. *Augusto Roa Bastos: caídas y resurrecciones de un pueblo*. Montevideo: Trilce, 1989. p. 167.

generosidade das elites, quando na verdade foram os trabalhadores os que sofreram penúrias e morreram por eles; ou seja, foram partícipes dessas conquistas, tal qual os mostra Roa Bastos. Além disto, no desenvolvimento narrativo são articulados aspectos de caráter econômico, social e cultural que condicionam esses eventos, do mesmo modo em que também são influenciados por estes.

La excavación nos traz as misérias dos presos políticos, uma das trágicas seqüelas das contínuas disputas civis no Paraguai, especificamente a de 1947, talvez a mais sangrenta. Até certo ponto, a ausência ou a presença insignificante de informações sobre os presos políticos condena as narrativas históricas por omissão conivente com respeito aos abusos de poder. Portanto, como nos indica Benjamin⁶⁹, além de sofrer os traumas da derrota, os vencidos, em geral, devem suportar também o seu desterro da história. É justamente contra esta prática redutora da historiografia tradicional que se opõe Roa Bastos ao recriar cenas em que os prisioneiros, apesar das humilhações, continuam batalhando por liberdade com o pouco de dignidade que lhes resta. De certa forma, a denúncia da libertação que lhes foi negada na realidade, faz com que lhes seja restituída na ficção.

Com relação à Guerra do Chaco, os historiadores tendem a reproduzir as versões oficiais apresentadas em coletivas para a imprensa ou em discursos para a nação, e também com base nas próprias matérias de jornais adeptos, sem buscar outras fontes para problematizar os dados, que omitem partes polêmicas, suscetíveis de gerar desconfiança e revolta na população. Em *La excavación*, Roa Bastos revela-nos uma em particular, a negociação sub-reptícia de membros da alta cúpula dos governos do Paraguai e da Bolívia com empresas multinacionais interessadas em obter os direitos de exploração do petróleo que acreditavam existir na região do Chaco. Nos bastidores e apostando na vitória, uma fez investimentos para armar os bolivianos e a outra apoiou os paraguaios, de maneira a atizar a guerra entre os dois países e definir com brevidade a situação territorial. Contudo, o mais inquietante do texto é comprovar a permanência e a verdadeira atualidade do tema.

Constatamos, então, que os livros de história selecionados se ocupam quase exclusivamente do acontecer político, em seus pontos relevantes ou culminantes, e tendo como personagens apenas membros das elites; em outras palavras, seguem

⁶⁸ WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso*. São Paulo: Edusp, 1993. p. 137-51.

⁶⁹ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 231.

ainda os parâmetros da velha história, de acordo com o grupo dos Annales⁷⁰. De certa maneira, esta constatação não surpreende ao referir-nos à *Historia del Paraguay* (1968), de Victor Natalicio Vasconellos, e *Compendio de Historia Paraguaya* (1988), de Julio Cesar Chaves, porque são publicações mais antigas e de épocas em que subsistia o implacável regime do general Alfredo Stroessner.

Já com respeito à *Historia Contemporánea del Paraguay* (1996), de Gomes Freire Esteves, e ao *Manual de Historia del Paraguay* (2002), de Luis G. Benítez, esperávamos que o clima de redemocratização, iniciado no país em 1989, com a queda da última ditadura do século XX, estimulasse a vocação investigativa dos historiadores para revisar as narrativas históricas. No caso de Freire Esteves, falecido em 1970 e cuja obra foi inicialmente publicada em 1921, se tem ainda um argumento razoável. Trata-se de um projeto editorial de resgate das obras clássicas da historiografia paraguaia, preservando o texto original. De Luis G. Benítez, no entanto, por ser a publicação mais recente, se esperaria muito mais, especialmente se levarmos em conta as suas próprias palavras ao apresentar a obra.

Nos abocamos a la tarea con el pensamiento puesto en los niños y adolescentes que en el proceso de aprendizaje requieren una fuente confiable y actualizada y una referencia veraz de los acontecimientos y protagonistas de esa historia.⁷¹

Não se trata de desprezar simplesmente seus conteúdos, mas de alertar sobre o panorama insuficiente do processo histórico nacional que apresentam, visto que são manuais elaborados para alunos do ensino fundamental e do ensino médio. Em suma, o que preocupa é que neles se forme uma consciência histórica parcial e distorcida, no caso de não terem acesso a outras fontes de consulta sobre a história paraguaia. Acreditamos que o estudo da história nas escolas deve consistir na mobilização consciente de dados de diversas fontes, como os da literatura, por exemplo, para que os estudantes conheçam e compreendam as múltiplas possibilidades de focar e interpretar o passado humano.

⁷⁰ LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 31-80.

⁷¹ BENÍTEZ, Luis G. *Manual de Historia del Paraguay*. Asunción: ed. del autor, 2002. p. 5.

Assim, *El trueno entre las hojas* e *La excavación* são, sem dúvida, ótimos exemplos da potencialidade do fazer literário como recurso contra o ponto final que impõem certas práticas historiográficas. São particularmente significativos quanto à ênfase dada à ação de recordar, um recordar reiterativo que leva os seus personagens a conscientizar-se das razões de seus dramas. Um recordar que deve traduzir-se em posição crítica perante qualquer representação do passado. E quando está em jogo a história de toda uma nação, um recordar que implica dizer o passado em toda a sua grandeza, sem esconder os terríveis erros, já que condená-los ao esquecimento traz o risco de que se repitam. Neste sentido, como diz Benjamin, *somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente de seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um de seus momentos.*⁷²

E ainda sobre recordar, mesmo depois de sua morte, em abril de 2005, o nome de Augusto Roa Bastos deverá permanecer com justiça na memória de todos aqueles que consideram a literatura também um espaço de combate e libertação dos absurdos cometidos pela humanidade contra ela própria. Sobretudo os seus compatriotas, que têm em Augusto Roa Bastos um paraguaio como nenhum outro, que dedicou toda a sua vida a denunciar a realidade lamentável do seu país e investigar na história as suas causas. Ele tinha a convicção de que elucidar o presente, em vista de suas projeções, está condicionado, irremediavelmente, ao escrutínio do discurso histórico e ao desvelo de seus arcanos. Por tudo isso, é justo recordá-lo.

La imagen del escritor, como la de un hombre solitario volcándose íntegramente en la tarea desde lo hondo de sí, pero haciéndose solidario de los demás, proyectándose hacia lo universal, con valor, sin claudicaciones, con irreductible fe en la condición humana, en lo que ella tiene de permanente y perfectible, es la aspiración que da cierta consistencia al oscuro fantasma llamado Augusto Roa Bastos.⁷³

⁷² BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 223.

⁷³ Palavras proferidas pelo próprio autor. ROA BASTOS, Augusto. Roa Bastos por Roa Bastos. In: BAREIRO S., Rubén. *Augusto Roa Bastos: caídas y resurrecciones de un pueblo*. Montevideo: Trilce, 1989. p. 27.

REFERÊNCIAS

ALMADA ROCHE, Armando. *Augusto Roa Bastos: el estilo de la tierra*. Buenos Aires: Ediciones El Pez del Pez, 1998. (Colección Diálogos).

BAREIRO SAGUIER, Rubén. *Augusto Roa Bastos: caídas y resurrecciones de un pueblo*. Montevideo: Ediciones Trilce, 1989.

BENÍTEZ, Luis G. *Manual de Historia del Paraguay*. Asunción: edición del autor, 2002.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, v. 1).

CARDOZO, Efraím. *Apuntes de historia cultural del Paraguay*. Asunción: Ed. Bibliotecas de Estudios Sociales Paraguayos, UCA, 1985.

CARVALHAL, Tânia Franco. *O próprio e o alheio*. Porto Alegre: Unisinos, 2003.

CHAUNU, Pierre. *História da América Latina*. São Paulo: Difel, 1983.

CHAVES, Julio César. *Compendio de Historia Paraguaya*. 3. ed. Asunción: Carlos Shaumann Editor, 1988.

DONGUI, Tuilio Halperin. *História da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

ENCICLOPEDIA DEL PARAGUAY. Barcelona: MM Océano Grupo Editorial S.A., 2001 (Volumen 1 y 2).

FREIRE ESTEVES, Gomes. *Historia contemporánea del Paraguay*. Asunción: El Lector, 1996. (Biblioteca Paraguaya El Lector).

GALEANO, Eduardo. *Las venas abiertas de América Latina*. 56. ed. México: Siglo Veintiuno. 1989.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Cien años de soledad*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1976.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MARTÍNEZ, Luis Maria. *El trino soterrado*. Paraguay: aproximación al itinerario de su poesía social. Asunción: Ediciones Intento, 1985. (Tomo I).

NAVARRO, Márcia Hoppe. *O Romance na América Latina*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1988. (v. 1).

PÉREZ-MARICEVICH, Francisco. *La poesía y la narrativa en el Paraguay*. Asunción: El Lector, 1996. (Colección Textos Literarios, 2).

PICCINI, Mabel. El trueno entre las hojas y el humanismo revolucionario. In: ROA BASTOS, Augusto. *El trueno entre las hojas*. 4. ed. Buenos Aires: Losada, 1976. Prólogo.

PIZARRO, Ana (org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. Campinas: UNICAMP, 1993.

ROA BASTOS, Augusto. *Carta abierta al pueblo paraguayo*. Toulouse: editado en folleto por el autor, 1986.

_____. *Yo el Supremo*. Asunción: El Lector, 1991.

_____. *El trueno entre las hojas*. Asunción: El Lector, 1997. (La Gran Enciclopedia de la Cultura Paraguaya).

_____. *Hijo de Hombre*. Asunción: El Lector, 1997. (Biblioteca Paraguaya El Lector).

_____. *Cuentos Completos*. Asunción: El Lector, 2003. (Colección Homenaje).

RODRÍGUEZ-ALCALÁ, Hugo. *Narrativa Hispanoamericana*. Güiraldes - Carpentier - Roa Bastos - Rulfo. (Estudios sobre invención y sentido). Madrid: Editorial Gredos, 1973. (Biblioteca Románica Hispánica, VII).

_____; PARDO CARUGATI, Dirma. *Historia de la Literatura Paraguaya*. Asunción: El Lector, 1999. (La Gran Enciclopedia de la Cultura Paraguaya).

SUÁREZ, Victorio. *Literatura Paraguaya (1900-2000). Expresiones de los representantes contemporáneos*. Asunción: Servilibro, 2001.

VALLEJOS, Roque. *La literatura paraguaya como expresión de la realidad nacional*. 2. ed. Asunción: Editorial El Lector, 1996.

VELÁZQUEZ, Rafael Eladio. *Breve historia de la cultura en el Paraguay*. 12. ed. Asunción: CP-UCNSA, 1999.

VASCONSELLOS, Victor Natalicio. *Lecciones de Historia Paraguaya*. 5. ed. Asunción: edición del autor, 1968.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso*. Ensaio sobre a crítica da cultura. São Paulo: Edusp, 1994.

ANEXOS

desde lejos su atención. Pero esta vez no se apresuró. Por la desesperación de esos movimientos conjeturó que la presa era otra vez solamente uno de esos pobladores cretinos que no se acababan de ir. Cien metros antes de llegar a la trampa, vio que los movimientos habían cesado por completo. Supuso que el hombre o animal capturado por los dentados resortes se habría zafado o ya estaría muerto. Desmontó y se acercó. El espanto, pero sobre todo el rencor, distendieron sus ojos. De nuevo su odio, su obsesión de venganza, habían marrado parcialmente el golpe: atrapado en el serrucho sólo estaba el pie deforme y ensangrentado del monstruo, no amputado por los dientes del artefacto, sino un poco más arriba, en la coyuntura del tobillo. El mismo se lo habría cercenado con un machete o un cuchillo para escapar a tiempo del cadavérico señor que venía avanzando al tranco del torcido.

Ese pie peludo era el retrato chorreante del monstruo: los dedos como muñones protuberantes y separados; el verdadero pie de un plantigrado en el que la reminiscencia humana era lo más monstruoso. Un pie ancho, cónico y plano, negro por la sangre.

Don Francisco Morel y Santillán no tuvo, sin embargo, que esperar mucho para ver destruido del todo a su enemigo. Unos días más tarde apareció muerto al borde del arroyo. La gangrena le había devorado la pata amputada a la altura del tobillo. La caquexia, la sed, lo fulminaron en el trayecto al arroyo hacia el cual avanzó arrastrándose. Sus labios, tumefactos por la lepra, no alcanzaron a mojarse en el agua cristalina, que sólo le sirvió de espejo final para morir viendo su hirsuta y deforme cabezota rojiza que se iba oscureciendo poco a poco en la noche tenebrosa de la que había salido.

En el duelo entablado entre esos dos seres siniestros no se sabía quién había vencido a quién. El adusto señor del caserón murió poco después. Solamente la sonrisa incorruptible de Alicia Morel siguió vagando por el feudo abandonado. Aún entonces la pudimos ver y aspirando la escarcha perfumada que las ráfagas del verano hacían llover de los naranjos en torno al caserón en ruinas.

Y sus azules ojos infantiles siguieron encendiéndose en las campanillas azules; cuando de su cuerpo angelical que había fascinado nupcialmente al monstruo no quedaba ya otra cosa que su pequeño esqueleto subiendo lentamente en su leve mortaja de corcho hacia la gota de fuego del cardenal que había de vindicarla quince años más tarde, hacia la secreta razón de unas mutaciones prefijadas, hacia los enloquecidos ojos de su hermano.

EL TRUENO ENTRE LAS HOJAS

El ingenio se hallaba cerrado por limpieza y reparaciones después de la zafra. Un tufo de hormo henchía la pesada y eléctrica noche de diciembre. Todo estaba quieto y parado junto al río. No se oían las aguas ni el follaje. La amenaza de mal tiempo había puesto tensa la atmósfera como el hueco negro de una campana en la que el silencio parecía freírse con susurros ahogados y secretas resquebrajaduras.

En eso surgió de las barrancas la música del acordeón. Era una melodía ubicua, deshilachada. Se interrumpía y volvía a empezar en un sitio distinto, a lo largo de la caja acústica del río. Sonaba nostálgica y fantasmal.

—¿Y eso qué es? —preguntó un forastero.

—El cordión de Solano —informó un viejo.

—¿Quién?

—Solano Rojas, el pasero ciego.

—Pero, ¿no dicen que murió?

—El sí. Pero el que toca ahora es su la'ánima.

—¿Achéyarangá, Solano! —murmuró una vieja persignándose.

La mole de la fábrica flotaba inmóvil en la oscuridad. Un perro ladró a lo lejos, como si ladrara bajo tierra. Dos o tres críos desnudos se revolieron en los regazos de sus madres, junto al fuego. Uno de ellos empezó a gimotear asustado, quedadamente.

—Callate, m'hijo. Escuchá a Solano. E'rá solito en el paso.

El contrapunto de un guaimingüe, que rompió con su tañido la quietud del monte, volvió aún más fantasmal la melodía. El acordeón sonaba ahora con un lamento distante y enlutado.

—Así suena cuando no hay luna —dijo el viejo encendiendo su cigarro en un tizón en el que se quemaba un poco de noche.

—La debe andar buscando todavía.

—¡Pobre Solano!

Cuando se apagó el murmullo de las voces, se pudo notar que el acordeón fantasma no sonaba ya en la garganta del río. Solo la campana forestal siguió tañendo por un rato, a distancia imprecisable. Después también el pájaro calló. Los últimos ecos resbalaron sobre el río. Y el silencio volvió a ser tenso, pesado, oscuro.

Los primeros relámpagos se encendían hacia el puente, por detrás de la selva. Eran como fugaces párpados de piel amarilla que subían y bajaban súbitamente sobre el ojo inmenso de la tiniebla.

El acordeón no volvió a sonar esa noche en el Paso.

En ese recodo del Tebicuary vivió sus últimos años Solano Rojas, el cabecilla de la huelga, después de volver ciego de la cárcel.

Probablemente él mismo a su regreso le dio al sitio el nombre con el

que se lo conoce ahora: Paso Yasy-Möröti. Las barrancas calizas y el banco de arena sobre el agua verde forman allí, en efecto, una media luna color de hueso que resplandece espectacularmente en las noches de sequía.

Pero tal vez el nombre de Paso haya surgido menos de su forma que de cierta obstinada imagen pegada a la memoria del pasero.

Vivía en la barranca boscosa que remata en el arenal. Aún se pueden ver los restos de su rancho devorado por el monte sobre aquella pequeña ensenada. Es un remanso quieto y profundo. Allí guardaba su balsa.

No era difícil adivinar por qué había elegido ese sitio. Enfrente, sobre la barranca opuesta, estaban las ruinas carbonizadas de la Ogaguasú en la que se había terminado el funesto dominio de Harry Way, el fabricante yanqui que continuó y perfeccionó el régimen de opresiva explotación fundado por Simón Bonaví, el comerciante judío español de Asunción.

Es cierto que Solano Rojas ya no podía ver las ruinas ni el nuevo ingenio levantado en el mismo emplazamiento del anterior. Pero él debió contentarse seguramente con tenerlos delante, con sentirlos en el muerto pellejo de sus ojos y recordarlos todos los días su presencia acusadora y apacible.

Se apostó allí y dio a su vigilancia una forma servicial: su trabajo de pasero, que era poco menos que gratuito y filantrópico, pues nunca aceptó que le pagaran en dinero. Sólo recibía el poco de tabaco o de bastimento que sus ocasionales pasajeros querían darle. Y a las mujeres y a los niños que venían desde remotos parajes del Guairá los pasaba de balde ida y vuelta. Durante el trayecto les hablaba, especialmente a los chicos.

—No olviden kená, che ra'ykuétra, que siempre debemo' ayudarmo lo uno a lo'jotro, que siempre debemo' étar unido. El único hermano de verdad que tiene un pobre ko'e otro pobre. Y junto todo nojotro formando la mano, el puño humilde pero fuerte de lo'trabajadore...

No era un burdo elemento subversivo. Era un auténtico y fragante revolucionario, como verdadero hombre del pueblo que era. Por eso lo habían alado para siempre a la noche de la ceguera. Hablaba desde ella sin amargura, sin encono, pero con una profunda convicción. Tenía indudablemente conciencia de una oscura y vital labor docente. Su cátedra era la balsa, sobre el río; unos toscos tablonetes boyando en una agua incesante como la vida. Había algo de religioso pero al mismo tiempo de pura y simple humanidad en Solano Rojas cuando hablaba. Su cara morena y angulosa se tornaba viviente por debajo de la máscara que le habían dejado; se llenaba de una secreta exaltación. Sus ojos ciegos parecían ver. La honda cicatriz del hachazo en la frente también parecía mirar como otro ojo arrugado y seco. Los harapientos mita'í lo contemplaban con una especie de fascinada veneración mientras renaba. No tenía más de cuarenta años, pero parecía un viejo. Sólo llevaba puesto un rotoso pantalón de aópo'í arremangado sobre las rodillas. El torso flaco y desnudo estaba vestido con las cicatrices que el látigo de los capangas primero y el yatagan de los guardiacárceles después habían garabateado en su piel. En esa oscura cuartilla los chicos analfabetos leían la lección que les callaba Solano. Y un nudo de miedo valeroso, de emocionada

camaradería, se les atragantaba con la saliva al saltar de la balsa gritando:

—¡Ha' ta la güelta, Solano!

—¡Adió manté che ra'ykuétra!

Queraba un rato en la orilla, pensativo. La mole rojiza del ingenio se desmoronaba silenciosamente sobre él desde el pasado. La sentía pesar en sus hombros. Desatracaaba con lentitud y volvía a su remanso a favor de la corriente, sin remar, sin moverse. Solo la roldanita de palo iba chirriando en el alambre.

Después de la puesta del sol sacaba su remendado acordeón y se sentaba a tocar en su apyká bajito, recostado contra un árbol. Casi siempre empezaba con el Campamento Cerro-León, tendiendo sus miradas de ciego hacia los escombros de la Ogaguasú, en el talud calizo, destruido por el fuego vindicador hacía quince años y habitado sólo ahora por los lagartos y las víboras. No restaba más que eso de Simón Bonaví, de Eulogio Penayo, de Harry Way.

Era su manera de recordarlos que él aún estaba allí vencido sólo a medias.

Su presencia surgía en la sombra, entorchado de abultados costurones, rayada por las verberaciones oscilantes, como si el agua se divirtiera jugando a ponerle y sacarle un traje de presidario trémulo y transparente.

Las ruinas también lo miraban con ojos ciegos. Se miraban sin verse, el río de por medio, todas las cosas que habían pasado, el tiempo, la sangre que había corrido, entre ellos dos: todo eso y algo más que sólo él sabía. Las ruinas estaban silenciosas entre los helechos y las ortigas. El tenía su música. Sus manos se movían con ímpetu, arrugando y desarraigando el fuelle. Pero en el rezongo melodioso flotaba su secreto como los camarotes y los raigones negros en el río.

Un último reflejo verde le bañaba el rostro volcado hacia arriba en el recuerdo instintivo de la luz. Después se oscurecía porque lo agachaba sobre el instrumento como quien esconde la cara entre las manos.

Poco a poco la música se ponía triste y como enlutada. Una canción de campamento junto al fuego apagado de un vivac en la noche del destino. A eso sonaba el acordeón de Solano Rojas junto al río natal. ¿No estarían dialogando acaso el agua oscura y el hijo ciego acerca de las cosas, de recuerdos compartidos?

El tenía metido adentro, en su corazón indomable, un luchador, un rebelde que odiaba la injusticia. Eso era verdad. Pero también un hombre enamorado y triste. Solano Rojas sabía ahora que amor es tristeza y engendra sin remedio la soledad. Estaba acompañado y solo.

En ese sitio había peleado y amado. Allí estaban su raíz, su alegría, y su infortunio. El remendado acordeón lo decía en su lengua de resina y ala, en su pequeño pulso de tambor guerrero que esculpía en las barrancas y en la gente las antiguas palabras marciales:

Campamento Cerro-León

catorce, quince, yesisís,
 yesisiete, yesiocho,
 yesinueve batallón...
 Ipuma-ko la titana,
 pe paypáke lo' mitá...

La lucha no se había perdido. Solano Rojas no podía ver los resultados, pero los sentía. Allí estaba el ingenio para testificarlo; el régimen de vida y trabajo más humano que se había implantado en él; la gradual extinción del temor y de la degradación en la gente, la conciencia cada vez más clara de su condición y de su fraternidad; esos andrajosos mitá í en los que él sembraba la oscura semilla del futuro, mientras movía su arado en el agua. Venían a consultarlo en la barranca. El rancho del pasero de Yasy-Möröti era el verdadero sindicato de los trabajadores del azúcar en esa región.

—Solano, ya cortaron otra vez' lo' turno para nojotro entrar al cañadurce —informaban los pequeños agricultores.

—Solano, el trabajo por tareas ko se paga michi-iteré! —se quejaban los cortadores.

—Solano, esto y lo'otro...

El los aconsejaba y orientaba. Ninguna solución propuesta por Solano había fracasado. En el ingenio y en las plantaciones se daban cuenta enseguida cuando una demanda subía del Paso.

—Viene del sindicato karapé —decían.

Y la respetaban, porque esa demanda pesaba como un trozo de barranca y tenía su implacable centro de equilibrio en lo justo.

No; su sacrificio no había sido estéril. El combate, los años de prisión, sus cicatrices, su ceguera. Nada había sido inútil. Estaba contento de haberse jugado entero en favor de sus hermanos.

Pero en el fondo de su oscuridad desvelada o irremediable, su corazón también le reclamaba por ella, por su mujer, que sólo ahora era como un sueño con su cuerpo de cobre y su cabeza de luna. Teñida por el fuego y los recuerdos.

Ella, Yasy-Möröti.

No habían estado juntos más que contados instantes. Apenas habían cambiado palabras. Pero la voz de ella estaba ahora disuelta en la voz del río, en la voz del viento, en la voz de su cascado acordeón.

La veía aún al resplandor de los fogarones, en medio de la destrucción y de la muerte, en medio de la calma que siguió después como un tiempo que había fluido fuera del tiempo. Y un poco antes, cuando convalenciendo del castigo, él la entrevió a su lado, menos un firme y joven cuerpo de mujer que una sombra desdibujada sobre el agua revuelta y dolorida en la que todo él flotaba como un guiñapo.

La recordaba como entonces y aunque estuviera lejos o se hubiese

muerto la esperaría siempre. No; pero ella no estaba muerta. Sólo para él era como un sueño.

A veces la sentía pasar por el río. Pero ya no podía verla sino en su interior, porque la cárcel le había dejado intactos sus recuerdos, pero le había comido los ojos.

Estaba acompañado y solo. Por eso el acordeón sonaba vivo y marcial entre las barrancas de Paso Yasy-Möröti, pero al mismo tiempo triste y nostálgico, mientras caía la noche sobre su noche.

*Luna blanca que de mí te alejas
 con ojos distantes...
 Yasy-Möröti...*

Antes de establecerse la primera fábrica de azúcar en Tebicuary-Costa, la mayor parte de sus pobladores se hallaba diseminada en las montuosas riberas del río. Vivían en estado semisalvaje de la caza, de la pesca, de sus rudimentarios cultivos, pero por lo menos vivían en libertad, de su propio esfuerzo, sin muchas dificultades y necesidades. Vivían y morían insensiblemente, como los venados, como las plantas, como las estaciones.

Un día llegó Simón Bonavi son sus hombres. Vinieron a caballo desde San Juan de Borja, explorando el río para elegir el lugar. Por fin, al comienzo del valle que se extendía ante ellos desde el recodo del río, Simón Bonavi se detuvo.

—Aquí—dijo paseando las rajás azules de sus ojos por toda la amplitud del valle—. Me gusta esto.

Sacó del bolsillo un mapa bastante ajado y se puso a estudiarlo con concentrada atención. Su larga y ganchuda nariz de pájaro de rapiña daba la impresión de que iba a gotear sobre el papel. De tanto en tanto, distraídamente, se olía el pulgar y el índice frotándolos un poco como si aspirara polvo de tabaco. Los otros lo miraban en silencio, expectantes.

—Sí —dijo Simón Bonavi levantando la cabeza—. Esto es del fisco. Agua, tierras, gente. En estado inculto pero en abundancia. Es lo que necesitamos. Y nos saldrá gratis, por añadidura —giro el brazo con un gesto de apropiación; un gesto ávido, pero lento y seguro.

Los hombres también husmearon en todas direcciones y aprobaron respetuosos lo que dijo el patrón. En los ojos mansos y azules del sefardí la codicia tenía algo de apaciblemente siniestro como en su sonrisa, una hilacha blanda entre los dientes, entre los labios finos, como la rebaba festiva de su metálica y envainada sortidez.

Un hombre rubio, que parecía alemán, estudiaba el lugar con un ojo cerrado.

—Forkel —lo llamó Bonavi.

—Sí, don Simón.

—Puede medir no más. Aquí nos plantamos. Descabalgaron. Un mulato bizco y gigantesco que siempre andaba

detrás de Bonaví con un parabellum al cinto, lo ayudó a desmontar. Lo bajó aupado como a un niño.

—Gracias, Penayo —le sonrió el patrón.

Los ayudantes de Forkel empezaron a medir el terreno con una cinta de acero que se enrollaba y desenrollaba desde un estuche, semejante a una víbora chata y brillante.

Simón Bonaví era bajito y ventruado. A la sombra del mulato, parecía casi un enano. Tenía las piernas muy combadas. Era el único que no llevaba polainas de cuero. Su ropa era oscura y su ridículo sombrero, que más parecía un birrete, tiraba al color de un ratón muerto sobre los moñetes rubicundos. Frecuentemente y como al descuido, introducía los dedos en la abertura del pantalón. El olor de sus partes era su rapé. De allí lo extraía, casi sin recato, entre el índice y el pulgar. Y al aspirarlo, sus ojos mortecinos, su pacífica expresión se reanimaban.

—¿Qué huele, don? —le había preguntado una vez, al discutir un negocio, un colega curioso y desaprensivo que lo veía meter a cada momento la mano bajo la mesa.

—El olor del dinero, mi amigo —le respondió sin inmutarse Simón Bonaví, al verse descubierto.

En ese valle del Tebicuary del Guairá, el "olor del dinero" parecía formar parte de su atmósfera. Simón Bonaví lo pellizcaba en el aire mientras sus hombres hacían pandear sobre las cortaderas la flexible víbora de metal.

—El proyecto del ferrocarril a Encarnación pasa a un kilómetro de aquí —comentó el patrón.

—Probablemente —asintió el ingeniero alemán—. El terminal está a cinco leguas al norte de San Juan de Borja.

—Pasa por aquí. Lo he visto en el mapa.

—Ja. Eso es muy interesante, don Simón —dijo entonces el alemán sin despegar los ojos de los agrimensores.

—Claro. Sin ferrocarril no hay fábrica —los carrillos sonrosados estaban plácidos. Hasta cuando amenazaba, Simón Bonaví permanecía tierno y risueño.

—Sin ferrocarril no hay fábrica —respondió el otro en un eco servil.

—En Asunción moveré mis influencias para que siga la construcción de la trocha. Nosotros levantaremos aquí la fábrica. Que el gobierno ponga las vías. Eso es hacer patria —el cuchillito blanco se reflejaba entre los dientes sucios y grandes.

—Eso es hacer patria —dijo el ingeniero.

Así nació el ingenio. Simón Bonaví conchabó a los pobladores. Al principio éstos se alegraron porque veían surgir las posibilidades de un trabajo estable. Simón Bonaví los impresionó bien con sus maneras mansas y afables. Un hombre así tenía que ser bueno y respetable. Acudieron en masa. El patrón los puso a construir olerías y un terraplén que avanzó al encuentro de los futuros rieles.

Con los ladrillos rojizos que salían de los hornos se edificó la fábrica. Después llegaron las complicadas maquinarias, el trapiche de hierro, los grandes tachos de cobre para la cocción. Tuvieron que transportarlos en alzaprimas desde el terminal del ferrocarril sobre una distancia de más de diez leguas.

Se levantaron los depósitos, algunas viviendas, la comisaría, la proveeduría. Los hombres trabajaban como esclavos. Y no era más que el comienzo. Pero de los patacones con que soñaban, no veían ni "el pelo en la chupa", porque el patrón les pagaba con vales.

—Acciones al portador, muchachos —les decía los sábados—. Vayanse tranquilos.

—Kuatá rei, patrón —se atrevió alguno a protestar.

—¿Qué dice éste? —preguntó a Penayo, que echaba su sombra protectora sobre él.

—Papel debarate —tradujo el mulato.

—Tonto, más que tonto —argumentó sonriendo el patrón—. El papel es la madre del dinero. Y este papel es más fuerte que el peso fuerte. Son acciones al portador. Vayan a la proveeduría y verán.

Eso de "acciones al portador" sonaba bien, pero ellos no lo entendían. Creían que era algo bueno relacionado con el futuro. Tomaban sus vales y se iban al almacén de la proveeduría que chupaba sus jornales a cambio de provisiones y ropas diez o veinte veces más caras que su valor real. Pero eran ropas y provisiones y eso lo adquirirían con el kuatá rei, el papel blanco que era más fuerte que el peso fuerte, que el patacón cañón.

Simón Bonaví tejía su tela de araña con el juego de las mismas moscas que iba cazando. Llevaba los hilos de un lado a otro en sus manos pequeñas y regordetas, balanceándose mucho al andar sobre sus piernas estevadas, como un péndulo ventruado, rapaz y sonriente. El péndulo de un reloj que marcaba un tiempo cuyo único dueño era Simón Bonaví.

Los nativos veían crecer el ingenio como un enorme quiste colorado. Lo sentían engordar con su esfuerzo, con su sudor, con su temor. Porque un miedo sordo e impotente también empezó a cundir. Su simple mente pastoril no acaba de comprender lo que estaba pasando. El trabajo no era entonces una cosa buena y alegre. El trabajo era una maldición y había que soporarlo como una maldición.

Antes de que la fábrica estuviera lista, Simón Bonaví ya tenía bien ablandada a la gente por la intimidación. Él seguía sonriendo mansamente y aspirando el casto rapé de sus entrepiernas. No intervenía personalmente en la tarea del amansamiento. Para eso había puesto al frente de los trabajos a Eulogio Penayo, que ahora blandía a todas horas un largo y grueso teyriruguí atado al puño.

—Cháke, Ulogio!... —susurraba el miedo en el terraplén, en las olerías, en los rozados, en los galpones. Y la cola de cuero trenzada restallaba en la tierra, en la madera, en las máquinas, en las espaldas sudorosas de los esclavos. A veces sonaban los tiros del *parabellum* en son de amedrentamiento. Penayo quería que supiesen que él era tan zambo para los trallazos como para los balazos.

Uno de los tiros dio en la cabeza de Esteban Blanco, que se atrevió a levantar la mano contra el capataz. El mulato le disparó a quemarropa.

—¡Omanó Tebá! ¡Ulogio oyuká Tebápe! —los testigos esparcieron la noticia.

Fue el primer rebelde y el primer muerto. Lo arrojaron al río. El cadáver se alejó flotando en un leve lienzo de sangre sobre la tela verde y sinuosa del agua.

Simón Bonaví sonreía y se olía los dedos. Los ojos bizcos del mulato rondaban entre las hojas y el polvo. El patrón era manso. El mulato era la sombra siniestra del risueño hombrecito.

Entre los dos cerraron el círculo en torno a los pobladores de Tebicuary del Guairá. Los únicos que quedaron libres fueron los carpinteros. Ellos no quisieron vender su vagabundo destino al patrón que compraba vidas con vales de papel para toda la vida.

Vino una peste. Enfermaron y murieron muchos. Algunos se animaron al principio a pedir al patrón un adelanto para comprar remedios en San Juan de Borja. Con su mansa sonrisa, Simón Bonaví los regresó:

—¡Ah, los pobres no tenemos derecho a enfermarnos! Ahí está el río— dijo tirando levas pulgaradas por sobre el hombro—. Déntes agua, mucha agua, hasta que se cansen. El agua es un santo remedio.

Por fin la fábrica empezó a funcionar. Sus intestinos de hierro y de cobre defecaron un azúcar blanco, más blanco que la arena del Paso. Blanco, dulce y brillante. Los hombres, las mujeres y los niños oscuros de Tebicuary-Costa se asombraron de que una cosa tan amarga como su sudor se hubiese convertido en esos cristallitos de escarcha que parecían bañados de luna, de escamas trituradas de pescado, de agua de rocío, de dulce saliva de lechiguanas.

—¡Azucá... azucá möröti! ¡Iporaitépa! —clamaron al unísono en voz baja. Algunos tenían húmedos los ojos. Tal vez el reflejo del azúcar. Lo sentían dulce en los labios, pero amargo en los ojos, donde volvía a ser jugo de lágrimas, arena dulce empapada en lágrimas amargas.

En el primer momento se dieron un atracón. Después tuvieron que comerlo a escondidas, a riesgo de pagar un puñito con diez latigazos del mulato.

Terminada la prima zafra, Simón Bonaví regresó a la capital dejando en la fábrica al ingeniero alemán Forkel y en la comisaría a Eulogio Penayo.

Los vieron alejarse a caballo sonriendo y oliéndose los dedos, como si al marcharse se sorbiera el resto de la luz y del aroma agreste que aún sobraban en Tebicuary del Guairá. Se eclipsó detrás del mulato que lo escoltó hasta el tren.

En la fábrica se encontró entonces el sombrío reinado del temor cuyos cimientos había echado Simón Bonaví con gestos tiernos y blandas miradas

azules. Forkel y Penayo debían rendirle estrictas cuentas. Quedaban allí como el brazo diestro y el siniestro del ventrudo hombrecito de Asunción.

De la chimenea del ingenio salía un humo negro que manchaba al aire limpio, el cielo en otro tiempo claro del valle. Era como el aliento de los desgraciados enterrados vivos en el quiste de ladrillo y hierro que seguía latiendo a orillas del río.

La noche de San Juan, las hogueras pasaron ese año fugitivas y espectrales, verdaderos fuegos fatuos sobre el agua.

Solano Rojas tenía entonces quince años y trabajaba ya como peón en la conductora del trapiche. El vio rebelarse y morir a Esteban Blanco. Su grito, su cabeza destrozada por el balazo del *parabellum*, pero sobre todo su altivo gesto de rebeldía contra el matón que lo había azotado, se le incrustaron en el alma.

Eulogio Penayo siguió comiéndose tropelías y vejámenes sin nombre. Estaba envalentonado. Se sabía impune y omnipotente. Ahora era también el comisario del gobierno. Bonaví le había conseguido su nombramiento por decreto.

La comisaría, una casa blanca con techo de cinc, tan siniestra como su ocupante, estaba frente al recodo en la parte más alta de la barranca. Desde allí el capataz-comisario vigilaba el ingenio como un perrazo negro aureolado de sangriento prestigio. Allí arrastraba por las noches a las mujeres que querían gozar en sus antojos líbricos. A veces se oían los gritos o el llanto de las infelices por entre las risotadas y palabrotas del mestizo.

Al año siguiente de la partida del patrón, le tocó el turno a la madre de Solano, que era una mujer todavía joven y bien parecida. Consiguió de ella todo lo que quiso porque la amenazó, si se negaba, con que iría a matar a su hijo que estaba trabajando en la fábrica. Solano lo ignoró hasta mucho después, cuando ya el mulato estaba muerto y cuando una venganza personal hubiera carecido de sentido aun en el caso de no estarlo.

Pero entretanto, otro enemigo les apareció de improviso a los peones de la fábrica.

Max Forkel hizo traer a su mujer de Asunción. Llegó montada a lo hombre y con traje de amazona: botas negras, casaca y pantalón azules, sombrero de paño encasquetado sobre el cabello teñido de indefinible color.

Desde el primer momento supieron a qué atenerse con respecto a ella. Era una hembra cerraera e insaciable, la versión femenina del mulato. Andaba todo el tiempo a caballo, fatigando los campos y mirando extrañamente a los hombres, al pasar. Le llamaron la «Bringa». La mancha azul de su casaca volaba en el viento y en el polvo del ingenio a la mañana y a la tarde.

Al principio, la «Bringa» se lió con el mulato. Salían juntos y se tumbaban en cualquier parte, sin importárseles mucho que ocasionales espectadores pudieran murmurar después:

—Ya lo vimos' otra ve'a Ulogio y a Bringa... en el montecito.

—Parecen burro y burra...

Pero Penayo se cansó pronto de esta mujer cuarentona y repelente y acabó por volverle la espalda. Entonces ella se dedicó a buscar candidatos entre la peonada joven. Los mandaba llamar y se hacía cubrir con dádivas o bajo amenazas, casi en las propias barbas del marido y probablemente con su táctica aceptación. Algunos se prestaron a los señles galanteos de la mujer del ingeniero, atacada de furiosa ninfomanía. Y los que no querían transigir eran echados de la fábrica. El dilema, sin embargo, era terrible: o las bubas de la Bringa o el hambre y la persecución.

La Bringa fue entonces la Vaca Brava.

—¡Vacá ñaró... vaca cosé... vacá pochyl!

Cuatro veces más las fogatas de San Juan habían bajado por el río.

Solano Rojas era ya un hombre espigado y esbelto. Un día, Anacleto Pakurí le trajo la temida noticia.

—Ahora quiere liarse con vo.

—¿Quién? —preguntó Solano por preguntar. Sabía de quién se trataba. Sus veinte años vírgenes y viriles se irguieron dentro de él con asco sombrío y turbulento.

—Ella, Vaca Ñaró —dijo Anacleto fricionándose la bragadura—. Te va a mandar llamar. Anoche é tuve con ella. ¡Néike, tapypi, que tembrón chúcaro pa que'e' el mujer del injiñero! Dié peso munte-ko me dio. Má e — sacó del bolsillo del pantalón un billete nuevo con un hombre frentudo en el centro.

—¡Te vendite, Anacleto! —Solano le arrancó el billete, escupió encima con rabia la espuma amarilla de su naco. Después lo arrojó al suelo, lo pisoteó como una víbora muerta y lo cubrió de tierra.

—V' a dirme ko agora mimo a la curandera de Kande'á a ver pa si me limpia del contagio —dijo humillado Anacleto—. Y vo' cuidate ke, Solano. Yo ya te avisé.

Pero un imprevisto acontecimiento libró a Solano de la acometida de la Vaca Brava.

Al día siguiente de su encuentro con Anacleto, el comisario amaneció muerto en su casa. Tenía un cuchillo clavado en la espalda. Fue un asesinato misterioso. Era un asesinato increíble. No había ningún indicio. La casa del perro negro era inexpugnable y de él se decía que dormía con un ojo sobre el caño del *parabellum*... Debía de ser una mujer. Tal vez la mujer de Forkel. La habrán visto rondar la casa blanca y después hablar con el mulato en el alambro. Podía ser el mismo Forkel. Lo único cierto era que el salvaje cancerbero de Simón Bonaví estaba muerto. Y bien muerto. La gente tenía por fin algún respiro. Los viejos rezaban, las mujeres lloraban de alegría.

Simón Bonaví mandó a otro testaferrero y junto con él a varios inmigrantes para que procediera a una depuración de empleados, a una "cruza" general de los elementos más antiguos.

—El mestizaje aplaca las sangres y mejora los negocios —había dicho oliendo como siempre el olor del dinero, que él guardaba en la botonadura del pantalón.

Max Forkel también fue despedido. Simón Bonaví dio al testaferrero instrucciones precisas con respecto al ingeniero alemán.

—Es blando, inepto con la gente, cobra un sueldo muy subido. Y tiene esa mujer que es un asco de inmoralidad. Además ya no necesitamos de él. Me lo pone de patitas en la calle, sin contemplaciones.

Se marchó a pie con su mujer por el terraplén, cargado de valijas como un changador.

La Vaca Brava parecía que por fin se hubiese amansado. Iba extrañamente tranquila al lado del marido, como una sumisa y verdadera esposa. Estaba irrecognible. Vestía un sencillo vestido de percal floreado y no el agresivo traje de amazona que había usado todo el tiempo. El peso de un maletín negro que llevaba en la mano la encorvaba un poco. Parecía al mismo tiempo más vieja y más joven. Y el ala de un ajado sombrero de toquilla suavizaba y hacía distante la expresión de su rostro repulsivo, en el que algo indescriptible como una sonrisa de satisfacción o de renuncia flotaba tristemente, ennobleciónolo en cierta manera. Una sola vez se volvió con recatada lentitud como despidiéndose de un tiempo que allí moría para ella.

Un viejo cuadrillero cuchicheó a otro en el terraplén:

—La Vaca Brava le arregló a Ulogio Penayo. No puede ser otra.

—¡Hee, compagare. No engaña el yablo por más manso que se ponga.

—En la vaija lleva el lasánima del mulato.

—¡Jha kuñá takú! Al fin sirvió para algo...

Pero era como si hablara de un ser que ya tampoco existía, porque en ese momento una nube de polvo acabó de borrar el maletín negro y el vestido floreado.

La ex comisaria quedó abandonada por un tiempo sobre el talud calizo. Se decía que el alma en pena de Eulogio Penayo se lamentaba allí por las noches. Después la ocupó otro matrimonio alemán que tenía una hijita de pocos años.

Una noche que trajeron a la casa a un carpintero muerto por un lobo-pe, la niña desapareció misteriosamente. Era una noche de San Juan y los fuegos resbalaban en la garganta del río.

La madre enloqueció al ver que el cadáver del carpintero se transformaba en un mulato, un mulato gigantesco que lloraba y se reía y andaba golpeándose contra las paredes. Afirma que él había robado a su hijita. Pero eso era solamente la invención de su locura. El carpintero muerto seguía estando donde lo habían puesto bajo el alero de la casa, estremecido por los rojizos reflejos.

Otras cuatro veces las fogatas de San Juan de Borja pasaron aguas abajo.

Las cosas aflojaron un poco en el ingenio. El reemplazante de Eulogio Penayo, más que un matón, era un burócrata. Vivía en sus planillas. Y lo tenía todo organizado en base de números, de fichas, de metódica rutina. Los hombres trabajaban más holgados con la mejor distribución de las ta-

reas. El descontento se apaciguó bastante. Simón Bonaví había dado un sa-gaz golpe de timón. Iba a ser el último. Mientras tanto, la fábrica seguía produciéndole mucho dinero y el régimen de explotación en realidad ape-nas había cambiado. La punta del lápiz del nuevo testafiero resultó tan efi-caz como el teyú-ruguái del anterior. Es cierto que también el lápiz conti-nuaba respaldado por buenos fusiles y capangas ligeramente adecentados. Esto era lo que producía el optimista espejismo.

Entre los pocos que no se dejaban engañar estaba Solano Rojas. Era tal vez el más despierto y voluntarioso de todos. Palpaba la realidad y entre-veía intuitivamente sus peligros.

—E' to ko' e' pura saliva de loro marakaná. No se duerman, lo' miá. Pero le hacían poco caso. Los hombres estaban cansados y maltrechos. Preferían seguir así a dar pretexto para que volvieran a reducirlos por la violencia.

Entre los conchabados que vinieron ese año para la zafra llegó un arribeño que era distinto de todos los otros. Buena labia, fogoso, simpático de entrada, con huellas de castigo que no destruían, que ennoblecían su tra-za joven, la firme expresión de su rostro rubio y curtido. Se hacía llamar Gabriel.

Trajo la noticia de que los trabajadores de todos los ingenios del Sur estaban preparando una huelga general para exigir mejores condiciones de vida y de trabajo. Tebicuary—Guazú y Villarrica ya estaban plegados al movimiento. El venía a conseguir la participación de Tebicuary Costa.

—Nuestra fuerza depende de nuestra unión—repitió constantemente Gabriel en los conciliábulos clandestinos—. De nuestra unión y de saber que luchamos por nuestros derechos. Somos seres humanos. No esclavos. No bestias de carga.

Solano Rojas escuchaba al arribeño con deslumbrado interés. Por fin alguien había venido a poner voz a sus ansias, a incitarlos a la lucha, a la rebelión. El agitador de los trabajadores del azúcar se dio cuenta enseguida de que en ese robusto y noble mocetón tendría su mejor discípulo y ayudan-te. Lo aleccionó someramente y trabajaron sin descanso. El entusiasmo de la gente por la causa fue extendiéndose poco a poco. Eran objetivos simples y claros y los métodos también eran claros y simples. No era difícil compren-derlos y aceptarlos porque se relacionaban con sus oscuros anhelos y los expresaban claramente.

El agitador dejó a Solano Rojas a cargo de los trabajos y se marchó. Poco tiempo después el administrador percibió sobre sus planillas y ficheros la sombra de la amenaza que se estaba cerniendo sobre el ingenio. Le pareció prudente retransmitir el dato sin pérdida de tiempo al patrón.

El hambrecito ventruado vino y captió de golpe la situación. Su ganchuca nariz, habituada al aroma zahorí de su miembro, olió las dificultades del futuro, el tufo de la insurrección.

—Esto se está poniendo feo—dijo el administrador—. Dejemos que sea otro quien se quemé las manos.

Regresó a los pocos días y puso en venta la fábrica junto con las tierras que obtuviera gratuitamente del fisco para "hacer patria". No le costó en-contrar interesados. Simón Bonaví entró en tratos con un ex algodonero de Virginia que había venido al Paraguay como hubiera podido irse a las junglas del Africa. En lugar de cazar fieras o buscar diamantes, había caído a cazar hombres que tuviesen enterrados en sus carnes los diamantes infinitamente más valioso del sudor. Había venido con armas y dólares. Bonaví, ladino, no le ocultó lo de la huelga. Sospechó que podía ser un matiz excitante para el ex algodonero. Y no se equivocó.

—No me importa. Al contrario, eso gustará a mí—le dijo el virginiano, y le pagó al contado el importe de la transacción que incluía la fauna, la flora y los hombres de Tebicuary-Costa.

Entonces llegó Harry Way, el nuevo dueño. Llegó con dos pistolas col-gándole del cinto, los largos brazos descolgados a lo largo de los *breeches* color caqui y una agresiva y siniestra actitud empotrada sobre las cachas de cuerno de las pistolas. Era grande y macizo y andaba a zancadas, hamaándose como un ebrio. Sus botas rojas dejaban en la tierra los agujeros de sus zancajos. Los ojos no se le veían. Su rostro cuadrado, sobre el que echaba perpetuamente sombra el aludo sombrero, parecía acechar como una tronera de cemento la posible procedencia del ataque o elegir el sitio y calcu-lar la trayectoria del balazo que él debía disparar.

Le acompañaban tres guardaespaldas que eran todos dignos de él: un moreno morrudo, que tenía una cuchillada cenicenta de oreja a oreja; un petiso de cara bestial que a través de su labio leporino escupía largos chorri-tos de saliva negruzca. De tanto en tanto sacaba de los fondillos un torzal de tabaco y le echaba una dentellada. El tercero era un individuo alto, flaco y pecoso que siempre estaba mirando aparentemente el suelo, pero en reali-dad atisbando por debajo del sombrero volcado a ese efecto sobre la frente. Los tres cargaban un imponente "Smith-Wesson" negro a cada lado y una corta guacha deslomadora al puño. Parecían mudos. Pero todo lo que les faltaba en voz les sobraba en ojos.

Aparecieron una mañana como brotados de la tierra. Los cuatro y sus caballos. Nadie los había visto llegar.

Lo primero que hizo Harry Way en el ingenio fue reunir a la peonada y a los pequeños agricultores. No quedó un solo esclavo sin venir a la extra-ña asamblea convocada por el nuevo patrón. Su voz tronó como a través de un tubo de lata amplio y bien alimentado de aire y orgulloso desprecio hacia el centenar de hombres arrinconados contra la pared rojiza de la fábrica. Su cerrado acento gringo tornó aun más incomprensible y amenazadora su pe-rorata.

—Me ha prevenido don Simón que aquí se está preparando —una huelga paga usudes. Mi ha comprado este fábrica y he venido paga hacelo trabacá. Como que me llama Harry Way, no decará vivo un solo miserable que piense en huelgas o en tonteguias de este clase.

Se golpeó el pecho con los puños cerrados para subrayar su amenaza.

Por el terraplén venía un verdadero destacamento de hombres armados con máuseres del gobierno. Eran los nuevos soldados de la comisaría, cuyos nombramientos también habían salido del Ministerio del Interior.

Harry Way poseía un agudo sentido práctico y decorativo. La espectacular aparición de sus hombres se producía en un momento oportuno. Eran como veinte, tan mal encarados como los tres que rodeaban al patrón. En el polvo que levantaban sus caballos, se acercaban como flotando en una nube de plomo, hombres siniestros, cuyos esqueletos ensombreados asomaban en la sombra de hueso que el polvo no podía apagar. Se acercaban por el terraplén. Los envolvía aún un silencio algodonoso y sucio, pero ya los ojos de los peones escuchaban el rumor brillante de sus armas. Después, se escuchó el rumor de sus cascos. Y sólo después el rumor de las voces y las risas cuando los hombres avanzaron al tranco de sus caballos y se cerraron en semicírculo sobre la fábrica.

Harry Way reía. Los peones temblaban. Los "soldados" mostraban el esqueleto por la boca.

Tebicuary del Guairá estaba mucho peor que antes. Sus pobladores habían salido de la paila para caer al fuego.

Harry Way se fue a vivir con sus hombres en la casa blanca donde había muerto Eulogio Penayo. Era como si el alma en pena del mulato se hubiera reencarnado en otro ser aún más bárbaro y terrible. Harry Way hizo aflorar la memoria del antiguo capataz-comisario de Bonaví, casi como una fenecida delicia.

La casa blanca fue reconstruida al poco tiempo. Y se llamó desde entonces la Ogaguasú. Volvía a ser comisaría y ahora era, además, la vivienda del todopoderoso patrón. Alrededor, como un cinturón defensivo, se levantaron los "bungalows" de los capangas.

A extremos increíbles llegó muy pronto la crueldad del Buey-Rojo, del Güey-Pyá, como empezaron a llamar al fabricante gringo Harry Way. Así les sonaba su nombre. Y en realidad se asemejaba a un inmenso buey rojo. Sus botas, sus camisas a rayas coloradas, su pelo de herrumbres que parecía teñido de pensamiento sanguinario, su desbordante y sanguinaria animalidad.

Como antes Simón Bonaví desde Asunción, ahora pastaba Harry Way en Tebicuary-Costa. El quiste colorado se hinchaba más y más y estaba cada vez más colorado, latiendo, chupando savia verde, savia roja, savia blanca, savia negra, los cañaverales, el agua, la tierra, el viento, el sudor, los hombres, el guarapo, la sangre, todo mezclado en la melaza que fermentaba en los tachos y que los centrifugas desecaban blanquísima por sus traseros giratorios y zumbadores.

El azúcar del Buey-Rojo seguía siendo blanco. Más blanco todavía que antes, más brillante y más dulce, arena dulce empapada en lágrimas amarillas, con sus cristallitos de escarcha rociados de luna, de sudor, de fuego blanco, de blanco de ojos triturados por la pena blanca del azúcar.

Frente a la fábrica se plantó un fornido poste de lapacho. Allí azotaban

La camisa a rayas coloradas se desabotonó bajo la blusa y un espeso mechón color herrumbre asomó por la abertura. Con el dorso de la mano se reviró después el sombrero que cayó sobre la nuca. El rostro cuadrado y sanguíneo también parecía herrumbreado en la orla de pelo que lo coronaba ralmente. Harry Way pasó sus desafiantes ojos grises por los hombres inmóviles.

—Quien no esté conforme que me lo diga ahora mismo. Mi conformar enseguida.

Su crueldad le sahumaba, le sostenía. Era su mejor cualidad. Su corpachón flotaba en ella como un peñasco en una cerrazón rojiza.

Se oyó un grito sofocado en las filas de los trabajadores. Lo había proferido Loreto Almirón, un pobre carrero enfermo de epilepsia. Sus ataques siempre comenzaban así. Estaba verde y su mandíbula le caía desgonzada sobre el pecho.

—¡Tráiganlo a ese miserable! —barbotó Harry Way a sus capangas. El moreno y el petiso corrieron hacia los peones. El pecoso se pegó al patrón con las manos sobre los revólveres. Loreto Almirón fue traído a la rastra y puesto delante de Harry Way. Parecía un muerto sostenido en pie.

—¿Usted ha protestado?

Loreto Almirón sólo tenía los ojos muy abiertos. No dijo nada.

—Mí va a enseñar paga usted a ser un jueguista... —se combó a un lado y al volver descargó un puñetazo tremendo sobre el rostro del carrero. Se oyeron crujir los dientes. La piel reventó sobre el canto del pómulo. Los que lo tenían aterrado por los brazos lo soltaron, y entonces Loreto Almirón se desplomó como un fardo a los pies de Harry Way, que aun le sacudió una feroz patada en el pecho.

—¿Alguien más quiere probar? —preguntó excitado.

La masa de hombres oscuros temblaba contra la pared, como si la epilepsia de Loreto Almirón, ahora inerte en el suelo, se estuviera revolviendo en todos ellos.

Solano Rojas estaba crispado en actitud de saltar con el machete agarrado en las dos manos. Gruesas gotas empezaron a caer junto a sus pies. No eran de sudor. En su furia impotente y silenciosa, había cerrado una de sus manos sobre el filo del machete que le entró hasta los huesos.

—¡Todavía no... todavía no! —el espasmo furioso estaba por fin domado en su pecho, que resonaba en secreto como un monte.

El pecoso espiaba por debajo del sombrero pif en dirección a Solano. No le veía bien. José del Rosario y Pedro Tanimbú lo habían tapado con sus cuerpos. Sólo el instinto le decía al capanga que allí estaba humeando la sangre. Pero la sangre de los esclavos ya estaba humeando en todas las venas bajo la piel oscura y martrizada.

Sombras de sollozos reprimidos estaban arañando el cielo seco y ardiente de las bocas.

La carcajada de Harry Way apedreó a los peones.

—¡Ja... ja... ja...! ¡Jueguistas! Mi enseñar paga ustedes a ser mansitos como ovejas... ¡Miguen eso!

a los remisos, a los descontentos, a los presuntos "jueguistas". Cuando había alguno, el Buey-Rojo ordenaba a sus capangas:

—Llévenlo al *good friend* y sacúdanle las miasmas.

El "buen amigo" era el poste. Las guachas deslomadoras administraban la purga. Y el paciente quedaba atado, abrazado al poste, con su lomo sanguinolento asándose al sol bajo una nube de moscas y de tábanos.

El negro de la cuchillada cenicienta y el petiso tembevo-karapé se especializaron en las guacheadas. Especialmente este último. Cruzaban apuestas.

—Cinco pesos voy a e'ete —decía el petiso al negro—. Lo de lomo en veinte guachazo'.

—En treinta —apuntaba el negro.

El tembevo-karapé se lubricaba las manos arrojándose por el labio partido un chorrillo de baba negruzca, empuñaba la guacha y comenzaba la faena con su acompasado y sordo estertor en el pecho. Casi siempre acertaba. Deslomar significaba desmayar al guacheado. Los planazos del cuero sonaban casi como tiro de revólver sobre el lomo del infeliz que gritaba hasta que se quedaba callado, deslomado.

José del Rosario fue al poste. Era viejo y no aguantó. Arrojaron su cadáver al río. Tanimbú fue al poste. Estaba tísico y no aguantó.

Arrojaron su cadáver al río. Anacleto Pakurí fue al poste. Era joven y fuerte. Aguantó. Dejó por sus propios medios el "buen amigo". Pero al día siguiente volvió a insolentarse con uno de los capangas y lo liquidaron de un tiro. Arrojaron su cadáver al río. Un poco antes también habían arrojado al río a Loreto Almirón, que no murió de guachas sino del puñetazo que Harry Way le obsequió al llegar.

El río era una buena tumba, verde, circulante, sosegada. Recibía a sus hijos muertos y los llevaba sin protestas en sus brazos de agua que los había medido al nacer. Poco después trajo pirañas para que no se pudrieran en largas e inútiles navegaciones.

Las mujeres no estaban mejor que los hombres. Antes sólo vivía en la casa blanca Eulogio Penayo, el mulato bragado de piernas. Ahora había en la Oguasú venticinco machos cabríos. Necesitaban desfogarse y se desfogaban a las buenas o a las malas.

El Buey-Rojo desfloraba a las nuevas y las pasaba a sus hombres cuando se cansaba de ellas.

Las noches de farra menudeaban en la Oguasú. Los capangas salían a recorrer los ranchos reclutando a las kuñá. Cuando escaseaba mujer, hubo alguna que tuvo que soportar todo el tendal de machos, mientras el fuego líquido de la guaripola y el fuego podrido de la lujuria alumbraban la farra, entre gritos, guitarradas, cantos rotos y carcajadas soeces.

El entusiasmo para la huelga se apagó como quemado por un ácido. Las palabras de Solano Rojas morían sin eco, sordamente rechazadas. Ya ni lo querían escuchar. El terror tenía paralizada a la gente. El rostro de tronera de Harry Way prendía ojos de lechuza vienteadora desde las ventanas de la

Oguasú. Se sentían vigilados hasta en sus pensamientos.

—Qué huelga, Solano! —decían los pocos que aún no estaban del todo desanimados—. Mé' mejor quemano' la fábrica y no'e condemo' en el monte.

—La fábrica no' é el enemigo de nojotro. El enemigo é'ta en el Oguasú. En toda las Oguasúkuétera donde hay patrone' como el Güey-Pytá o Simón Bonaví. Contra ello-kuétera tenemo' que levantarnos.

Naturalmente, no podían fallar los soplones. Uno de ellos delató a Solano.

El Buey-Rojo le exigió primeramente con amenazas que revelara los planes de la huelga. Solano estaba mudo y tranquilo. Lo trataron de ablandar a puñetazos y a puntapiés. Solano escupió sangre, escupió dos o tres dientes, pero seguía mudo y tranquilo mientras los moretones empezaban a sombrearle el rostro.

—Llévenlo al poste. Y dugo con él —ordenó entonces el patrón.

Fue atado al "buen amigo", y torturado bestialmente. El mismo Harry Way presenció la guacheada. El zambo y el tembevo-karapé alternaron sus cueros sobre el lomo de Solano y rivalizaron en fuerza y en saña.

—Va di' peso a e'te. Lo vi'a delomar en cuarenta —dijo el petiso en voz baja al negro, antes de comenzar.

—A e'ete, entre lo do'juinto no lo delomamo en meno' d'cier— reflexionó el negro—. Ya jheyá cien-pe.

Empezaron a sonar las guachas como tiros de calibre 38 largo.

—Cinco... Diez... Quince... Veinte... El zambo y el karapé... El karapé y el zambo... Veinticinco... Treinta... El zambo y el karapé y el zambo...

A cada guachazo saltaba un pequeño surtidor rojo que resplandecía al sol. Toda la espalda de Solano ya estaba bañada en su jugo escarlata como una fruta demasado madura que dos taguátos implacables reventaban con sus acompasados aletazos. Pero Solano seguía mudo. La boca le sangraba también con el esfuerzo del silencio. Sólo sus ojos estaban empañados de alaridos rabiosos. Pero su silencio era más terrible que el estampido de las guachas.

—Más... más...! —gritaba Harry Way—. ¡Dugo con él! ¡Mí va a ensefiarte, misegable, a ser jueguista! ¡Más... más...!

... Treinta y cinco... Cuarenta y cinco... Cincuenta...

El zambo y el karapé... El karapé y el zambo...

Estaban fatigados. El karapé estertoraba y estertoraba el zambo. Al levantar la guacha se secaban el sudor de la frente con el antebrazo y se borroneaban de rojo toda la cara con las salpicaduras de la sangre. El Buey-Rojo también estertoraba, pero él no de fatiga sino de sádica emoción.

Ni el zambo ni el karapé acertaron esta vez. Sólo con ciento diez guachazos pudieron deslomar a Solano, que quedó colgando del "buen amigo".

El humo del ingenio seguía manchando el cielo. El quiste colorado latía. En la Oguasú hubo esa noche rumor de farra.

El poste amaneció vacío. Manos anónimas desataron en la oscuridad a

Solano y lo llevaron por el río. Si los capangas de Harry Way no hubieran estado durmiendo su borrachera, tal vez habrían sentido maniobrar quedadamente en el recodo a los cachiveos de los carpincheros.

Los días pasaron lentamente. La desesperación creció en los trabajadores del ingenio y empezó a desbordar como agua que una mala luna arrancaba de madre.

La destrucción de la fábrica quedó decidida.

Era en cierto modo la consecuencia natural del estado de ánimo colectivo. La solución extrema dictada no por el valor, sino por el miedo. La gente estaba embrujada por el miedo. Estaba embrujada por el odio, por la amargura sin esperanza. Estaba envenenada y seca como si durante todo ese tiempo no hubiera estado bebiendo más que jugo de víboras y guarapo de caña dulce leprosa.

La causa de sus desgracias eran la fábrica, las máquinas, el ingenio. El mismo Simón Bonavi, el propio Harry Way, habían nacido del quiste colorado. Tenían su color y su ponzoña. Destruída la fábrica, todo volvería a ser como antes.

—¡Vamo'a quemarla! —propuso Alipio Chamorro.

—¡Ya jhapy-katú! —apoyaron Secundino Ortigoza, Belén Cristaldo, Miguel Benítez, y unos quince o veinte más, mocetones arrejados a quienes no les importaba morir si podían destruir el poder del Buey-Rojo.

La ausencia de Solano Rojas lo complicaba todo. Él habría logrado sacar partido favorable de la situación. Era el cabecilla nato de los uyos. Pero lo creían muerto.

Un hachero trajo sin embargo la noticia de que estaba vivo con los carpincheros.

—Vamos a hacerlo llamar —propuso Belén Cristaldo.

—Él quiere la huelga, no el incendio —recordó Secú Ortigoza.

De todos modos, enviaron de inmediato al mismo hachero para comunicarle la decisión.

La noche fijada para el incendio, Solano Rojas remontó el río con unos cuantos carpincheros, los mismos que lo habían rescatado del poste del suicidio salvándole la vida. Todavía estaba algo débil, pero por dentro se sentía firme y ansioso.

Cuando se iban acercando al Paso, oyeron sonar disparos hacia el ingenio. Desembarcaron, subieron la barranca y continuaron aproximándose cautelosamente por el monte donde la noche era más noche con la oscuridad. Los disparos iban arreciando. Solano reconoció los máuseres y los revólveres de Harry Way, y sus matones. El corazón se le encogió con un triste presentimiento.

Al desembarcar en la explanada del ingenio, comprobó que lo que venía temiendo desgraciadamente era verdad: sus compañeros estaban acorralados dentro de la pila de rajás que rodeaba la parte trasera de la fábrica

en un gran semicírculo. Probablemente alguien había soplado a Harry Way el plan de los incendiarios, él los había dejado entrar en la trampa hasta el último hombre y ahora los estaba cazando a tiros.

Solano Rojas escudriñó las tinieblas. Sólo restaba un último y desesperado recurso. Era casi absurdo, pero había que intentarlo.

—¡Vamo'lo' mitá! —susurró a los carpincheros y volvieron a sumirse en el yavorai.

En la herradura formada por los fondos de la fábrica y la pila de leña, la oscuridad semejava el ala de un inmenso murciélago. En esa membrana viscosa y siniestra los hombres atrapados se arrebujaban, se guarecían. Pero sólo por unos instantes más.

Desde distintos puntos a la vez, los disparos de los capangas la iban pintando con fugaces y retumbantes lengüetazos amarillos. Se apagaban y surgían de nuevo en una costura fosfórica hilada de chillidos. El pespunte de fogonazos y denotaciones marcaba el reborde de la trampa. Los peones también respondían con alguno que otro tiro desde donde se hallaban parapetados. Disponían de un revólver. Lo empuñaba Alipio Chamorro. Era el "Smith-Wesson" que su hermana le había robado a un capanga un noche de farra en la Oguasú. Alipio disparaba apuntando cuidadosamente hacia las sombras que escupían saliva de fuego amarillo. Disparó hasta cinco veces.

—Me queda una bala nomá' —avisó Alipio.

—Dejá para lo' último —dijo Secú Ortigoza, sin esperanza—. Esa bala é' para vo'. Te va a sarvar de lo' capanga. No sarvó a tu hermana. Pero te va a sarvar a vo'.

Alguien trató de anular la nota fúnebre que Secú había infiltrado.

—¿Se acuerdan pa de Simón Bonavi? Dentro de su pierna' nikó podían pelear cinco perro' petiguero', de tan karé que eran.

Rieron.

—¿Y cuando oía su bragueta? —dijo Belén Cristaldo, contribuyendo a la evocación del primer patrón—. Se contentaba con eso pa no ga tarse con mujer.

Rieron a carcajadas. Condenados a una muerte segura, la veintena de peones todavía divertía sus últimos minutos con pensamientos risueños de una tranquila y desesperada ironía. Balazos de Harry Way y de sus hombres continuaban rebotando en los troncos con chistidos secos. De él no se acordaban, sino para gritarle con fría cólera, con desprecio:

—¡Güey-Pytá!...

—¡Mba é' pochhytepyno'!...

—¡Tekaká!...

—¡Piii-piii-piii...puuuu!...

Una lluvia de uñas de plomo raspó la pila de leña como una invasión de comadreas invisibles. Los peones quedaron en silencio. Dos o tres se quejaban quedadamente, como en orgamos. Se dispusieron a entregarse. En eso vieron elevarse por encima del pespunte fosfórico un resplandor hu-

meante hacia el recodo del río, en dirección a la Ogaguasú.

—¡Pema'ái, Tata...! —dijo una voz en el parapeto.

—¿Qué pikó puede ser? —preguntó Miguel Benítez, con su voz aflautada de niño.

—El juego de San Juan —murmuró Alipio en un suspiro—. Pe maña

pörá-ke jhesé... Lo' etamo viendo por última vée...

—¿En octubre pikó, Alipio, la noche de San Juan de juño? preguntó

Secú.

El resplandor crecía. Ahora se nota bien. No; no eran las fogatas de San Juan. Era la Ogaguasú que se estaba quemando. Un gran grito tembloroso surgió en el parapeto. Los capangas abandonaron el asedio de la pila de leñas y corrieron hacia la Ogaguasú. Fueron recibidos con un tiroteo graneado que tumbó a varios. Cundió entre ellos el desconcierto. Se oían los mugidos metálicos y gangosos de Harry Way tratando de contener el desbande de sus hombres repentinamente asustados.

Los sitiados comenzaron a abandonar el parapeto. Por las dudas se alejaban reptando entre la maleza.

Cuando algunos de ellos se animaron y llegaron a las inmediaciones de la Ogaguasú, se encontraron con un extraordinario espectáculo. Todo había sucedido vertiginosamente. Era algo tan inconcebible e irreal que parecía un sueño. Pero no era un sueño.

En el candelero circular de los "bungalows" de tablas, la Ogaguasú ardía como una inmensa tea que alumbraba la noche.

Delante de Solano Rojas, armado de un máuser, delante de unos treinta carpincheros armados también con maúseres y revólveres, estaba Harry Way hincado de rodillas pidiendo clemencia. Con gritos jadeantes pedía clemencia a los hombres libres, al río, al esclavo que un mes antes había mandado azotar hasta el borde de la muerte. Pedía clemencia porque él a su vez ahora no quería morir. Su camisa a rayas coloradas hecha jirones, mostraba el pecho de herrumbre. Sus *breches* color caqui, su piel de oro sanguíneo, sus botas rojas acordonadas, estaban embadurnadas de barro y de sangre. De trecho en trecho había capangas muertos. El pecoso alto y el petiso de labio leporino habían mordido el polvo junto al patrón.

Poco a poco vinieron los demás pobladores. Una gran multitud se estaba reuniendo alrededor del incendio.

—¡No me maten... no me maten...! ¡Mi ser un ciudadano extraño...! ¡Mi promete resolver las cosas a su gusto...! ¡No me maten...! —gemía el Buey-Rojo postrado en tierra, aplastado, vencido.

—¡Levántese! —le ordenó Solano Rojas. Su voz no admitía réplica. Era una voluntad tensa en que vivos y muertos hablaban. Resaltó poderosa entre el ruido del fuego.

Harry Way se levantó lentamente, dudando todavía. Su corpachón ya no era amenazante. Estaba como deshuesado.

Solano se desplazó hasta la puerta de uno de los "bungalows" en llamas y la abrió con la culata del máuser. La espaldita llagada de Solano descargó de golpe sobre los ojos del señor feudal, uno por uno, silenciosamente, todos los guachazos recibidos.

—¡Venga aquí! —volvió a ordenar implacable.

Harry Way avanzó un paso y se detuvo. Acababa de comprender. Empezó a gritar nuevamente, esta vez con gañidos de perro castigado. Dos carpincheros lo empujaron a culatazos, lo fueron empujando como a un carpincho herido en el agua, lo fueron empujando a pesar de sus gritos, de su resistencia espasmódica, de su descompuesto terror, de su ansia tremenda de salvarse de la muerte. Lo fueron empujando hasta acabar de meterlo en la ratonera ardiente.

Solano volvió a cerrar la puerta y la atrancó con el máuser.

Todos se quedaron escuchando en silencio, presenciando en silencio la invisible ejecución de Harry Way que las llamas consumaban lentamente, hasta que los gritos y los golpes de puños en los tablonos se nivelaron con el chisporroteo del fuego, decrecieron y se apagaron del todo, mientras crecía en el aire el olor de la carne quemada.

Entre los carpincheros, cerca de Solano Rojas, estaba una muchacha mirando la casa que ardía. En su rostro fino y pequeño sus pupilas azules brillaban empañadas. La firme gracia de su cuerpo de cobre emergía a través de los guñapos. Sus cabellos parecían bañados de luna, como el azúcar. No tenía armas, pero sus manos estaban cubiertas de tizne. Ella también había ayudado a quemar la Ogaguasú, a destruir la cruel y sanguinaria opresión que estaba acabando en calcinados escombros, en humo volandero, en recuerdo.

Por eso, el acordeón de Solano suena vivo y marcial en el Paso. El fuego de la tierra y de los hombres, la pasión de la libertad y del coraje, vibran en las antiguas palabras guerreras.

*Campamento Cerro-León,
catorce, quince, yesisís...
yesisiete, yesiocho...
yesisnuete batallón...*

*Ipumako la diama,
pepypike lo' mitá...*

Tras el sumario castigo del Buey-Rojo, sucedió un episodio breve, in-descriptible, maravilloso. No podía durar. Después de la pesadilla del miedito, la borrachera de la esperanza iba a ser sólo como un soplo.

Los trabajadores del ingenio recomenzaron la zafra por su cuenta después de haber hecho justicia por sus manos. La habían pagado con su dolor,

con su sacrificio, con su sangre. Y la habían pagado por adelantado. Las cuentas eran justas.

Formaron una comisión de administración en la que se incluyó a los técnicos. Y cada uno se alineó en lo suyo: los peones en la fábrica, los plantadores en los plantíos, los hacheros en el monte, los carteros en los carros, los cuadrilleros en los caminos. Todos arrimaron el hombro, hasta las mujeres, los viejos y los mita'í.

Se pusieron a trabajar noche y día sin descanso. Lo hacían con gusto, porque al fin sabían, sentían que el trabajo es una cosa buena y alegre cuando no lo manchan el miedo ni el odio. El trabajo hecho en amistad y camaradería.

No pensaban, por otra parte, quedarse con el ingenio para siempre. Sabían que eso era imposible. Pero querían entregarlo por lo menos limpio y purificado de sus taras; lugar de trabajo digno de los hombres que viven de su trabajo, y no lugar de torturas y de injusticias bestiales.

Solano Rojas habló de que se podrían imponer condiciones. Destacó emisarios a los otros ingenios del Sur y a la Capital.

No volvieron los emisarios. No pudieron siquiera terminar la zafra. A la semana de haber comenzado esta fiesta laboriosa y fraternal, el ingenio amaneció un día cercado por dos escuadrones del gobierno que venían a vengarse póstumamente al capitalista extranjero Harry Way. Traían automóticas y morteros.

Los trabajadores enviaron parlamentarios. Fueron baleados. Se acantonaron entonces en la fábrica para resistir. Las ametralladoras empezaron a entrar en acción y las primeras granadas de morteros a caer sobre la fábrica.

Los sitiados se rindieron esta vez para evitar una inútil matanza. Los escuadrones se llevaron a los presos atados con alambre. Entre ellos iba Solano Rojas con un balazo en el hombro.

Tebicuary del Guairá volvió al punto de partida. Pero en lugar del verde de antaño había sólo escombros carbonizados. Algunas carroñas humanas se hinchaban en el polvo del terraplén.

Y en lugar de humo flotaban cuervos en el aire seco y ardiente del valle.

El círculo se había cerrado y volvía a empezar.

Poco a poco regresaron los presos. Primero fue Miguel Benítez, después Secú Ortigoza, después Belén Cristaldo y por último Alipio Chamorro. Solano Rojas quedó en la cárcel. Quedó por quince años. Por fin lo soltaron. Se trajo sus recuerdos y la cicatriz de un sablazo sobre ellos. Pero había tenido que dejar los ojos en la cárcel en pago de su libertad.

Regresó como una sombra que volvía de la muerte. Sombra él por fuera y por dentro. Anduvo vagabundeando por las barrancas. Allí se quedó. Los carpincheros le ayudaron después a levantar su choza al otro lado del río y a construir su balsa. Un tropero le regaló el acordeón.

Se sentía a gusto en la barranca frente a las ruinas de la Ogaguasú. Era

el sitio del combate y el sitio de su amor. Necesitaba estar allí, al borde del camino de agua que era el camino de ella. Su oído aprendió a distinguir el paso de los carpincheros y a ubicar el cachivo negro en que la muchacha del río bogaba mirando hacia arriba el rancho del pasero.

Ella. Yasy-Möröti.

El nombre de Paso surgió de esta tierna y secreta obsesión que se transformaba en música en el rememorado acordeón del ciego.

Yasy-Möröti...

Luna blanca amada que de mí te alejas
con ojos distantes...

Por tres veces, Solano sintió bajar las fogatas de San Juan. Los carpincheros seguían cumpliendo el rito inmemorial. Traían sus cachivos a que los sapeará el fuego del Santo para que la caza fuera fructífera.

Solano se aproximaba al borde de la barranca para sentirlos pasar. Los salúdaba con el acordeón y ellos le respondían con sus gritos. Y cuando entre los fuegos el ojo de su corazón la veía pasar a ella, una extraña exaltación lo poseía. Debaba de tocar y los ojos sin vida echaban su rocío. En cada gota se apagaban paisajes y brillaba el recuerdo con el color del fuego.

La última vez que se acercó resbaló en la arena de la barranca y cayó al remanso donde guardaba su balsa, donde lavaba su ropa harapienta, de donde sacaba el agua para beber.

De allí lo sacaron los carpincheros que estuvieron toda la noche sondando el agua con sus botadores y sus arpones, al respaldor de las hogueras.

Lo sacaron enredado a un raigón negro, los brazos negros del agua verde que lo tenían abrazado estrechamente y no lo querían soltar.

Los carpincheros pusieron el cuerpo de Solano en la balsa, trozaron el ysyppó que la ataba al embarcadero y la remolcaron río abajo entre los islotes flameantes.

Sobre la balsa, al lado del muerto, iba inmóvil Yasy-Möröti.

Todavía de tanto en tanto suele escucharse en el Paso, a la caída de las noches, la música fantasmal del acordeón. No siempre. Sólo cuando amenaza mal tiempo, no hay zafra en el ingenio nuevo y todo está quieto y parado sobre el río.

—¡Chákee! —dicen entonces los ribereños aguzando el oído—. Va a haber tormenta.

—¡pú yevma ¡juina Solano cor dión...

Piensen que el Paso Yasy-Möröti está embrujado y que Solano ronda en esas noches convertido en Póra. No lo temen y lo veneran porque se sienten protegidos por el alma del pasero muerto.

Allí está él en el cruce del río como un guardián ciego e invisible a

quien no es posible engañar porque *lo ve todo*.
Monta guardia y espera. Y nada hay tan poderoso e invencible como cuando alguien, desde la muerte, monta guardia y espera.

VOCABULARIO

- A
- Aguái: Árbol frutal. Por extensión, un crimen, la marca moral que distingue a quien lo ha cometido.
¡Aicheyáránga!: Int. ¡Pobre!
Ajhátama: Ya voy.
Aloja: Refresco hecho con agua y miel de caña.
Amandau-Kerambú: Granizo roncador.
Angu'a: Mortero.
¡Aniangá-ke!: ¡Con cuidados!
¡Aña Memby!: Int. ¡Hijo del diablo!
Aópo'í: Tejido de algodón hecho a mano.
Aó-ryé: En la mujer, el hueco interno que forma la ropa sobre el pecho, donde la campesina suele guardar dinero o efectos pequeños.
Apyká: Escano.
Arribeño: Extraño, llegado, arribado de otros lugares.
Avei: También.
Avevó: Hueco, esponjoso.
- MB
- Mba'é pochý tepynó: Pedo del diablo.
Mba'é evécharamo: De ninguna manera.
Mbegué-katú: Despaciosamente.
Mberuái: Moscardón.
Mboi-yaguá: Especie de víbora.
Mbureá: Bramar el toro.
- C
- Cachiveo: Canoa muy rudimentaria.
Caracú: Tuétano.
Cabayú: Hisp. Caballo.
Cochesa: Hisp. Corrupción de cosecha.
Común: Excusado, retrete.
Corocho: Áspero.
Cupial: Culata de la casa.
- CH
- ¡Cháket!: Int. ¡Cuidado!
Chata: Embarcación de poco calado y mucha capacidad.
Che ama mi: Mi pequeña ama o señora.

LA EXCAVACION

El primer desprendimiento de tierra se produjo a unos tres metros, a sus espaldas. No le pareció al principio nada alarmante. Sería solamente una veta blanda del terreno de arriba. Las tinieblas apenas se pusieron un poco más densas en el angosto agujero por el que únicamente arrastrándose sobre el vientre un hombre podía avanzar o retroceder. No podía detenerse ahora. Siguió avanzando con el plato de hojalata que le servía de perforador. La creciente humedad que iba impregnando la tosca dura lo alentaba. La barranca ya no estaría lejos; a lo sumo, unos cuatro o cinco metros, lo que representaba unos veinticinco días más de trabajo hasta el boquete liberador sobre el río.

Alternándose en turnos seguidos de cuatro horas, seis presos hacían avanzar la excavación veinte centímetros diariamente. Hubieran podido avanzar más rápido, pero la capacidad de trabajo estaba limitada por la posibilidad de desalojar la tierra en el tacho de desperdicios sin que fuera notable. Se habían abstenido de orinar en la lata que entraba y salió dos veces al día. Lo hacían en los rincones de la celsa húmeda y agrietada, con lo que si bien aumentaban el hedor, sinietro de la reclusión ganaban también unos cuantos centímetros más de bodega para el contrabando de la tierra excavada.

La guerra civil había concluido seis meses atrás. La perforación del túnel duraba cuatro. Entretanto, habían fallecido por diferentes causas, no del todo apacibles, diecisiete de los ochenta y nueve presos políticos que se hallaban amontonados en esa inhóspita celda, antro, retrete, ergástulo pestilente, donde en tiempos de calma no habían entrado nunca más de ocho o diez presos comunes.

De los diecisiete presos que habían tenido la estúpida ocurrencia de morir, a nueve se habían llevado distintas enfermedades contraídas antes o después de la prisión; a cuatro, los apremios urgentes de la cámara de torturas; a dos, la ruda ventosa de la tisis galopante. Otros dos se habían suicidado abriéndose las venas, uno con la púa de la hebilla del cintío; el otro, con el plato, cuyo borde afiló en la pared, y que ahora servía de herramienta para la apertura del túnel.

Esta estadística era la que regía la vida de esos desgraciados. Sus esperanzas y desalentos. Su congoja callosa, pero aún sensitiva. Su sed, el hambre, los dolores, el hedor, su odio encendido en la sangre, en los ojos, como esas mariposas de aceite que a pocos metros de allí —tal vez solamente un centenar— brillaban en la Catedral delante de las imágenes.

La única respiración venía por el agujero aún ciego, aún nonato, que iba creciendo como un hijo en el vientre de esos hombres ansiosos. Por allí venía el olor puro de la libertad, un soplo fresco y brillante entre los excrementos. Y allí se tocaba, en una especie de inminencia trabajada por el vértigo, todo lo que estaba más allá de ese boquete negro.

Eso era lo que sentían los presos cuando escarbaban la tosca con el plato de hojalata, en la noche angosta del túnel.

Un nuevo desprendimiento le enterró esta vez las piernas hasta los riñones. Quiso moverse, encoger las extremidades atrapadas, pero no pudo. De golpe tuvo exacta conciencia de lo que sucedía, mientras el dolor crecía con sordas puntadas en la carne, en los huesos de las piernas enterradas. No había sido una simple veta reblandecida. Probablemente era una cuña de tierra, un bloque espeso que llegaba hasta la superficie. Probablemente todo un cimbitio se estaba sumiendo en la falla provocada por el desprendimiento.

No le quedaba otro recurso que cavar hacia adelante. Cavar con todas sus fuerzas, sin respiro; cavar con el plato, con las uñas, hasta donde pudiese. Quizá no eran cinco metros los que faltaban; quizá no eran veinticinco días de zapa lo que aún lo separaban del boquete salvador de la barranca del río. Quizás eran menos; sólo unos cuantos centímetros, unos minutos más de arañazos profundos. Se convirtió en un topo frenético. Sintió cada vez más húmeda la tierra. A medida que le iba faltando el aire, se sentía animado. Su esperanza crecía con su asfixia. Un poco de barro tibio entre los dedos le hizo prorrumpir en un grito casi feliz. Pero estaba tan absorto en su emoción, la desesperante tiniebla del túnel lo envolvía de tal modo, que no podía darse cuenta de que no era la proximidad del río, de que no eran sus filtraciones las que hacían ese lodo tibio, sino su propia sangre brotando debajo de las uñas y en las yemas heridas por la tosca. Ella, la tierra densa e impenetrable, era ahora la que, en el epílogo del duelo mortal comenzó hacia mucho tiempo, lo gastaba a él sin fatiga y lo empezaba a comer aún vivo y caliente. De pronto, pareció alejarse un poco. Manoteó en el vacío. Era él quien estaba quedando atrás en el aire como piedra que empezaba a estrangularlo. Procuró avanzar, pero sus piernas ya irremediablemente formaban parte del bloque que se había desmoronado sobre ellas. Ya ni las sentía. Sólo sentía la asfixia. Se estaba ahogando en un río sólido y oscuro. Dejó de moverse, de pugnar inútilmente. La tortura se iba transformando en una inexplicable delicia. Empezó a recordar.

Recordó aquella otra mina subterránea en la guerra del Chaco, hacía mucho tiempo. Un tiempo que ahora se le antojaba fabuloso. Lo recordaba, sin embargo, claramente, con todos los detalles.

En el frente de Gondra, la guerra se había estancado. Hacía seis meses que paraguayos y bolivianos, empujados frente a frente en sus inexpugnables posiciones, cambiaban obstinados tiroteos e insultos. No había más de cincuenta metros entre unos y otros.

En las pausas de ciertas noches que el melancólico olvido había hecho de pronto atrozmente memorables, en lugar de metralla canjeaban música y canciones de sus respectivas tierras.

El altiplano entero, pétreo y desolado, bajaba arrastrado por la quejumbre de las cuecas; toda una raza hecha de cobre y castigo, desde su plataforma cósmica, bajaba hasta el polvo voraz de las trincheras. Y hasta

allí bajaban desde los grandes ríos, desde los grandes bosques paraguayos, desde el corazón de su gente también absurda y cruelmente perseguida, las polcas y guaranías, juntándose, hermanándose con aquel otro aliento melódico que subía desde la muerte. Y así sucedía porque era preciso que gente americana siguiese muriendo, matándose, para que ciertas cosas se expresaran correctamente en términos de estadística y mercado, trueques y expoliaciones correctas, con cifras y números exactos, en boletines de la rapaña internacional.

Fue en una de esas pausas en que en unión de otros catorce voluntarios, Perucho Rodi, estudiante de Ingeniería, buen hijo, hermano excelente, hermoso y suave moreno de ojos verdes, había empezado a cavar ese túnel que debía salir detrás de las posiciones bolivianas con un boquete que en el momento señalado entraría en erupción como el cráter de un volcán.

En dieciocho días los ochenta metros de la gruesa perforación subterránea quedaron cubiertos. Y el volcán entró en erupción con lava sólida de metralla, de granadas, de proyectiles de todos los calibres, hasta arrasar las posiciones enemigas.

Recordó en la noche azul, sin luna, el extraño silencio que había precedido a la masacre y también el que lo había seguido, cuando ya todo estaba terminado. Dos silencios idénticos, sepulcrales, latentes. Entre los dos, sólo la posición de los astros había producido la mutación de una breve secuencia. Todo estaba igual. Salvó los restos de esa espantosa carnicería que a lo sumo había añadido un nuevo detalle apenas perceptible a la decoración del paisaje nocturno.

Recordó, un segundo antes del ataque, la visión de los enemigos sumidos en el tranquilo sueño del que no despertarían. Recordó haber elegido a sus víctimas, abarcándolas con el girar aún silencioso de su ametralladora. Sobre todo, a una de ellas: un soldado que se retorció en el remolino de una pesadilla. Tal vez soñaba en ese momento en un túnel idéntico, pero inverso al que les estaba acercando al exterminio. En un pensamiento suficientemente extenso y flexible, esas distinciones en realidad carecían de importancia. Era despreciable la circunstancia de que uno fuese el exterminador y otro la víctima inminente. Pero en ese momento todavía no podía saberlo.

Sólo recordó que había vaciado íntegramente su ametralladora. Recordó que cuando la automática se le había finalmente recalentado y atascado, la abandonó y siguió entonces arrojando granadas de mano, hasta que sus dos brazos se le durmieron a los costados. Lo más extraño de todo era que, mientras sucedían estas cosas, le habían atravesado recuerdos de otros hechos, reales y ficticios, que aparentemente no tenían entre sí ninguna conexión y acentuaban, en cambio, la sensación de sueño en que él mismo flotaba. Pienso, por ejemplo, en el escapulario carmesí de su madre (real); en el inmenso panamí de bronce de la tumba del poeta Ortiz Guerrero (ficticio); en su hermanita María Isabel, recién recibida de maestra (real). Estos

parpadeos incoherentes de su imaginación duraron todo el tiempo. Recordó haber regresado con ellos chapoteando en un vasto y espeso estero de sangre.

Aquel túnel del Chaco y este túnel que él mismo había sugerido cavar en el suelo de la cárcel, que él personalmente había empezado a cavar y que, por último, sólo a él le había servido de trampa mortal; este túnel y aquél eran el mismo túnel; un único agujero recto y negro con un boquete de entrada, pero no de salida. Un agujero negro y recto que a pesar de su rectitud le había rodeado desde que nació como un círculo subterráneo, irrevocable y fatal. Un túnel que tenía ahora para él cuarenta años, pero que en realidad era mucho más viejo, realmente inmemorial.

Aquella noche azul del Chaco, poblada de estruendos y cadáveres había mentido una salida. Pero sólo había sido un sueño; menos que un sueño: la decoración fantástica de un sueño futuro en medio del humo de la batalla.

Con el último aliento, Perucho Rodi la volvía a soñar; es decir, a vivir. Sólo que ahora aquel sueño lejano era real. Y ahora sí que avistaba el boquete engeguecedor, el perfecto redondel de la salida.

Sonó (recordó) que volvía a salir por aquel cráter en erupción hacia la noche azulada, metálica, fragorosa. Volvió a sentir la ametralladora ardiente y convulsa en sus manos. Sonó (recordó) que volvía a descargar ráfaga tras ráfaga y que volvía a arrojar granada tras granada. Sonó (recordó) la cara de cada una de sus víctimas. Las vio nitidamente. Eran ochenta y nueve en total. Al franquear el límite secreto, las reconoció en un brusco resplandor y se estremeció: esas ochenta y nueve caras vivas y terribles de sus víctimas eran (y seguirán siéndolo en un fognazo fotográfico infinito) las de sus compañeros de prisión. Incluso los diecisiete muertos, a los cuales se había agregado uno más. Se soñó entre esos muertos. Sonó que soñaba en un túnel. Se vio retorcerse en una pesadilla, soñando que cavaba, que luchaba, que mataba. Recordó nitidamente al soldado enemigo a quien había abatido con su ametralladora, mientras se retorcia en una pesadilla. Sonó que aquel soldado enemigo lo abatía ahora a él con su ametralladora, tan exactamente parecido a él mismo que se hubiera dicho que era su hermano mellizo.

El sueño de Perucho Rodi quedó sepultado en esa grieta como un diamante negro que iba a alumbrar aun otra noche.

La frustrada evasión fue descubierta; el boquete de entrada en el piso de la celda. El hecho inspiró a los guardianes.

Los presos de la celda 4 (llamada Valle-f), menos el exadido Perucho Rodi, a la noche siguiente encontraron inexplicablemente descorrido el cerrojo. Sondearon con sus ojos la noche siniestra del patio. Encontraron que inexplicablemente los pasillos y corredores estaban desiertos. Avanzaron. No enfrentaron en la sombra la sombra de ningún centinela. Inexplicablemente, el caserón circular parecía desierto. La puerta trasera que daba a una callejuela clausurada, estaba inexplicablemente entreabierta. La empujaron,

salieron. Al salir, con el primer soplo fresco, los abatió en masa sobre las piedras el fuego cruzado de las ametralladoras que las oscuras troneras del panóptico escupieron sobre ellos durante algunos segundos.

Al día siguiente, la ciudad se enteró solamente de que unos cuantos presos habían sido liquidados en el momento en que pretendían evadirse por un túnel. El comunicado pudo mentir con la verdad. Existía un testimonio irrefutable: el túnel. Los periodistas fueron invitados a examinarlo. Quedaron satisfechos al ver el boquete de entrada en la celda. La evidencia anulaba algunos detalles insignificantes: la inexistente salida que nadie pidió ver, las manchas de sangre aun frescas en la callejuela abandonada.

Poco después el agujero fue cegado con piedras, y la celda 4 (Valle-f) volvió a quedar abarrotada.